

PUCRS

FACULDADE OU ESCOLA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO EM TEOLOGIA

GERMANO SOARES SILVA

**PREDESTINAÇÃO E LIVRE ARBÍTRIO NA TEOLOGIA DE JACÓ ARMÍNIO:  
CONTRIBUIÇÕES DO ARMINIANISMO DO SÉCULO XVI PARA UMA ATUAL  
TOMADA DE CONSCIÊNCIA DA LIBERDADE HUMANA DE JULGAR E AGIR  
COM RESPONSABILIDADE, EM UMA SOCIEDADE EM CONSTRUÇÃO**

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre

2017

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

GERMANO SOARES SILVA

**PREDESTINAÇÃO E LIVRE ARBÍTRIO NA TEOLOGIA DE JACÓ ARMÍNIO:  
CONTRIBUIÇÕES DO ARMINIANISMO DO SÉCULO XVI PARA UMA ATUAL  
TOMADA DE CONSCIÊNCIA DA LIBERDADE HUMANA DE JULGAR E AGIR  
COM RESPONSABILIDADE, EM UMA SOCIEDADE EM CONSTRUÇÃO**

Porto Alegre  
2017

GERMANO SOARES SILVA

**PREDESTINAÇÃO E LIVRE ARBÍTRIO NA TEOLOGIA DE JACÓ ARMÍNIO:  
CONTRIBUIÇÕES DO ARMINIANISMO DO SÉCULO XVI PARA UMA ATUAL  
TOMADA DE CONSCIÊNCIA DA LIBERDADE HUMANA DE JULGAR E AGIR  
COM RESPONSABILIDADE, EM UMA SOCIEDADE EM CONSTRUÇÃO.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Departamento de Pós-Graduação em Teologia,  
do Curso de Mestrado de Teologia, da  
Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre  
2017

GERMANO SOARES SILVA

**PREDESTINAÇÃO E LIVRE ARBÍTRIO NA TEOLOGIA DE JACÓ ARMÍNIO:  
CONTRIBUIÇÕES DO ARMINIANISMO DO SÉCULO XVI PARA UMA ATUAL  
TOMADA DE CONSCIÊNCIA DA LIBERDADE HUMANA DE JULGAR E AGIR  
COM RESPONSABILIDADE, EM UMA SOCIEDADE EM CONSTRUÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Pós-Graduação em Teologia, do Curso de Mestrado de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin - PUCRS

---

Prof. Dr. Érico Hammes - PUCRS

---

Prof. Dr. Roberto Ervino Zwetsch - Faculdade EST

À minha esposa Ana Maria; aos meus filhos Eduardo, Germano Júnior e Hudson; às minhas netas: Maria Eduarda, Caroline e Lavínia; e às minhas noras, Alessandra, Stela e Melissa.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Deus Eterno, que, na sua providência, deu-me a oportunidade de viver e realizar este trabalho.

Ao Departamento de Pós-Graduação, em nível de Mestrado, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre.

Ao Dr. Érico João Hammes, pela acolhida a um pentecostal assembleiano querendo aprender mais a Teologia.

A todos os meus professores, que me possibilitaram o aprimoramento do conhecimento.

E, por fim, ao meu orientador, Dr. Luis Carlos Susin, pela sua paciência, conhecimento, sabedoria e humildade, orientando-me com gesto de cristão que procura se esmerar no ensino do verdadeiro conhecimento.

“Se há alguma ordem de homens à qual é completamente inadequado aspirar às honras deste mundo, em especial as honras que são acompanhadas de pompa e aplauso, essa, sem dúvida, é a ordem eclesiástica – um conjunto de homens que deveriam estar inteiramente ocupados com o zelo por Deus e pelo alcance daquela glória que está à disposição dEle.”

ARMÍNIO, Jacó. *As Obras de Jacó Armínio*. Vol. 1, p. 25.

## RESUMO

O presente trabalho tem como escopo o propósito de focar o pensamento teológico de Jacó Armínio, sobre as temáticas do Livre Arbítrio e da Predestinação. Estes temas sempre foram discutidos por calvinistas em solo brasileiro, e somente pelo ângulo reformado, pelo fato de as obras de Armínio não serem conhecidas nas academias teológicas do Brasil. Neste início do século XXI, surgiu início a uma série de publicações acerca do pensamento de Jacó Armínio, por arminianos brasileiros que se esforçaram e estão se esforçando com o intuito não de promover discussões sem sentido, mas mostrar como Armínio pensava e refletia as Sagradas Escrituras, produzindo suas mensagens e seus estudos para instruir a igreja em que foi pastor na Holanda. Para a grande alegria dos admiradores das obras de Armínio, no ano de 2015, a Casa Publicadora das Assembleias de Deus do Brasil (CPAD) publicou em três volumes as Obras de Armínio. Essa publicação serviu de base para o presente trabalho, somando-se outras obras publicadas por estudiosos arminianos brasileiros e norte-americanos. Este trabalho não trata de todo o pensamento de Armínio, mas foi de interesse pessoal, refletir acerca do Livre Arbítrio e da Predestinação. O primeiro capítulo aborda o cenário das principais controvérsias e, também, dos conflitos na realidade eclesial da Holanda de 1609 a 1618. Nesse cenário estavam presentes como principais protagonistas calvinistas e arminianos. Quanto ao segundo capítulo tem como abordagem a temática da Predestinação, não como fatalismo, mas para a adoção e, também, para a glória de Deus. Predestinação tem como escopo a responsabilidade do cristão no Reino de Deus. E por último, o terceiro capítulo, que tem como conteúdo o significado do Livre Arbítrio e seus poderes para as dimensões de uma cristandade livre e responsável. Espera-se que todos aqueles e aquelas que se envolverem com o conteúdo deste trabalho, tenham ânimo e ação, a fim de se poder refletir com liberdade sobre o pensamento de Jacó Armínio, para a existência de boa realidade social e eclesial.

**Palavras-chave:** Cristo, Jacó Armínio, Livre Arbítrio, Predestinação, Salvação.



## ABSTRACT

The present work has the purpose of focusing the theological thought of Jacob Arminius on the themes of Free Will and Predestination. These themes have always been discussed by Calvinists on Brazilian soil, and only by the Reformed angle, for the lack of works of Arminius are not known in the theological academies of Brazil. At the beginning of the 21st century, a series of publications about the thinking of Jacob Arminius began, by Brazilian Arminians who struggled and are struggling not to promote meaningless discussions, but to show how Arminius thought and reflected the Sacred Scriptures, producing his messages and his studies to instruct the church where he was pastor in Holland. To the great joy of admirers of the works of Arminius, in 2015, Publishing House Assemblies of God of Brazil (CPAD) published in three volumes the Works of Arminius. This publication served as the basis for the present work, adding other works published by Brazilian and North American Arminian scholars. This work does not deal with all of Arminius's thinking, but it was of personal interest to reflect on Free Will and Predestination. The first chapter deals with the scene of the main controversies and also of the conflicts in the ecclesial reality of the Netherlands from 1609 to 1618. In this scenario were present as main protagonists Calvinists and Arminians. The second chapter deals with the theme of Predestination, not as fatalism, but for adoption and also for the glory of God. Predestination has as its scope the responsibility of the Christian in the Kingdom of God. And finally, the third chapter, which has as its content the meaning of Free Will and its powers to the dimensions of a free and responsible Christendom. It is hoped that all those who are involved in the content of this work will have spirit and action in order to be able to freely reflect on the thought of Jacob Arminius for the existence of a good social and ecclesial reality.

**Keywords:** Christ, Jacob Arminius, Free Will, Predestination, Salvation.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 O CENÁRIO DAS PRINCIPAIS CONTROVÉRSIAS E CONFLITOS NA REALIDADE ECLESIAL DA HOLANDA DE 1609 A 1618 ENVOLVENDO CALVINISTAS E ARMINIANOS .....</b>	<b>13</b>
2.1 ASPECTOS BIOGRÁFICOS DE JACÓ ARMÍNIO.....	13
2.2 APOLOGIA CONTRA TRINTA E UM ARTIGOS DIFAMATÓRIOS .....	15
2.3 A NATUREZA DOS VINTE E CINCO DEBATES PÚBLICOS ACERCA DE PONTOS TEOLÓGICOS E OS SETENTA E NOVE DEBATES PRIVADOS DE JACÓ ARMÍNIO .	19
<b>3 PREDESTINAÇÃO PARA A ADOÇÃO E PARA A GLÓRIA DE DEUS.....</b>	<b>28</b>
3.1 DEBATE XL - “SOBRE A PREDESTINAÇÃO DOS CRISTÃOS” .....	29
3.2 PREDESTINAÇÃO COMO MISSÃO E NÃO COMO FATALISMO .....	31
3.3 PREDESTINAÇÃO PARA A ADOÇÃO DE FILHOS .....	32
3.4 PREDESTINAÇÃO PARA A GLÓRIA DE DEUS E DO SEU REINO.....	35
3.5 DEBATE XLI - “SOBRE A PREDESTINAÇÃO DOS MEIOS PARA O FIM” .....	36
3.6 DEBATE XLII - “SOBRE A VOCAÇÃO DOS SERES HUMANOS PECADORES A CRISTO, E A UMA PARTICIPAÇÃO DA SALVAÇÃO NELE” .....	37
3.7 DEBATE XLIII - “SOBRE O ARREPENDIMENTO PELO QUAL OS SERES HUMANOS RESPONDEM À VOCAÇÃO DIVINA” .....	40
3.8 A UNIÃO DOS CRENTES EM CRISTO E SEUS RESULTADOS (DEBATES: XLV-XLIX) .....	42
<b>4 O SIGNIFICADO E OS PODERES DO LIVRE-ARBÍTRIO PARA AS DIMENSÕES BÁSICAS DE UMA CRISTANDADE LIVRE E RESPONSÁVEL .....</b>	<b>47</b>
4.1 SOBRE A CRIAÇÃO DO SER HUMANO À IMAGEM DE DEUS .....	50
4.2 O SIGNIFICADO DE LIVRE-ARBÍTRIO .....	52
4.3 OS PODERES DO SER HUMANO E SEU LIVRE-ARBÍTRIO .....	53
4.4 SOBRE O CONCERTO EM QUE DEUS ENTROU COM OS NOSSOS PRIMEIROS PATRIARCAS .....	56
4.5 OS BENEFÍCIOS DE JESUS CRISTO PARA RESGATE DO SER HUMANO .....	61
4.6 UM AGIR HUMANO OBEDIENTE AOS MANDAMENTOS EM AMOR E TEMOR.	64
4.7 OS FUNDAMENTOS PARA UMA CRISTANDADE LIVRE E RESPONSÁVEL .....	68
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>82</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Através de teólogos e historiadores nortes americanos, bem como europeus, de linha reformada, estudantes brasileiros tiveram um contato superficial acerca do pensamento teológico de Jacó Armínio. Armínio sempre foi visto como um pelagiano<sup>1</sup>, ao passo que Agostinho, Lutero e Calvino se destacaram pelas suas teologias, sendo considerados expoentes do pensamento protestante brasileiro e mundial. Tal constatação, de fato, está nos livros de teologia sistemática, ou mesmo na teologia bíblica, publicados no Brasil e nos Estados Unidos, por exemplo.

No ano de 2015, a Casa Publicadora das Assembleias de Deus do Brasil (CPAD) publicou em três volumes “As Obras de Jacó Armínio”, possibilitando ao público estudantil e aos interessados conhecerem o que Armínio pensava acerca de vários assuntos sobre os temas principais da Teologia Sistemática, como por exemplo: o sacerdócio de Cristo, o Objeto da Teologia, o Autor e o Objetivo da Teologia, a Certeza da Teologia Sagrada, a Predestinação, a Providência Divina, o Livre-Arbítrio do Ser Humano, a Graça Deus, a Perseverança dos Santos, a Certeza da Salvação, a Perfeição dos Crentes nesta Vida, a Divindade do Filho de Deus, a Justificação do Ser Humano diante de Deus. Outros assuntos de cunho importante da Teologia foram tratados e debatidos publicamente por Armínio com os seus opositores em nível de ideias. Por exemplo: a Fé, a Eleição, o Pecado Original, a Graça Suficiente do Espírito Santo, as Escrituras Sagradas, o Deus Trino, Pai, Filho e Espírito Santo, o Arrependimento, entre outros temas importantes. Os leitores interessados em Teologia podem tomar conhecimento com mais profundidade nas obras citadas neste trabalho.

A proposta deste trabalho não é a de demonstrar tudo o que Armínio escreveu, porém, refletir sobre a Predestinação e o Livre-Arbítrio, temas tão debatidos ao longo da história da Teologia, e, mais particularmente no Brasil, que é bem recente. Mais recente porque entre os protestantes brasileiros as temáticas da Teologia Sistemática têm um tempo bem curto. É preciso que, a partir da metade do século XX os estudos de doutrinas teológicas tenham-se iniciado. Muitos líderes que foram ordenados ao sagrado ministério, de várias denominações, não tiveram um preparo teológico (alguns tiveram que estudar fora do país). Também o Brasil recebeu vários professores dos Estados Unidos, os quais influenciaram o pensamento

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Ivan Maia de. *Pelagianismo e Semi-Pelagianismo*. São Paulo: Reflexão, 2016, p. 11ss. O autor informa o seguinte: “Pela forma que Agostinho cita Pelágio, é possível compreender que ambos eram contemporâneos, pois constantemente digladiavam-se entre si a respeito de temas elementares da fé cristã. Tradicionalmente, acredita-se que Pelágio nasceu por volta de 350 e morreu em 423, chegando aos 73 anos”.

teológico brasileiro. Ao serem constatadas as várias denominações com vários ensinamentos diferentes, pode-se ter a ideia do que ocorreu em solo pátrio.

Ao se tomar conhecimento, ainda que de modo conciso, do labor teológico de Armínio neste trabalho, bem como um pouco de sua história, sua vida pastoral, sua devoção para com as Sagradas Escrituras, é impossível deixar de continuar a pesquisa sobre as reflexões de tão nobre pastor de almas.

O primeiro capítulo do presente trabalho se ocupou com a situação da igreja na Holanda, no período de 1609 a 1618. Muitas controvérsias foram travadas entre calvinistas e arminianos. Armínio foi acusado de ser um humanista inveterado. Desde então as pessoas passaram a ser vistas como eleitas e não eleitas, calvinistas e arminianos. Para os calvinistas, o calvinismo é conjunto de ensinamentos que são inteiramente e verdadeiramente bíblicos. Enquanto o Arminianismo é algo desprovido do genuíno leite espiritual. O Arminianismo passou a ser considerado a “falácia do espantalho”<sup>2</sup> isto é, um viés teológico composto de erros e desvios do verdadeiro ensino bíblico. Porém, este capítulo tem o sentido de fazer que o leitor possa conhecer um pouco da vida de Armínio, bem como de suas reflexões teológicas, com base nas Sagradas Escrituras, com projeções para a dinâmica da vida cristã. Uma vez que era uma época de muitas críticas, Armínio, da mesma maneira que os reformadores também emitiu críticas à Igreja Católica Romana, atingindo o papado e os ensinamentos doutrinários da respectiva Igreja. No presente trabalho não houve interesse de se fomentar ou emitir quaisquer juízos acerca de posturas em relação à Igreja Católica Romana. Armínio teve mais problemas com os calvinistas, no entanto obteve graça por algumas pessoas que o admiravam, colocando-o para ocupar uma cadeira na Universidade de Leiden. Consta ainda no primeiro capítulo a apresentação de sentimentos diante de artigos que tentaram difamar a pessoa de Armínio. É interessante que Armínio primeiro debatia em público, e depois levava para a academia, com o propósito de ensinar. Percebe-se que Armínio jamais negou que a Bíblia seja a Palavra de Deus. Com esta certeza, pode responder a todos os pontos de que era acusado, de ser contrário ao ensino das Escrituras Sagradas.

Sobre o segundo capítulo que trata da Predestinação, Armínio entendia que era esta para a adoção e para a glória de Deus. Sempre fez referência à soberania de Deus, com fundamento nas Escrituras Sagradas. Ao tomar conhecimento do pensamento de Armínio sobre a Predestinação, percebe-se que esta temática nada tem a ver com fatalismo, mas com responsabilidade. Armínio ensinava que a Predestinação é o decreto do prazer de Deus. E, isto

---

<sup>2</sup> MARIANO, Wellington. *O que Teologia Arminiana?* São Paulo: Reflexão, 2015, p. 9 ss.

acontece na pessoa de Jesus Cristo. A sua maior crítica em termos soteriológicos era contra os supralapsários, que defendiam uma eleição Divina de uns para a salvação eterna e outros para a perdição, antes do pecado, ou seja, no ato da criação. E ele foi mais longe ainda, afirmou que este tipo de ensino é mais filosófico do que bíblico, fazendo Deus ser um Deus sádico. Para ele a Predestinação é para a adoção de filhos de Deus. E em Cristo o ser humano pode resgatar o seu Livre-Arbítrio, para exercer os mandatos: cultural, social e espiritual. A pedra de toque desse conteúdo é que Deus decretou receber aqueles e aquelas que se arrependem e creem em Cristo. E mais, Deus tem o poder de saber quanto aos que crerão e quanto aos que agirão de modo contrário. Assim, a vocação para a salvação é o ato misericordioso de Deus, sob a ação do Santo Espírito, sendo este que aplica no coração do ser humano os méritos de Cristo. Os salvos recebem dons que são utilizados no serviço do Reino de Deus.

O capítulo final trata do significado do Livre-Arbítrio, bem como de seus poderes para as dimensões básicas de uma cristandade livre, porém responsável. Este tema foi profundamente debatido entre Erasmo e Lutero, que por fim os levou à separação, em tempos de reformar na igreja do século XVI. Erasmo defendia que o ser humano possui livre-arbítrio, porém Lutero pensava o contrário. Segundo Calvino o ser humano foi criado sem falha. Defendia que na criação o ser humano recebeu de Deus o Livre-Arbítrio, perdendo-o na Queda. E, somente em Jesus Cristo o ser humano pode resgatá-lo. Também sobre o ser humano, criado conforme a imagem e semelhança de Deus, e por isso passa a ter o poder de decidir, de obedecer ou não obedecer. Daí é inegável o fato de que Deus tem o direito de exigir do ser humano uma religião. O ser humano foi criado por Deus, composto de corpo e alma racional<sup>3</sup>. Sob a ação de Deus e seu concerto com os primeiros patriarcas da humanidade, envolve um drama, tendo o pecado como orgulho ou presunção. Esse concerto consiste de duas partes importantes, em relação ao Criador e à criatura. Assim, é preciso haver o exercício da obediência, porque é um ato de amor e de reconhecimento por tudo que o Criador estabeleceu. Agindo assim, o ser humano recebe os benefícios de Cristo, para não mais viver uma realidade de miséria. Caso o ser humano resista à Graça Divina, perderá os benefícios para uma existência concreta e vital.

Espera-se que este trabalho possa contribuir para o aprofundamento no pensamento de um teólogo conhecido por meios indiretos, e não por suas próprias obras.

---

<sup>3</sup> Jacó Armínio defendia uma dicotomia e não uma tricotomia, como creem os crentes pentecostais de uma forma geral.

## 2 O CENÁRIO DAS PRINCIPAIS CONTROVÉRSIAS E CONFLITOS NA REALIDADE ECLESIAL DA HOLANDA DE 1609 A 1618 ENVOLVENDO CALVINISTAS E ARMINIANOS

O interesse primordial deste primeiro capítulo não é tratar dos ensinamentos calvinistas, mas o que pensava e sentia Jacó Armínio, sobre pontos de vista teológicos, em tempos de um calvinismo radical. O cenário das controvérsias, bem como dos debates provocam uma separação entre os teólogos. Diante do que será abordado nas próximas linhas, e quando não se tem pelo menos um pouco de tolerância para ouvir o outro, surgem problemas sérios. E, esses problemas duram e se propagam por muito tempo. Durante séculos a imagem de Jacó Armínio foi passada pelo ângulo calvinista. Mas, agora, com a publicação das obras de Armínio e o surgimento de escritos de autores arminianos, pode-se ter uma visão de Armínio por Armínio e pelos arminianos.

### 2.1 ASPECTOS BIOGRÁFICOS DE JACÓ ARMÍNIO

As informações que se tinha a respeito de Jacó Armínio<sup>4</sup> e de sua teologia, sempre foram abordadas no Brasil por escritores de linha reformada. Desde o início do século XXI, primeira e segunda décadas, deu-se início a uma tomada de consciência acerca de Armínio e arminianos, surgindo várias obras sobre ele<sup>5</sup>, e mais recentemente, a tradução de sua teologia, da edição em inglês, de 1853<sup>6</sup>.

Jacó Armínio nasceu em Oudewater, uma pequena cidade próxima de Utrecht, na Holanda, no dia 10 de outubro de 1560. Seu pai, Harmen Jacobsz e a sua mãe Engelrje, de Dordrecht, eram procedentes de uma família de classe média. Enquanto Armínio ainda era

---

<sup>4</sup> Utiliza-se, neste trabalho, o nome do teólogo no formato da língua portuguesa, uma vez que as obras que foram publicadas por e sobre Armínio aparecem da mesma forma. Era costume dos homens da época de Armínio (1560) latinizar seus nomes, porém a utilização do nome em português segue o esquema já referido.

<sup>5</sup> Conferir as seguintes obras de autores brasileiros e estrangeiros sobre Armínio: COSTA, Gesiel Silva. *A Teologia Armínio-Wesleyana*. Reflexão: São Paulo, 2016; COUTO, Vinicius. *Introdução à Teologia Armínio-Wesleyana*. Reflexão: São Paulo, 2014; GUNTER, W. Stephen. *Armínio e suas declarações de sentimentos*. Reflexão: São Paulo, 2017; MARIANO, Wellington. *O que é Teologia Arminiana?* São Paulo: Reflexão, 2015; STANGLIN, Keith D.; McCALL, Thomas H. *Jacó Armínio: Teólogo da Graça*. Reflexão: São Paulo, 2016; LEITE, Eduardo Silva. *O Sínodo de Dort: uma história das controvérsias entre a teologia arminiana e calvinista*. Reflexão: São Paulo, 2016; MAIA, Carlos Kleber. *Depravação Total: Arminianismo*. Reflexão: São Paulo, 2015; OLIVEIRA, Ivan de. *Pelagianismo-Semipelagianismo: Arminianismo*. Reflexão: São Paulo, 2016; OLSON, Roger E. *Teologia Arminiana: Mitos e Realidade*. Reflexão: São Paulo, 2013; RODRIGUES, Zwinglio. *Graça Resistível: Arminianismo*. Reflexão: São Paulo, 2016; TITILLO, Thiago. *Eleição Condicional: Arminianismo*. Reflexão: São Paulo, 2015; VAILATTI, Carlos Augusto. *Expiação Ilimitada: Arminianismo*. Reflexão: São Paulo, 2015.

<sup>6</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Volumes: 1, 2, 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

uma criança seu pai morreu, e ele, juntamente com um irmão e uma irmã foi deixado aos cuidados de sua mãe viúva. Foi ele criado com extrema dificuldade, juntamente com seus irmãos. Quando os espanhóis invadiram a Holanda, a casa de Armínio foi destruída no ano de 1575, e nessa invasão, sua mãe, seu irmão e sua irmã foram vítimas da matança promovida pelos espanhóis. Após essa situação triste situação, um clérigo por nome de Theodore Aemilius, um homem piedoso e educação distinta, e que residia em Utrecht, solidarizou-se com as adversidades da família de Armínio, e logo se encarregou da educação da criança. Durante o período em que viveu sob a tutela do clérigo, Armínio exibiu traços de genialidade. Foi instruído nos elementos da ciência e, em particular, nos rudimentos das línguas latina e grega. Dedicou-se ao serviço de Deus com profunda piedade, e com isso procurou desenvolver uma espiritualidade, embora muito jovem, sendo um homem exemplar<sup>7</sup>.

Armínio foi recomendado para as autoridades municipais de Amsterdã como um jovem de grande promessa para o futuro. Foi para Genebra, sendo atraído principalmente pela reputação de Beza, que na época ministrava aulas naquela Universidade. Mas, Armínio não permaneceu em Genebra por muito tempo, pois foi ofendido por alguns professores por defender o sistema dialético de Ramus, em contraposição ao sistema aristotélico e à escolástica. Retirou-se para a Faculdade de Teologia da Universidade de Basileia, adquirindo ali uma boa reputação. A faculdade lhe ofereceu o título e o diploma de doutor, porém, recusando-se a receber esse título por ser muito jovem, veio mais tarde, com mais experiência a aceitá-lo.

Jacó Armínio se opôs com todas as suas forças a muitas das doutrinas e pressupostos do papado. Atacou também os pontos de vista peculiares de Calvino sobre a Predestinação, a Justificação e a punição dos hereges com a morte de forma magistral e popular. Por vezes, sua apresentação de pontos de vista diferentes diante dos argumentos calvinistas, o colocou em sérios conflitos. Armínio recebeu um convite para ministrar teologia em Amsterdã, ocupando a cadeira de um célebre professor chamado Francis Junius, ministrante em Leiden. Assim, muitos dos ministros calvinistas protestaram violentamente contra a chamada a uma posição de tanta importância, ocupada por alguém tão competente. Esses ministros calvinistas achavam que Armínio era extremamente heterodoxo em seus ensinamentos. Diante desse fato os calvinistas tinham o apoio de Gomarus, professor influente de Leiden.

Muitos relatórios ofensivos foram espalhados, e os meios mais injustificáveis foram usados para atacar a reputação de Armínio perante o governo e as igrejas. Ele suportou os

---

<sup>7</sup> Essas informações acerca de Armínio constam na maioria das obras escritas sobre ele, listadas na relação da nota anterior.

ataques com grande serenidade. Publicou uma “Declaração de Sentimentos”<sup>8</sup> em 30 de outubro de 1608, perante os Estados, em uma assembleia em Haia, com a finalidade de expor a controvérsia entre ele e Gomarus e o seu pensamento sobre assuntos de religião e seus projetos sobre ela<sup>9</sup>.

Além de muitos fatos na vida e obra de Armínio, destaca-se aqui nesta parte a sua ordenação no dia 27 de agosto de 1558 ao pastorado. Ele foi o primeiro ministro a ser ordenado em Amsterdã, já os demais foram consagrados fora dela. Ele pastoreou a Igreja Reformada em Amsterdã por aproximadamente quinze anos, entre 1558-1602<sup>10</sup>. Dentre os assuntos tratados na Declaração de Sentimentos de Armínio, apenas dois são trabalhados neste trabalho: Predestinação e Livre-Arbítrio, uma vez que tais assuntos sejam os mais discutidos até hoje entre Calvinistas e Arminianos, fazendo-se ver as pessoas de forma dualista, eleitos e não eleitos.

Depois de alguns dados biográficos de Armínio, vamos refletir nas próximas linhas sobre as dificuldades e os conflitos que existiram entre Armínio e os seus opositores calvinistas.

## 2.2 APOLOGIA CONTRA TRINTA E UM ARTIGOS DIFAMATÓRIOS

Jacó Armínio apresentou uma “Declaração de Sentimentos” diante do Reino da Holanda, a sede do governo (Haia) no dia 30 de outubro de 1608. Apresentação que foi originalmente pronunciada em holandês e, em seguida, traduzida para o latim por alguém que não foi Armínio<sup>11</sup>.

Os conflitos tiveram como expoentes o próprio Armínio e Gomarus, em relação a pontos teológicos controversos. Segundo Gomarus, anotações feitas por Armínio tinham imensa importância, pois as opiniões de Armínio fizeram que Gomarus não se apresentasse perante o Criador<sup>12</sup>. Isso porque as opiniões de Armínio colocariam as igrejas e os cidadãos em estado de inimizade e desacordo mútuo. Porém, Armínio não tinha a menor intenção de proporcionar uma divisão na Igreja de Deus.

Nota-se, ao ler as obras de Armínio, que ele era uma pessoa paciente. Demorou a se manifestar publicamente, e quando o fez, foi uma profissão pública de seus sentimentos sobre

<sup>8</sup> Cf. GUNTER, W. Stephen. *Armínio e suas declarações de sentimentos*. São Paulo: Reflexão, 2017.

<sup>9</sup> Cf. ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CAPD, 2015. p. 179 ss.

<sup>10</sup> COSTA, Gesiel Silva. *A Teologia Armínio-Wesleyana*. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 18.

<sup>11</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CAPD, 2015. p. 179 ss.

<sup>12</sup> *Ibid.* p. 180.



o assunto da religião e seus projetos sobre ela. Isso porque muitos calvinistas o procuraram de modo particular para ouvi-lo, e ele jamais aceitou se reunir dessa maneira<sup>13</sup>.

Armínio, sempre cuidadoso na academia, assim se posicionava:

O que relatei pareceu-me um plano de grande sabedoria e prudência: sempre que um aluno desse qualquer resposta durante seus exames que, de acordo com sua afirmação, tenha sido derivada de minhas instruções, e que, julgada pelos irmãos como sendo oposta à Confissão e ao Discipulado das Igrejas Belgas, eles deveriam imediatamente confrontar aquele aluno em minha presença; e, com a intenção de investigar tais assuntos, eu me prontifiquei a me deslocar a qualquer cidade, às minhas próprias custas, mesmo estando muito distante para nos reunirmos em lugares que melhor aproovessem aos irmãos sugerir para esse propósito.<sup>14</sup>

Ao invés de reuniões secretas e sem o peso dos títulos eclesiásticos, Armínio propôs uma conferência com os representantes calvinistas, a qual eles recusaram. Essa conferência serviria para que os representantes das Igrejas pudessem explicar suas opiniões em cada artigo e em seguida Armínio exporia as suas, sobre assuntos de religião. Haveria um debate onde se pudesse debater com ordem e, também, pudesse haver refutações, a fim de haver uma plena satisfação. Depois das discussões deveria ser feito um relatório e encaminhado ao Concílio Nacional. Tal proposta foi recusada.

Esta proposta de Armínio e outros pedidos dos calvinistas a Armínio foram feitos. Aqui neste trabalho não há espaço para as entrelinhas dos pedidos, o que se poderá verificar nas obras de referências.

A situação era muito tensa. Segundo o que consta nas obras de Armínio, alguns artigos teológicos foram escritos por algum teólogo ou alguns teólogos calvinistas para difamar o pensamento e a pessoa de Jacó Armínio<sup>15</sup>. Antes da sua partida para a Convenção de Haia em junho de 1607, muitas versões dos assuntos teológicos foram distorcidas e isso rendeu inúmeras provas de ódio e de má vontade por parte de muitas pessoas. Cinco artigos foram postos nas mãos de Armínio, e lhe foi dito que eles haviam sido transmitidos a algumas das províncias, que haviam sido vistos por certos ministros e assembleias eclesiásticas. Por exemplo: A Predestinação, A Queda de Adão, O Livre Arbítrio, O Pecado Original e A Salvação Eterna das Crianças<sup>16</sup>. Eram documentos teológicos que se tinham por autor o

<sup>13</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CAPD, 2015. p. 180 ss.

<sup>14</sup> *Ibid.* p. 181.

<sup>15</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CAPD, 2015. p. 186 ss.

<sup>16</sup> Não serão tratados neste capítulo todos os pontos teológicos de Armínio, mas apenas os que foram propostos: Predestinação e Livre-Arbítrio. Esses destaques também não constaram com mais profundidade aqui nesta parte do trabalho, pois é apenas um capítulo histórico-situacional.

próprio Armínio. Mas esses documentos eram levantes de um preconceito profundo e imediato contra o próprio Armínio e não expressavam seus sentimentos sobre religião.

O tom de Armínio é mesmo apologético. É a sua defesa diante de ataques calvinistas. A tentativa era a de denunciar que Armínio tivera a intenção de introduzir na Igreja e na Universidade de Leiden novidades e instruções de hereges, acusando-o de erro e heresia, no sentido de conduzir as pessoas a se armarem contra esse teólogo.

Foi esse o contexto da última década do século XVI e nos meados do século XVII. A igreja reformada nos Países Baixos (as Províncias Unidas) foi dilacerada por essas amargas e terríveis controvérsias<sup>17</sup>. Controvérsias essas que estavam centradas nos debates teológicos acerca da predestinação e da adequada relação entre Igreja e Estado<sup>18</sup>.

Uma análise de fora desse contexto e muito distante dele, demonstra a existência de dois grupos opostos: calvinistas e arminianos<sup>19</sup>. Os calvinistas defendiam a doutrina da predestinação incondicional por Deus dos eleitos e dos réprobos, desde a fundação do mundo. Defendiam também que a Igreja pode e deve governar-se sozinha, mas com a proteção do Estado. Há quem levante a questão de que Teodoro Beza (1519-1605 que foi sucessor de Calvino em Genebra tenha pensado o que o Reformador nem sequer cogitou pensar em termos desses assuntos tão controversos. Já os arminianos defendiam que a predestinação diz respeito apenas ao homem em seu estado de pecado, não o homem enquanto criado. Defendiam, concomitantemente, que o decreto divino da eleição e da condenação está fundamentado no conhecimento prévio que Deus tem do agir das pessoas. Acerca do Estado, os magistrados cristãos têm o mesmo grau de responsabilidade pelo cuidado espiritual da igreja; e, também podem emitir leis à política eclesiástica e participar da nomeação de ministros.

As controvérsias e as disputas surgiram no interior da Igreja Calvinista. A teoria calvinista estava definida em favor de uma igreja independente da interferência política. Segundo o calvinismo tanto a Igreja quanto o Estado se constituem duas grandezas estabelecidas por Deus. Já os críticos adotaram um argumento mais secular, formando, portanto, dois grupos nos quais havia uma estreita relação entre os escritos. Assim, em se tratando de Armínio, que é o desafiante à postura da Igreja Calvinista, as suas observações

---

<sup>17</sup> Cf. a mais recente obra que traz um relato envolvente das principais controvérsias dentro do Calvinismo holandês: NOBBS, Douglas. *Teocracia e Tolerância: um estudo das controvérsias no calvinismo holandês de 1600 a 1650*. São Caetano do Sul: BVBOOKS, 2017.

<sup>18</sup> WALKER, W. *História da Igreja Cristã*. 3. ed. São Paulo: Aste, 2006. p. 633-637.

<sup>19</sup> Loc. cit.

críticas duraram no período de 1609 a 1618, quando o Sínodo de Dort<sup>20</sup> expulsou os Arminianos da Igreja. O primeiro escrito importante foi o de Franciscus Gomarus, professor em Leiden e inimigo de Armínio<sup>21</sup>.

Retomando a reflexão sobre a apologia ou defesa de Jacó Armínio contra certos artigos teológicos distribuídos nos Países Baixos e em seus limites, sabe-se de documentos diferenciados em duas séries: uma constituída de vinte e outra de onze artigos<sup>22</sup>. E, ele mesmo afirmou:

Vou usar sinceridade e consciência nesta resposta. Confessarei e defenderei tudo que sei que é verdade. Em qualquer assunto que poderia me fazer hesitar, não vou esconder a minha ignorância; e tudo o que a minha mente acusar como falso vou negar e refutar. Que o Deus da verdade e da paz direcione a minha mente e a minha mão pelo seu Espírito Santo! Amém.<sup>23</sup>

Foi com esse espírito que Armínio respondeu a todos os artigos relacionados a pontos doutrinários. Armínio deu respostas aos seguintes assuntos: Fé, o Decreto da Eleição, Justificação, Criação, a Graça suficiente do Espírito Santo, as aflições da vida, as Escrituras, as Cerimônias Legais do Antigo Testamento, o Sacrifício de Cristo por todas as pessoas e por cada indivíduo, o Pecado Original, o Conhecimento de Deus, Salvação, a Imagem de Deus no Ser Humano, a Pregação do Evangelho, Trindade, Providência de Deus, a Justiça de Cristo, as Obras, Obediência à Lei de Deus. Estes e outros pontos de vista foram tratados por Armínio, como por exemplo, as respostas às nove perguntas apresentadas pelos representantes do Sínodo e suas senhorias, os curadores da Universidade de Leiden, bem como os seus debates em público<sup>24</sup>.

Acerca dos artigos com suas premissas, é importante observar que, todos eles foram elaborados não por Armínio, mas por teólogos calvinistas, sob a forma de falácias, a fim tentar confundir o pensamento de Armínio. No entanto, esse teólogo opositor do calvinismo

---

<sup>20</sup> LEITE, Eduardo Silva. *O Sínodo de Dort: uma história das controvérsias entre a teologia arminiana e calvinista*. Reflexão: São Paulo, 2016. Essa obra faz uma análise interessante sobre o Sínodo de Dort, sobre seus contextos político, econômico e religioso. A obra fornece informações com fontes confiáveis suficientes para desmistificar todas as celeumas criadas e fomentadas pelos calvinistas sobre o ocorrido em Dordrecht.

<sup>21</sup> NOBBS, Douglas. *Teocracia e Tolerância: um estudo das controvérsias no calvinismo holandês de 1600 a 1650*. São Caetano do Sul: Bvbooks, 2017. p. xi.

<sup>22</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CAPD, 2015. p. 253 ss. Não há espaço nesta parte do trabalho para se fazer um resumo dos artigos. É de bom alvitre que o leitor faça uma investigação na obra de referência, pois Armínio com maestria responde e corrige os artigos com suas premissas.

<sup>23</sup> Cf. Ibid. p. 254.

<sup>24</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CAPD, 2015. p. 254-592. Ratificando a informação da nota 19, não é a proposta deste trabalho abordar todos os assuntos e seus debates em que Armínio participou. O intuito do trabalho é tratar das temáticas sobre a Predestinação e o Livre-Arbítrio na visão de Jacó Armínio.

demonstrou ousadia e destreza ao responder aos artigos e corrigir o que necessitava ser corrigido.

Passa-se agora a uma análise de cunho histórico sobre os debates em público, ocasiões em que Armínio se expôs veementemente.

### 2.3 A NATUREZA DOS VINTE E CINCO DEBATES PÚBLICOS ACERCA DE PONTOS TEOLÓGICOS E OS SETENTA E NOVE DEBATES PRIVADOS DE JACÓ ARMÍNIO

#### DEDICATÓRIA.

AOS MAIS HONORÁVEIS E PRUDENTES CAVALHEIROS, O PREFEITO, OS CONSELHEIROS E AUTORIDADES, QUE SÃO OS MUITO DIGNOS MAGISTRADOS DA FAMOSA CIDADE DE LEIDEN, E NOSSOS MAIS RESPEITADOS SENHORES E PATRONOS. MUITO PRUDENTES E HONORÁVEIS CAVALHEIROS [...].<sup>25</sup>

Armínio debatia em público e depois levava seus ensinamentos para a sala de aula. Pode-se destacar aqui a relação das temáticas refletidas por Armínio, muitas vezes fazendo críticas aos dogmas e à igreja, enquanto ela afirmava ser anterior à Sagrada Escritura, por exemplo. Referindo-se às Sagradas Escrituras é o primeiro ponto de seus debates públicos<sup>26</sup>.

Segundo Armínio acerca das Sagradas Escrituras, que é a infalível Palavra de Deus, a sua autoridade procede de seu autor, que é o próprio Deus (1 Tm 1.15; 2 Pe 1.9; Jo 5.39; Hb 6.18; Rm 1.5; 2 Co 10.5,6; 13.3; 12.12; Gl 1.1, 12, 13). As Escrituras constituem a base da fé cristã, por ser ela eficaz quanto ao seu ensino que tem credibilidade, bem como pela superioridade sobre toda a sabedoria humana. Com estas e outras opiniões, Armínio faz críticas a maometanos e judeus ao se referir às Sagradas Escrituras:

Ao advertir para o testemunho humano, omitiremos todos os inimigos e, também, os maometanos, que aceitaram os restos de uma religião que é composta de uma corrupção do judaísmo, cristianismo e paganismo, mas o testemunho dos que reconhecem as Escrituras tem dois lados. O dos judeus, que testemunham a respeito da doutrina e dos livros do Antigo Testamento, e o dos cristãos, que dão testemunho de todo o corpo das Escrituras. (1) Duas circunstâncias acrescentam força ao testemunho dos judeus. (i) A inconstância de sua profissão, nas profundezas da infidelidade, quando, pela mera negação, poderiam ser feitos participantes da liberdade e de possessões mundanas. (ii) O ódio que sentem pela religião cristã, que obtém sua própria origem, crescimento, e com tanta confiança, de modo a estar

<sup>25</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CAPD, 2015. p. 359. Essas palavras foram escritas pelos sete filhos de Armínio. Armínio foi casado e teve nove filhos. Dois faleceram, e os sete que acompanharam todo o seu labor elaboram uma síntese de um pouco de sua vida e obra; essa síntese consta antes da exposição de seus vinte e cinco debates públicos.

<sup>26</sup> Cf. *Ibid.* p. 364-394.

preparado para se levantar e cair, apenas pela sua evidência de juízo (At 26.22; 2 Pe 1.19,20; At 17.11).<sup>27</sup>

Armínio, também faz duras críticas aos “papistas”<sup>28</sup> que davam um valor de cunho inspirado aos dogmas elaborados pela Igreja Católica de sua época. Para Armínio, as Sagradas Escrituras são canônicas e inspiradas. Os dogmas são reflexões humanas. Logo, os dogmas são inferiores às Sagradas Escrituras<sup>29</sup>.

Outro assunto referente aos debates públicos tem a ver com a Teontologia, isto é, sobre a natureza de Deus<sup>30</sup>. Ao longo da história da humanidade o tema “Deus” sempre foi enfocado com profundidade e extensão por filósofos e por teólogos, entre outros. Alguns pensadores pensaram Deus diferentemente dos cristãos. Platão cria em duas realidades distintas: o mundo das ideias e o mundo dos sentidos. Para ele, dois deuses deram origem a esses dois mundos: um “Deus” bom, que criou o mundo perfeito; e um “deus” mau, que criou o mundo material. Assim, constituem-se duas realidades em oposição. O Deus bom de Platão é incognoscível pela realidade sensorial. Esta e outras visões sobre Deus aqui neste trabalho não serão abordadas com profundidade, pois a ideia central da obra perderia o foco.

Segundo Aristóteles Deus é o cosmos. Deus é o mundo sensorial. Este pensamento é o contrário ao de Platão. Daí surgiu uma corrente denominada de Panteísmo, isto é “tudo é Deus”. O Panteísmo funde o natural com o sobrenatural; o infinito com o finito numa só substância. Isto exclui o Deus das Escrituras, que criou todas as coisas. Spinoza declarou que o Deus é tudo o que é e que o homem está intoxicado de Deus<sup>31</sup>.

Para Armínio, “a natureza de Deus não pode ser conhecida, *a priori*, pois é a primeira de todas as coisas, e esteve sozinha, durante séculos infinitos, antes de todas as coisas”<sup>32</sup>. Somente Deus conhece Deus, mas por nós seres finitos, a natureza de Deus é conhecida de maneira reduzida, porque nos originamos dela, por emanção externa (Is 44.6; Ap 1.8; 1 Co 2.11; 1 Co 13.9). Sendo assim, a essência de Deus é vazia de toda causa e a simplicidade é um modo proeminente da essência de Deus, pelo qual ele é vazio de qualquer composição. Armínio, ao tratar de Deus tomou posse, em muito, das ideias de Tomás de Aquino. Ele utiliza termos tais como: imensidão, eternidade, simplicidade, infinidade, impassividade,

<sup>27</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CAPD, 2015. p. 369.

<sup>28</sup> Por “papistas” se entende uma referência aos que são membros da Igreja Católica Apostólica Romana. A mesma forma se encontra nas obras de João Calvino, bem como entre arminianos e calvinistas em suas obras. Cabe aqui um esclarecimento: não se tem neste trabalho a pretensão de defender qualquer alcunha a algum segmento do cristianismo.

<sup>29</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CAPD, 2015. p. 387 ss.

<sup>30</sup> Cf. *Ibid.* p. 395-421.

<sup>31</sup> BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. p. 22-23.

<sup>32</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CAPD, 2015. p. 395 ss.

imutabilidade e incorruptibilidade, entre outros, para falar de Deus, os quais poderão ser abordados em outros trabalhos acadêmicos. Tais assuntos precisam ser enfocados, porque as obras de Armínio, depois de muitos anos, é que estão penetrando em solo pátrio.

Seguindo a ordem dos temas dos debates públicos de Jacó Armínio, destaca-se também a “Pessoa do Pai e do Filho”<sup>33</sup>. Em continuidade: “Sobre o Espírito Santo”<sup>34</sup>; “Sobre os Pecados Atuais”<sup>35</sup>; “Sobre a Justiça e a Eficácia da providência de Deus a respeito do Mal”<sup>36</sup>; “Sobre o Livre-Arbítrio do Homem e seus Poderes”<sup>37</sup>; “Sobre a Lei de Deus”<sup>38</sup>; “Sobre a comparação da Lei de Deus e do Evangelho”<sup>39</sup>; “Sobre o Ofício de Nosso Senhor Jesus Cristo”<sup>40</sup>; “Sobre a Predestinação Divina”; “Sobre a Vocação dos Homens para a Salvação” “Sobre o Arrependimento”<sup>41</sup>. Prosseguindo a lista dos debates públicos, ainda temos: “Sobre a Igreja e sua Cabeça”, “Sobre a Justificação do Homem diante de Deus”, “Sobre a Liberdade Cristã”, “Sobre o Pontífice Romano e os Principais Títulos que lhe são atribuídos”, “O caso de todas as Igrejas Protestantes ou Reformadas, com respeito à sua suposta secessão”, “Sobre a Idolatria”, “Sobre a invocação dos Santos” e “Sobre a Magistratura”<sup>42</sup>.

Seguindo a ordem metodológica estabelecida, no que concerte à temática proposta, serão analisados dos setenta e nove debates privados de Jacó Armínio os seguintes<sup>43</sup>:

- Debate XL - Sobre a Predestinação dos Cristãos;
- Debate XLI - Sobre a Predestinação dos Meios para o Fim;
- Debate XLII - Sobre a Vocação dos Homens Pecadores a Cristo;
- Artigo - Sobre a Predestinação para a Salvação, e sobre a Condenação, consideradas no seu mais Alto Grau;
- Artigo - Sobre a Predestinação do Homem, Considerando, e, em parte, no seu Estado Original e, e, parte, na Queda;

<sup>33</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CAPD, 2015. p. 421-428.

<sup>34</sup> Ibid. p. 428-439.

<sup>35</sup> Ibid. p. 439-445.

<sup>36</sup> Ibid. p. 445-470.

<sup>37</sup> Ibid. p. 471-477. Esse tema juntamente com o da Predestinação são os que interessam para o presente trabalho, uma vez que são os temas mais polêmicos, entre calvinistas e arminianos.

<sup>38</sup> Ibid. p. 477-484.

<sup>39</sup> Ibid. p. 484-491.

<sup>40</sup> Ibid. p. 491-505.

<sup>41</sup> Ibid. p. 505-521. Juntamente com o tema do Livre-Arbítrio, da Predestinação e destes outros temas citados, constitui-se o foco do presente trabalho.

<sup>42</sup>Cf. Ibid. p. 521-592.

<sup>43</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CAPD, 2015. As páginas serão indicadas no desenvolvimento da obra.

- Artigo - Sobre a Predestinação Considerada depois da Queda;
- Artigo - Sobre os Decretos de Deus, que dizem respeito à Salvação;
- Artigo - Sobre a Perseverança dos Santos;
- Sobre a Certeza da Salvação.

O volume três das obras de Jacó Armínio faz referência a “Um debate amistoso entre Jacó Armínio e Francis Junius<sup>44</sup>, a respeito da Predestinação, realizado por meio de cartas”<sup>45</sup>. Esse debate amistoso irá mostrar o que Armínio pensava sobre a Predestinação. Ele sempre foi acusado pelos reformados de ter promovido uma investida contra a doutrina em questão, de tal modo que, nas igrejas arminianas, a doutrina da Predestinação foi suplantada pela Predestinação Condicional<sup>46</sup>.

É certo que essa temática da predestinação tem início com Agostinho, porque os primeiros Pais da Igreja não tinham uma ideia fechada sobre o assunto. Pelágio, que foi o opositor de Agostinho, aceitava que a predestinação para a salvação ou para a condenação, funda-se na presciência, sem haver uma predestinação absoluta, mas condicional. Já Agostinho, fazendo uma profunda reflexão sobre a temática, passou a ver que a predestinação não pode depender da presciência de Deus das ações humanas, mas era a base da presciência divina<sup>47</sup>.

O campo teológico-sistemático passou a ver Calvino como supralapsário<sup>48</sup> e Armínio como infralapsário<sup>49</sup>. Os supralapsários afirmam que a Queda do homem foi incluída no decreto divino, e que a preterição foi um ato da soberania de Deus. Por outro lado, os infralapsários admitem que o pecado foi permitido por Deus. Segundo L. Berkhof<sup>50</sup>, os primeiros colocam Deus como autor do pecado; o segundo grupo afirma o que o pecado é mais permissivo que positivo. Estas temáticas se transformaram em grandes e densas controvérsias, a ponto de provocar divisões no campo eclesiológico.

Os supralapsários se utilizam de alguns textos avulsos da Escritura fora de seus contextos, com a finalidade de justificarem seu pensamento (Sl 115.3; Pv 16.14; Is 45.10; 45.9; Jr 18.6; Mt 11.25,26; 20.15; Rm 9.17, 19-21). Já os infralapsários recorrem mais

---

<sup>44</sup> Francis Junius, célebre professor em Leiden, fez um convite a Armínio para ministrar teologia em Amsterdã, ocupando a sua cadeira.

<sup>45</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 3. Rio de Janeiro: CAPD, 2015. As páginas serão indicadas quando da produção do conteúdo a ser examinado.

<sup>46</sup> BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. p. 104-105.

<sup>47</sup> *Ibid.* p. 103.

<sup>48</sup> Ideia que afirma uma dupla predestinação antes do pecado.

<sup>49</sup> Ideia que afirma uma predestinação para a vida eterna e uma condenação eterna, a partir do pecado original.

<sup>50</sup> BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. p. 111-112.

particularmente às passagens das Escrituras nas quais os objetos da eleição aparecem numa condição de pecado, mas em estreita relação com Cristo e, também, como objetos da misericórdia e da graça divina (Cf. Mt 11.25,26; Jo 15.19; Rm 8.29,30; 9.15, 16; Ef 1. 4-12; 2 Tm 1.9)<sup>51</sup>.

Uma observação deve ser feita em relação ao fato de que algumas igrejas reformadas (calvinistas) sempre têm adotado a postura infralapsária em seus padrões doutrinários, embora tenham tolerado a posição contrária. Segundo L. Berkhof<sup>52</sup>, tanto nos Cânones de Dort, quanto na Confissão de Fé de Westminster, consta o conceito infralapsário.

É muito importante observar o que consta nos relatos da Escritura Veterotestamentária, Gn 1 e 2. No ato criador de Deus, para cada realidade, “viu Deus que era bom” (cinco vezes em Gn 1). Depois de Deus ter criado todas as coisas, por último criou o ser humano, homem e mulher, macho e fêmea, “e viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom” Gn 1.31). Se antes da Queda tudo era muito bom, não há espaço para um decreto de Deus quanto à criação de dois grupos de pessoas: uns eleitos e outros não eleitos; uns para a vida eterna e outros para a perdição eterna.

No terceiro volume das obras de Jacó Armínio consta um debate amistoso entre ele e Francis Junius, acerca da Predestinação, realizado por meio de cartas<sup>53</sup>. Em outro trabalho se poderá fazer uma análise mais profunda da natureza e sentido desse debate, porque caso fosse feito neste primeiro capítulo se tornaria extenso e não oportuno. A intenção é a de apenas se enfocar algumas ideias de Armínio sobre a temática da Predestinação, como preâmbulo para o segundo capítulo do presente trabalho.

Armínio se dirige a um calvinista, cujo pensamento continha uma visão mais palatável da Predestinação. Francis Junius não cria numa predestinação quando da criação do ser humano, ou até mesmo subsequente à criação com base numa presciência da Queda, mas dizia a respeito do homem já criado, porque sendo dotado de dons divinos, esse ser humano foi chamado a um bem sobrenatural. Este pensamento atraiu Jacó Armínio, com a finalidade de debater de modo amistoso com Junius. Percebe-se isto nas palavras introdutórias do debate: “Ao distintíssimo Francis Junius, D. D., um irmão em Cristo, digno de minha mais profunda consideração, Jacó Armínio lhe deseja saúde”<sup>54</sup>. Francis Junius responde a Armínio

---

<sup>51</sup> BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. p. 114-115.

<sup>52</sup> *Ibid.* p. 115.

<sup>53</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 3. Rio de Janeiro: CAPD, 2015.

<sup>54</sup> *Ibid.* p. 13.



com as seguintes palavras iniciais: “Reposta de Francis Junius ao muito instruído, meu amado irmão, Jacó Armínio, saudação”<sup>55</sup>.

Ainda que o debate tenha sido amistoso, com respeito, e é assim mesmo que deveria ser até hoje, Armínio não hesita em discordar de que a Predestinação esteja acima da Graça, e a Queda do ser humano incluída no decreto do Criador. Ainda, há outro modo de pensar a Soteriologia, Armínio contrastava com a ideia de reprobção ser administrada pela justiça do Deus que é todo misericordioso<sup>56</sup>. A sua crítica a Beza consta de forma veemente:

Pois, em muitas passagens, Beza contende, incisivamente, dizendo que Deus, quando predestina e quando reprova o homem, não o considera como criado, nem como caído, mas como ainda por ser criado, e afirma que isto é indicado pela palavra “massa”, usada em Romanos 9.21, e atribui grandes absurdos aos que têm perspectivas diferentes. Por exemplo, ele diz que aqueles que apresentam o homem como caído por decreto de Deus, consideram a Divindade imprudente, criando o homem antes que tivesse a sua própria mente organizada em qualquer coisa com respeito à sua condição final. Ele acusa aqueles que apresentam o homem como caído, de negar a providência divina, sem cujo decreto ou arranjo o pecado entrou no mundo, segundo sua teoria.<sup>57</sup>

Segundo Jacó Armínio, quando ele trata da doutrina da Adoção por Deus, afirma que a Adoção é preparada para os que creem, e não a fé que é preparada para os que serão adotados. E, assim também, acontece o mesmo com a justificação. Esta é a ordem estabelecida nas Escrituras, e não como Agostinho, Calvino e Beza pensaram. Enquanto esses separam, Armínio afirma que tanto a adoção quanto a justificação, ambas são concedidas aos fiéis ao mesmo tempo, mas sendo que na ordem da natureza, a justificação é anterior à adoção. Armínio, ao contrastar com seu opositor, considera o que está contido, por exemplo, em Rm 5.10.

Sobre estes assuntos relacionados à Soteriologia, Armínio afirma que tanto Beza quanto Calvino não pensaram conforme o que entende Francis Junius, como por exemplo: “Porém, não se pode aceitar, nem acredito que Calvino ou Beza teriam dito, simplesmente, que a misericórdia e a justiça não podem, realmente, ser exercidas, exceto com referência a pecadores”<sup>58</sup>.

Contrastando mais ainda com o pensamento supralapsório, Armínio aprofunda seu pensamento e, também, o estende de modo eficaz, ao afirmar que Adão, antes da queda, foi dotado de hábitos santos de vida. Porém, teve a capacidade de deixar de lado esses hábitos

<sup>55</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 3. Rio de Janeiro: CAPD, 2015. p. 15.

<sup>56</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 3. Rio de Janeiro: CAPD, 2015. p. 20 ss.

<sup>57</sup> *Ibid.* p. 20-21.

<sup>58</sup> *Ibid.* p. 27.

outorgados pelo Criador e se tornar escravo do pecado<sup>59</sup>. É bom lembrar que o pensamento supralapsório afirma que, na criação, pelo decreto divino, foi estabelecido que Deus criou umas pessoas para a salvação e outras pessoas para a perdição, a fim de que a graça e a justiça de Deus fossem exaltadas.

Sobre o pensamento de Jacó Armínio exposto no debate do terceiro volume de sua obra, considerando-se uma análise mais aprofundada, poderão ser percebidas as temáticas que envolvem a Predestinação e o Livre-Arbítrio. Ainda, sobre Deus e sua santa vontade, que é boa, na criação não estabeleceu nada que fosse constituído de alguma coisa do mal. Deus não pode ser o autor do mal, do pecado; não pode a Divindade criar pessoas para a perdição eterna. Armínio atribui a própria criatura tal infelicidade, quando escreve:

Pois era necessário que a sabedoria de Deus triunfasse desta maneira, quando Ele exibiu a sua própria ordem na desordem peculiar e voluntária de sua própria criatura. Esta desordem e alienação do bem a criatura preparou para si mesma, no impulso apropriado do livre-arbítrio, e não por um impulso da divindade. Mas aquela liberdade da vontade, diz Tertuliano contra Marcion (*lib. 2, cap. 9*) “não atribui a culpa àquele por quem foi concedida, mas àquele por quem foi orientada e dirigida, como deveria ter sido”.<sup>60</sup>

Uma reflexão feita por Gottfried Brakemeir, acerca do mal, afirma: “A principal fonte do mal é o coração humano e os seus desejos”<sup>61</sup>. Esse teólogo luterano dá uma grande colaboração para o presente trabalho. E assim se pode perguntar: Como foi que o mal penetrou na boa criação de Deus? A pergunta formula um dos maiores enigmas da história. Por acaso o mundo escapou das mãos de Deus e sucumbiu ao poder de Satanás? Como explicar a realidade de pecado, mal e sofrimento? A Bíblia dá três pistas:

1. O Mal resulta de uma queda. De acordo com fortes tradições judaicas e cristãs, os demônios seriam anjos caídos. A concepção se apoia em Gênesis 6.1-6 onde é falado de “filhos de Deus”, isto é, de seres celestiais que geram descendentes gigantes com mulheres humanas.

A interpretação especulativa enxerga nestes gigantes demônios, o que o texto, aliás, não diz. Ademais, há quem identifique Satanás com a “estrela da manhã”, ou seja, “Lúcifer”, cuja queda é festejada em Isaías (14.12). A essa mesma queda faria alusão Lucas 10.18. Acontece que a passagem de Isaías se refere ao “rei da Babilônia” (Isaías 14.4), não ao diabo.

<sup>59</sup> Loc. cit.

<sup>60</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 3. Rio de Janeiro: CAPD, 2015. p. 63.

<sup>61</sup> BRAKEMEIR, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal/São Paulo: Paulus, 2002.

A base bíblica, pois, é insuficiente para permitir a conclusão de que o mal tem origem na queda de algum ser divino.

Em muito maior evidência está a queda do próprio ser humano (Gênesis 3.1s). Querendo ser igual a Deus, ele tropeça. Sua ambição descabida faz romper a relação com Deus. Instala-se, então, toda sorte de malefício, idolatria, iniquidade (conforme Romanos 1.18s). A mitologia da queda de anjos é traiçoeira. Tenta desculpar o ser humano. Ela deve ser descartada.

2. Ora a principal fonte do mal é o coração humano. Nisto há um profundo consenso bíblico. Já em Gênesis 6.5 e 8.21 é constatado ser mau o desígnio do coração humano desde a sua mocidade. O mesmo juízo encontramos em Jesus. É do interior do coração das pessoas que saem os maus pensamentos e onde têm origem os males. A contaminação do ser humano provém de seu interior, não das coisas em que toca e com que trabalha (Marcos 7.14ss).

Isto é instrutivo. Os opositores de Jesus “endiabram” as coisas externas. Diziam que o demônio estaria nisto ou naquilo, quando na verdade o demônio estava dentro deles próprios.

Vejamos um exemplo: o ouro é metal precioso. Não tem nada de demoníaco. Mas o ser humano lhe pode dar qualidade demoníaca, prendendo nele o coração. As pessoas criam seus próprios demônios. Assim também o diz o apóstolo Paulo: os deuses pagãos em si nada são. Mas há pessoas que os adoram. E, então sim, eles exercem poder demoníaco (1 Coríntios 8.1-6). O demônio não está nas cartas de jogo, no sexo ou em altares de divindades alheias. Está nas dependências que cria, no abuso a que seduz, nas loucuras que instiga. Ele está no coração e em seus desejos. Estes produzem os “bezerros de ouro” e fazem dançar em torno deles. Demoníaca é a observação de adorar ou até de temer alguma criatura como se fosse o criador (Romanos 1.25). Satanás nasceu no coração e na mente humana.

3. Mas ele ganhou autonomia. Constituiu-se em poder trans-subjetivo, atuante na história, perceptível em diferentes tipos de “espírito mau”. O mal criou uma esfera de maldição, da qual o ser humano não consegue livrar-se de próprias energias. Ficamos apavorados pela brutalidade de que o ser humano é capaz. É verdadeira fera. E não podemos excluir nem a nós mesmos. Somos sempre, embora em proporções desiguais, vítimas e autores do pecado. O diabo sufoca o amor e ensina o ódio. Sim, o mal se encarna em sistemas, ideologias, maneiras de ser e de viver.

Jesus viu tal encarnação do mal, entre outras, nas leis da pureza e impureza de sua época (Marcos 7.1s). E o apóstolo Paulo o detectou no domínio de “lei”, “pecado” e “morte”

(Romanos 5-7). Nem toda realidade é má, graças a Deus. Mas que as forças do mal marcam angustiante presença é indiscutível evidência.

De onde provém o mal? Se houvesse resposta insofismável a esta pergunta o problema estaria (quase) resolvido. Haveria como dirigir as baterias contra esse pior dos inimigos. Infelizmente, porém, o mal é, no fundo, inexplicável. Tem algo a ver com a liberdade que Deus concedeu ao ser humano e que inclui a possibilidade do abuso. Por que é mau o coração humano? Por que eu mesmo não consigo evitar o pecado? Eis a grande incógnita. O mal não se resume numa questão técnica. Foge a uma análise científica. A biologia ainda não conseguiu isolar o “gene do pecado” e dificilmente o conseguirá no futuro. Pecado não se corrige por manipulação genética. Também mudança de estruturas, por si só, não elimina o mal. Algo de fundamental deve mudar. Ou seja: a expulsão do mal exige a força de um novo espírito.

Para finalizar este capítulo é preciso atentar ao labor teológico de Armínio e, também, dos arminianos. Foram geradas muitas controvérsias entre calvinistas e arminianos. Podem até ser concebidas como negativas para a igreja holandesa, mas do ponto de vista de que aprecia a história e a teologia, um número intenso de palavras formando e discutindo ideias, enriqueceram a história da igreja.

Os capítulos que seguem vão intensificar melhor as temáticas da Predestinação e do Livre-Arbítrio, segundo a visão de Jacó Armínio.

### 3 PREDESTINAÇÃO PARA A ADOÇÃO E PARA A GLÓRIA DE DEUS

Segundo Calvino, a soberania de Deus é percebida na criação. A Escritura Sagrada apresenta essa base, a fim de que se possa compreender este ensino; ela mostra que Deus criou o mundo e tudo o que nele há. Todas as coisas têm a sua origem em Deus, e Ele as governa, não as deixando a mercê de suas próprias leis naturais. Pode-se afirmar que Deus preserva tudo o que criou.

Deus é soberano pelo seu juízo também, e de tal modo regula sua providência, bem como é benévolo e benigno para com todos, mas é certo que, sua clemência é exercida para com os piedosos, e sua severidade para com os iníquos e réprobos. A providência é a atuação contínua de Deus pela qual ele faz todos os eventos do universo físico e moral cumprirem o desígnio para o qual ele o criou.

A benignidade de Deus faz prospera a vida dos bons. Tudo vem de Deus. Ele é a origem de tudo o que é bom. Ele socorre as necessidades. A providência divina é percebida na vida dos que o conhecem. O Senhor supre com bens a vida que Ele criou; alivia e mitiga as suas dores. Deus é misericórdia, logo, não deixa para sempre a sua criação na adversidade. O nosso socorro vem do Senhor, criador do Céu e da terra (Salmo 124.8). O Senhor providencia os meios para que a sua criação seja livre e possa viver livremente para a felicidade. Em tudo lhes consulta a salvação. A salvação é a própria integração do ser.

Quando a muitos deixa passar sem disciplina, castigo, significa que haverá outro juízo que os punirá. Mas uma coisa é certa, a míseros pecadores Deus persegue com a sua incansável benignidade, até cercá-los de benefícios e exercer a sua paternal indulgência, e trazê-los de volta da impiedade<sup>62</sup>. Acerca do soberano domínio de Deus sobre a vida humana, o ser humano é impotente para sair do caos onde está inserido. O Salmo 107 mostra a misericórdia divina que liberta o homem de suas tribulações.

Alguns pontos máximos do Deus que é o Senhor da vida humana: Deus socorre os desgraçados e quase perdidos que vagam por ermos, e os reconduz pelo bom caminho (v. 4-7); a desvalidos e famintos Deus provê alimento (v.9); Deus os liberta das prisões (v. 10-16); náufragos Ele conduz a portos incólumes (v. 23-30); a semimortos Deus concede vida e os cura de suas enfermidades (v. 17-20); aos que estão no calor e na sequeidão, Deus faz que fecundem pela secreta irrigação da graça (v.33-38); do mais alto pedestal, derruba os que se

---

<sup>62</sup> CALVINO João. *Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. Vol. 1. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. p. 59-111.

elevam pela sua própria projeção, adquirindo dignidade própria (v. 39-41); aos piedosos dá motivo de alegria, aos ímpios, Deus lhes tapa a boca (v. 42)<sup>63</sup>.

Diante desta forma de Calvino expor seu pensamento sobre Deus e a relação com o ser humano e com a criação, percebe-se certa afinidade no pensamento de Jacó Armínio quando ao tema da Predestinação<sup>64</sup>:

Com respeito ao artigo da predestinação, minha opinião a respeito é a seguinte: É um decreto eterno e misericordioso de Deus em Cristo, pelo qual Ele decide justificar e adotar os fiéis, e conceder-lhes a vida eterna, mas condenar os infiéis e as pessoas impenitentes, assim como expliquei nas teses sobre o mesmo tema que foram debatidas publicamente e nas quais ninguém encontrou nada que pudesse ser repreendido como falso ou infundado.<sup>65</sup>

Com base nestas palavras de Jacó Armínio, segue-se o seu entendimento sobre a Predestinação.

### 3.1 DEBATE XL - “SOBRE A PREDESTINAÇÃO DOS CRISTÃOS”

Este ponto inicia colocando em destaque as inspiradas palavras do apóstolo Paulo aos Romanos:

E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou. (Rm 8.28-30)

Verdade Prática: A Predestinação é doutrina bíblica que não significa fatalismo, mas o resgate da verdadeira responsabilidade do ser humano para com Deus e seu semelhante, ao aceitar a oferta de salvação em Jesus Cristo.

A temática da Predestinação não encontra unidade entre as igrejas evangélicas. Segundo Armínio<sup>66</sup> é o primeiro e mais importante artigo sobre religião, e que por muitos anos chamou a sua atenção.

Existe um pensamento entre teólogos reformados de que antes da fundação do mundo, Deus decretou tudo o que iria acontecer. Por exemplo, decretou a queda do homem. Com isso,

<sup>63</sup> CALVINO, João. *Institutas ou Tratado da Religião Cristã*, Vol. 1. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. p. 73-83.

<sup>64</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 92-93.

<sup>65</sup> *Ibid.* p. 404.

<sup>66</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1, 2, 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

pode-se concluir que Deus é o autor do pecado. Mais ainda, Deus em seus decretos eternos, criou alguns para a perdição e outros para a salvação eterna.

A linha de pensamento que segue em destaque nesta parte do trabalho tem como fundamento a Bíblia, pois se crê que ela é a Palavra de Deus, constituindo a razão da fé cristã, e não ideologias inventadas por estudiosos.

Armínio entendia que a vontade de Deus e o seu mandamento, pelos quais é estabelecida a verdadeira religião, acontece pelas condições de um concerto e a participação do ser humano nesse concerto estabelecido. E Deus decidiu lidar com os seres humanos segundo essa prescrição e através da qual ele mesmo decidiu administrar a vocação salvífica, bem como também os seus meios<sup>67</sup>.

Armínio ensinava que a Predestinação é o decreto do prazer de Deus, e, isto acontece em Jesus Cristo, pela qual ele decidiu desde toda a eternidade justificar os fiéis, outorgando-lhes a vida eterna. Mas, essa graça exclui toda causa que possa ter origem no ser humano, e pela qual Deus possa ter emitido esse decreto. E não somente isso, mas toda a ação meritória encontra sua base em Cristo, destinada aos fiéis. É uma salvação recuperada pela ação de Deus em Cristo, revelando, portanto, o seu imenso amor pelos seres humanos.

Apresentam-se no pensamento de Armínio duas questões para essa Predestinação em Jesus Cristo, isto é, as coisas divinas e os destinatários que foram alvos da predestinação dessas coisas.<sup>68</sup> Essas “coisas divinas” são as bênçãos espirituais que recebem os nomes de graça e glória. Quem as recebe são os cristãos fiéis, aqueles que exercem a crença em Deus quem justifica os ímpios e, também, no Cristo que ressuscitou. Indo um pouco mais além, a forma dessa predestinação por Deus, predetermina aos fiéis essa união com Cristo, e a graça é a causa desse decreto. E, sem a mediação de Cristo, não haveria a demonstração do amor e da misericórdia de Deus em salvar o ser humano.

Um ponto interessante nas articulações de Jacó Armínio em termos soteriológicos, que é adotado por muitos teólogos, até mesmo por muitos de linha calvinista, é certa reflexão infralapsária. Isto está nas próprias palavras de Armínio, percebendo-se também no pensamento de muitos teólogos o conteúdo abaixo:

Porém, uma vez que esse decreto de predestinação se dá segundo a eleição que, necessariamente, inclui a reprovação, devemos igualmente advertir a respeito dele. Como oposta à eleição, portanto, definimos a reprovação como sendo o decreto da

---

<sup>67</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 92-93.

<sup>68</sup> Cf. *Ibid.* p. 93.

ira de Deus ou da sua vontade severa, pelo qual, desde a eternidade, Ele decidiu condenar à perdição eterna todos os infiéis e as pessoas impenitentes, para a declaração de seu poder e da sua ira; mesmo assim, os incrédulos são visitados por essa punição, não apenas devido à incredulidade, mas também devido aos seus outros pecados, dos quais poderiam ter sido libertados através da fé em Cristo.<sup>69</sup>

É de bom alvitre refletir que o pensamento de Armínio, em termos de eleição e predestinação, é mais coerente do que o pensamento de muitos calvinistas extremados. É essa predestinação da qual Paulo fala em Rm 8.28-30, que é a base do cristianismo, da salvação e da certeza da salvação.

### 3.2 PREDESTINAÇÃO COMO MISSÃO E NÃO COMO FATALISMO

Jacó Armínio questiona um tipo de predestinação que é mais filosófica do que bíblica<sup>70</sup>, que tem sido ensinada e que tem trazido sérios problemas para o entendimento da salvação e do crescimento da Igreja. Esse tipo de predestinação tem a classificação de “supralapsariana”. Ela afirma que Deus, por um decreto eterno e imutável, destinou entre os homens alguns para a vida eterna, e outros para a destruição eterna, sem qualquer consideração no que se refere à retidão ou ao pecado, à obediência ou à desobediência, mas puramente por seu próprio prazer em demonstrar a glória da justiça ou misericórdia; ou, em demonstrar a sua graça, sabedoria, e poder livre e incondicional. Este tipo de reflexão nega o que o Livro do Gênesis em seus capítulos iniciais relata: “E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom; e foi a tarde e a manhã, o dia sexto” (Gn 1.31).

Esse tipo de predestinação faz que Deus seja um Deus sádico. E nós encontramos na Bíblia um Deus que é amor, justo e bondoso. Armínio elenca uma série de rejeições a esse tipo de predestinação<sup>71</sup>: Não é o fundamento do cristianismo; não é o fundamento da salvação; não é o fundamento da certeza da salvação. Além do mais, ela nega o livre-arbítrio outorgado ao homem, por Deus.

O que biblicamente quer dizer a doutrina da Predestinação? À luz da Revelação Bíblica e do ensino de Armínio, pode-se constatar que a Predestinação tem a ver com missão, responsabilidade, e não com fatalismo, ou mesmo certo sadismo divino. Em Gênesis 1.26-20 está escrito:

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à

<sup>69</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 93.

<sup>70</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 195 ss.

<sup>71</sup> *Ibid.* p. 200 ss.



sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra. E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda a erva que dê semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto que dê semente, ser-vos-á para mantimento. E a todo o animal da terra, e a toda a ave dos céus, e a todo o réptil da terra, em que há alma vivente, toda a erva verde será para mantimento; e assim foi.<sup>72</sup>

Deus deu ao homem e à mulher três responsabilidades: Cultural, Social e Espiritual.

**Responsabilidade Cultural:** Administrar a boa criação de Deus. Cuidar, zelar e procriar, isto é, reproduzir a espécie e desenvolver a cultura;

**Responsabilidade Social:** A família. Não há sociedade sem a família. A família é ideia de Deus; é a célula mãe da sociedade;

**Responsabilidade Espiritual:** Deus é o centro da vida. Enquanto o homem temesse a Deus, ele ganharia a imortalidade.

Mas, o ser humano criado por Deus não usou bem a sua condição de criatura para a glória do Criador. Quebrou a aliança. Desobedeceu a Deus, querendo se tornar igual ao Criador. Ele caiu; pecou.

### 3.3 PREDESTINAÇÃO PARA A ADOÇÃO DE FILHOS

Em João 3.16 está escrito: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” Deus é amor, logo não deixou a sua criação à mercê da sua própria sorte. No seu plano eterno, na própria criação já estava a “Árvore da Vida”. Isto quer dizer que a salvação do homem não foi um segundo plano, porém Jesus já estava presente como salvador tipificado pela “Árvore que estava no meio do jardim”.

Segundo Eurico Bergstén<sup>73</sup>, a palavra “predestinação” vem do grego *proorizo*, e aparece seis vezes no Novo Testamento, que significa “Ordenou antes” (1 Co 2.7); outra por “anteriormente determinado” (At 4.28) e quatro vezes por “predestinar” (Ef 1.5,11; Rm 8.29, 30). Esta palavra significa “destinar por antecipação”.

<sup>72</sup> A BÍBLIA. Português. A Bíblia Sagrada. 2. ed. Barueri: Sociedade de Bíblia do Brasil, 1996. É utilizada esta tradução em todo o corpo do trabalho. Exceto quando necessário se indicará outra referência de tradução.

<sup>73</sup> BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p. 184 ss.

Os fiéis foram predestinados em Jesus. Isto significa a solução para que o homem pecador tivesse a oportunidade de ser salvo da condenação do pecado. Jesus é a única oportunidade de vida. A Bíblia ensina que Jesus foi morto desde a fundação do mundo (cf. Ap 13.8) e que Cristo, como um cordeiro imaculado e sem pecado, foi conhecido antes da fundação do mundo.

Em Cristo o ser humano pode resgatar o seu livre-arbítrio e os seus mandatos citados anteriormente: Cultural, Social e Espiritual. Este é o verdadeiro sentido da salvação, porque fomos predestinados para “filhos de adoção” (Ef 1.5). Por amor Deus nos adotou e continua adotando aos que creem. Em Jo 1.11-13 está escrito: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus”.

A predestinação para filhos de adoção se refere aos que primeiro esperam em Jesus como meio da sua redenção, de acordo com a esperança da Boa Nova, isto é, aqueles que são agraciados com o dom gratuito da salvação.

Armínio foi muito contundente em discordar de pontos acerca da Predestinação impostos pelos teólogos da Universidade de Leiden. Ele escreveu sobre os seus próprios pontos de vista sobre a temática em debate, uma vez que os considerava de conformidade com as Sagradas Escrituras<sup>74</sup>.

**Primeiro ponto:** Segundo o decreto integral de Deus, Jesus Cristo é o fator fundamental para a mediação da salvação do ser humano. Jesus deve destruir o pecado pela sua própria morte, sendo obediente em tudo, para obter a salvação que se perdeu, comunicando-a pela sua própria virtude.

**Segundo ponto:** Deus decretou receber aqueles e aquelas que se arrependem e creem em Cristo. Eles devem perseverar até o fim. Por outro lado, decretou deixar em pecado, e sob sua ira, todas as pessoas impenitentes e incrédulas. Essas pessoas impenitentes e incrédulas serão condenadas como alheias a Cristo.

**Terceiro ponto:** Deus administra, segundo o seu decreto as formas suficientes e eficazes, a fim de produzir o arrependimento e a fé. A sabedoria divina é traduzida por misericórdia e severidade, de modo a serem percebidas em eficácia, tanto na vida dos

---

<sup>74</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 226 ss.

que se arrependem e creem, quanto no comportamento dos que agem de modo contrário.

**Quarto ponto:** Este ponto mostra que Deus sabia quanto aos que creriam e, também, a quantos não creriam. Assim, Deus decretou salvar e condenar em particular. Esta ideia tem sua base na Presciência de Deus. Por sua graça preventiva Deus dispôs os meios, porém já sabia quantos cairiam e quantos se salvariam. Eis aqui uma observação: Se Deus sabia tudo o que iria acontecer, da mesma maneira a ideia parece estar de acordo com o esquema supralapsário. O pensamento supralapsário afirma que na criação, Deus decretou a salvação de uns e a queda de outros. Logo, ele também sabia quem seria salvo e quem seria condenado<sup>75</sup>.

Segundo Armínio, a Predestinação aplicada de acordo com os seus argumentos, torna-se a fundação do cristianismo, da salvação e da certeza da mesma<sup>76</sup>. Assim sendo, a Predestinação, refletida segundo esse teólogo, permite que ele elenque uma série de premissas que dão fundamento à sua conclusão acerca da Predestinação<sup>77</sup>. Segundo ele, não havia necessidade de ser examinada ou determinada por qualquer Concílio, uma vez que essa temática está explicitamente nas Escrituras Sagradas. Há além das Escrituras uma concordância em relação a uma *Harmonia de Todas as Confissões*, que foi publicada pelas igrejas protestantes, inclusive a Holandesa. Está de acordo com a natureza de Deus e com todos os seus atributos. Também concorda com a natureza do ser humano antes do pecado, na Queda e, também, na restauração do humano. A própria criação não fica fora dessa lista de concordâncias, pois é ela uma comunicação do bem, que tem sua origem em Deus. Concorda ainda com a vida eterna e com a natureza da morte eterna. Por fim, em cada particularidade, ela se harmoniza com a natureza da graça, que se faz notável para declarar a glória de Deus e a sua justiça, bem como a sua misericórdia.

Segundo Armínio, a Predestinação promove grandemente a salvação dos seres humanos, porque ela é o poder e os próprios meios que conduzem à salvação, por fazer que o ser humano sinta tristeza pelo pecado, solicitude sobre a sua conversão, fé em Jesus Cristo e um grande e imenso desejo da pessoa realizar a obra de Deus. O zelo na oração, que gera uma espiritualidade atuante, produzindo boas obras, segundo o ensino das Escrituras Sagradas.

---

<sup>75</sup> Esta é uma reflexão nossa. Pois durante esta pesquisa pareceu bem proceder desta maneira, porque as duas ideias parecem sobressair uma certa correlação. Caberá, então, realizar uma pesquisa mais acurada, em outra oportunidade.

<sup>76</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 222 ss.

<sup>77</sup> *Ibid.* p. 227 ss.

Essa graça é tão maravilhosa que faz forte o ministério do Evangelho e o torna proveitoso no que diz respeito à pregação, à administração dos sacramentos e às orações públicas.

### 3.4 PREDESTINAÇÃO PARA A GLÓRIA DE DEUS E DO SEU REINO

Ao reconhecermos certa economia na obra da criação e da redenção, autoriza-se o que se pode falar do Pai e da nossa criação, do Filho e da nossa redenção, e do Espírito Santo e da nossa santificação. Que o Espírito Santo não somente tem uma personalidade que lhe é própria, mas também tem um método peculiar de ação; e, portanto, devemos distinguir entre a obra de Cristo merecendo a salvação, e a obra do Espírito Santo operando-a no mais profundo do coração das pessoas.

Que Cristo satisfizes as exigências da justiça divina e mereceu todas as bênçãos da salvação. Mas a sua obra ainda não está terminada. Ele a continua no céu, a fim de dar aos que creem, por quem ele entregou sua vida a posse de tudo quanto mereceu por eles.

Que mesmo a obra de aplicação é uma obra de Cristo, mas é uma obra que ele realiza por intermédio do Espírito Santo. Essa ação é entendida por todo o caminho, de eternidade a eternidade. A união com Cristo começa com a decisão pré-temporal de Deus de salvar os que creem em e através de Jesus Cristo.

Essa união, além disso, é baseada na obra redentora historicamente operada por Cristo em favor do seu povo. É uma união que é estabelecida depois do nascimento do povo de Deus, continuando através de sua vida e tendo como alvo a glorificação da vida que há de vir.

A união com Cristo tem como suas raízes na predestinação divina, sua base na obra redentora de Cristo, e seu estabelecimento real com seu povo, dentro do tempo (Mt 1.21).

Eis uma síntese da operosidade do Senhor. Somos unidos com Cristo na regeneração. Apropriamo-nos e continuamos a vivenciar essa união com Cristo pela fé. Somos justificados na união com Cristo. Somos santificados através da nossa união com Cristo. Perseveramos na vida de fé em união com Cristo. É dito que morremos com Cristo. Seremos ressuscitados com Cristo. Seremos eternamente glorificados com Cristo.

Somos chamados para algum alvo ou fim; a uma qualidade de vida. O Novo Testamento indica, de diversas maneiras, a que alvos o Senhor nos convoca: à comunhão com Jesus Cristo (1 Co 1.9), à vida eterna (1 Tm 6.12).

Ao reino e à glória de Deus (1 Ts 2.12). A uma vida de santidade (1 Ts 4.7.; 2 Tm 1.9). A seguir a Cristo como exemplo de sofrimento (1 Pe 2.21). À liberdade e paz (Gl 5.13; Cl 3.15). Para ganhar o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus (Fp 3.14).

### 3.5 DEBATE XLI - “SOBRE A PREDESTINAÇÃO DOS MEIOS PARA O FIM”

A respeito da Predestinação, Deus é quem outorga os meios para o exercício da fé salvífica<sup>78</sup>. Isso porque o poder dessa fé não está no ser humano natural. Natural quer dizer carnal, sensitivo e pecador, e ninguém pode realizar o exercício da fé salvífica sem a operação da graça. Portanto, a vontade de Deus é que sobressai, aquela vontade que Deus tem em si mesmo, desde toda a eternidade. Esse acontecimento é um ato interno: é o mesmo que o testemunho interno do Espírito Santo.

Deus é quem estabelece o decreto eterno da Predestinação em justiça, e em si mesmo administra os meios que são necessários e suficientes para produzir a fé nos corações dos seres humanos. Assim, pode-se perguntar: Há alguma causa motivadora e incitante para a promulgação desse decreto? A causa motivadora não é apenas a misericórdia de Deus, mas também a sua severidade, uma vez que Deus é totalmente sábio e sua sabedoria prescreve o modo pelo qual a sua justiça comanda todo esse processo em relação ao ser humano e sua redenção.

Existe uma dispensa, concedida ou negada, dos meios que são administrados por Deus somente<sup>79</sup>. Alguns seres humanos a recebem, para outros existe a negação. O fator para que isso ocorra é condicional. Para que haja a não queda é preciso exercer a fé, apoderando-se dos meios administrados por Deus. Pois o fim é a misericórdia de Deus e a sua severidade, sabedoria e justiça. Desta maneira, os fiéis são salvos e os infiéis são condenados, e esta condenação é mais severa para estes.

Os meios apropriados e peculiares destinados à salvação do ser humano e seu pleno desenvolvimento são: a Palavra e o Espírito. Sobre esta parceria há uma concordância de Jacó Armínio com João Calvino, onde a Palavra e o Espírito não se dissociam<sup>80</sup>. Deus não destina esses meios que ele mesmo administra, segundo algum mérito humano, a nenhuma pessoa, mas é somente pela mera graça. Mas é curioso o fato de que Deus não os nega a nenhuma pessoa, a não ser, com razão, devido a transgressões anteriores<sup>81</sup>. Imagina-se que esta forma de pensar é devido ao fato de haver pecadores que rejeitam a oferta da salvação em Jesus Cristo; e que não houve o arrependimento<sup>82</sup>.

---

<sup>78</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 94-95.

<sup>79</sup> *Ibid.* p. 95.

<sup>80</sup> Cf. CALVINO, João. *Institutas ou Tratado da Religião Cristã*, Vol. 1. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. p. 83-95.

<sup>81</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 95.

<sup>82</sup> Sugere-se aqui uma pesquisa sobre esse pensamento de Armínio.

### 3.6 DEBATE XLII - “SOBRE A VOCAÇÃO DOS SERES HUMANOS PECADORES A CRISTO, E A UMA PARTICIPAÇÃO DA SALVAÇÃO NELE”

Eis um dos temas mais significativos da Teologia Sistemática, seja tratado pelos calvinistas e arminianos, católicos romanos ou anglicanos. Neste trabalho, segundo o pensamento de Armínio, nada tem a ver com a vocação ministerial, porque em solo protestante quando se trata deste assunto, remete-se sempre à vocação ministerial. Sem dúvidas, refletindo sobre a vocação ministerial, segundo as Sagradas Escrituras, é Deus quem chama homens e mulheres para a realização de sua obra na terra.

Mas, o que importa sobre vocação é aquilo que converge para a Soteriologia, isto é, para a salvação do ser humano. Segundo Armínio a vocação é o ato misericordioso de Deus<sup>83</sup>. Esse ato misericordioso significa que, pela Palavra e pelo Santo Espírito, Deus convoca os seres humanos pecadores para a salvação. Esses seres humanos vocacionados o foram porque estavam sob o olhar divino, eram pecadores sujeitos à condenação e colocados sob o domínio do pecado. Esse ato de Deus, que é todo misericordioso, tem o intuito de que os seres humanos pecadores recebam a oferta da graça divina, deixem a condição da vida natural e as profanações deste mundo. Com isso, eles podem obter uma vida sobrenatural em Cristo. Eles fazem isso pelo arrependimento e pela fé, e assim estarem unidos a Cristo como sua cabeça e orientados por ele, a fim de que possam desfrutar de uma vida que decorre dos benefícios da salvação e para a glória de Deus.

Qual é a causa eficiente da vocação do ser humano para obter todos os benefícios citados? A causa eficiente desse ato divino é Deus o Pai, no Filho; o Filho é constituído Mediador e Rei, através de Deus o Pai, que chama os pecadores pelo Espírito Santo. Essa vocação é administrada pelo Espírito Santo, que ele é de tal maneira, seu autor. Também, nessa dinâmica, o Espírito Santo chama pessoas para desenvolverem dons a serviço da Igreja<sup>84</sup>.

Diante da reflexão, percebe-se que o meio eclesiológico está passando por um momento crítico em termos de “Vocação Ministerial”. Afirma-se que as vocações estão em evasiva. Já não há mais jovens que estejam atendendo à voz de Deus neste tempo em que pesa o toque do que os estudiosos no assunto denominam de “Pós-modernidade”<sup>85</sup>.

---

<sup>83</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 95.

<sup>84</sup> *Ibid.* p. 96.

<sup>85</sup> Sugere-se a leitura da obra de: CARVALHO, César Moisés. *Pentecostalismo e Pós-Modernidade*: quando a experiência se sobrepõe à Teologia. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. Dentre muitos pontos importantes, o autor faz uma crítica construtiva ao calvinismo.

Uma pergunta desponta: Será que Deus não está chamando mais pessoas para exercer o os mais diversificados carismas? Será que o Senhor fez cessar as vocações, pois muitos têm atendido mais aos apelos dos dons naturais, relacionados ao ganho exclusivo do vil metal?

Quando se faz uma leitura nas obras Calvino ou de Armínio, como aqui é o caso, sabe-se que Deus continua chamando pessoas para o exercício do Sagrado Ministério da Palavra e dos Sacramentos, bem como para outros dons. Mas o que está havendo é a síndrome de Jonas, o profeta que foi desobediente à Palavra de Deus. No tempo em que se chama hoje, precisa-se trazer à lume a genuína Palavra de Deus, a fim de haver o despertamento de vocações neste contexto e, isso acontece pela ação do Santo Espírito.

A figura de João Batista é a mais certa premissa de que Deus é quem usa o ser humano para realizar os seus propósitos. “Houve um homem”, significa alguém que seja criatura de Deus e filho de Deus. Quando se observa as obras da criação, lá está o ser humano como a obra prima do Criador. Deus criou esse ser conforme a sua imagem e semelhança, para que fosse o mordomo das obras criadas e em tudo glorificasse o Criador.

João Batista tem uma dupla missão ministerial: ser o precursor do Messias e a testemunha veraz da Verdadeira Luz que ilumina ao todo o homem que vem ao mundo<sup>86</sup>. Ele veio para testemunhar a respeito de Jesus. A sua biografia não interessava segundo o registro joanino, mas a sua obra em relação ao Reino de Deus.

O seu testemunho foi válido por ser ele enviado de Deus para realizar a missão preparadora e testemunhal do Messias e da nova realidade a ser instaurada na história planejada por Deus. O prólogo de João é bem claro ao afirmar que o Batista não era a Luz, mas veio para que testificasse da Luz. Isso é perceptível na Escritura.

A Divina Vocação ministerial tem três pontos que são fundamentais, segundo o ensino da Palavra de Deus: a escolha e o chamado são exclusivos de Deus o doador de todos os dons espirituais, a resposta obediente do ser humano é sinal de reconhecimento da ação de Deus na história e a missão integral da pessoa vocacionada tem uma dupla vertente: preparação e testemunho eficaz.

Qual é a causa antecedente, ou a única causa motivadora de ser isso operado pelo Espírito Santo? Armínio afirma que são a graça, a misericórdia e a filantropia de Deus<sup>87</sup>. Isso significa que Deus se inclina para socorrer a infelicidade dos seres humanos pecadores. Isto

---

<sup>86</sup> Segue-se aqui o pensamento contido no comentário de: MAGGIONI, Bruno. O Evangelho de João: da obra de *Os Evangelhos*. Vol. 2. São Paulo: Loyola, 1992. p. 282.

<sup>87</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 96.

Deus realiza para lhes conceder a sua bem-aventurança. Segundo a sua misericórdia, graça e justiça, ele procede, distribuindo-as de maneira apropriada e justa.

As Escrituras Sagradas, indubitavelmente, são a causa instrumental da vocação, administrada pelo auxílio da pessoa que exerce a sua fé em Cristo, seja por pregação ou por escrito. Armínio chama de “instrumento ordinário”<sup>88</sup>, isto é, a Palavra como causa instrumental da vocação. Assim, o objetivo principal da vocação divina para a redenção do ser humano é que este possa amar, temer, honrar e adorar a Deus e Cristo. É uma nova situação em que todos possam viver em justiça e verdadeira santidade, segundo o que ensina a Sagrada Escritura. E, deste modo que a glória de Deus e a de Cristo são percebidas nas ações do ser humano justo, amoroso e temente, diante da realidade.

Armínio trata da vocação em questão, em duas modalidades: vocação interna e vocação externa<sup>89</sup>. A vocação interna se dá pela ação do Espírito Santo, abrindo todos os canais de comunicação, a fim de que a pessoa preste atenção às coisas que são ditas, e a Palavra possa ser crida. Essa combinação faz surgir um novo ser, para a glória de Deus. Armínio afirma que as pessoas que são chamadas e que respondem ao chamado fazem parte de um grupo denominado “Igreja”<sup>90</sup>.

Armínio, diferentemente de Calvino, postula que há uma “questão acidental”<sup>91</sup> da vocação que é a sua rejeição. Para Calvino os eleitos não sofrem com essa questão. Porém, em Armínio a rejeição da doutrina da graça e o desprezo ao conselho divino constituem em iniquidade e um coração insensível. Sendo assim, Deus se vinga ao exercer a sua punição aos que rejeitam a sua oferta.

Arminianos modernos defendem que a rejeição à graça salvífica encontra base na Revelação<sup>92</sup>. O convite ao evangelho pode ser negado abertamente, e afirmar o contrário é estar em oposição ao ensino bíblico. Os que rejeitam a graça são os infiéis que são conhecidos por Deus em sua presciência.

---

<sup>88</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 96.

<sup>89</sup> *Ibid.* p. 97.

<sup>90</sup> *Loc. Cit.*

<sup>91</sup> *Loc. cit.*

<sup>92</sup> Cf. RODRIGUES, Zwinglio. *Graça resistível*. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 11 ss.



### 3.7 DEBATE XLIII - “SOBRE O ARREPENDIMENTO PELO QUAL OS SERES HUMANOS RESPONDEM À VOCAÇÃO DIVINA”

Após uma reflexão sobre a vocação segundo a visão de Jacó Armínio, é oportuna, didática e perfeitamente cabível uma reflexão sobre o Arrependimento, pelo qual o ser humano pode responder à vocação em seu duplo aspecto: vocação interna e vocação externa.

Deus decidiu em questão soteriológica, isto é, do seu eterno agrado, tratar com o ser humano por meio de um pacto ou aliança, tanto por uma exigência, quanto por uma promessa. Para que haja o cumprimento da ação salvífica de Deus, é preciso que haja o atendimento humano, sendo uma forma de obediência, para haver uma participação no concerto divino<sup>93</sup>.

Há uma relação recíproca mútua entre a promessa de Deus em sua vocação e a obediência do ser humano, pelo acolhimento ao rogo do Criador. Essa relação é a condição sem a qual o ser humano não poderá conseguir o sucesso para o seu verdadeiro bem. Sendo assim, é importante a fé, porque sem ela há o impedimento do ser humano não se realizar como humano; ele não poderá desfrutar da promessa. Caso o ser humano não exerça a sua fé em Deus, nele serão infligidos castigos, mas caso seja positiva a sua ação e a obediência a Deus sendo exercida, será demonstrada a fundação da religião.

Os religiosos atribuem três partes a essa religião<sup>94</sup>: o arrependimento, a fé em Cristo e em Deus, por intermédio da vocação do Evangelho; e, a terceira é a obediência aos mandamentos de Deus. Tudo isso constitui a santidade de vida, que é peculiar nos fiéis, e sem a qual nenhuma pessoa verá a Deus.

Mas, qual é o significado de “arrependimento”, segundo o ponto de vista da teologia de Jacó Armínio? Armínio afirma o seguinte:

O arrependimento é a tristeza ou o pesar, devido aos pecados conhecidos e reconhecidos, a dívida da morte, contraída pelo pecado, e devido à escravidão ao pecado, com um desejo de ser libertado. Por consequência, é evidente que três coisas colaboram com a penitência – a primeira, como um antecedente; a segunda, como uma consequência, e a terceira, como compreendendo, apropriada e mais plenamente, a sua natureza.<sup>95</sup>

O que Armínio quer dizer com essas palavras é que um antecedente equivale a um conhecimento ou reconhecimento do pecado, e consiste de um duplo conhecimento: um conhecimento geral, pelo qual se sabe a natureza do pecado de modo universal e segundo o

<sup>93</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 97.

<sup>94</sup> *Ibid.* p. 98.

<sup>95</sup> *Loc. cit.*

que a lei prescreve; um conhecimento particular, pelo qual há o reconhecimento de que se cometeu um pecado, tanto pela lembrança das obras más e das boas obras omitidas. Esse reconhecimento está unido à consciência de um demérito duplo, ou seja, de condenação e morte, bem como da condenação ao pecado (Cf. Rm 6.23 e Jo 8.34). Quando há esse reconhecimento, quando o ser humano passa a discernir este fato, ele se dá internamente; enquanto externamente, recebe o nome ou o ato de confissão.

É interessante como Armínio trata do “ato de confissão” e da sua natureza em relação ao conhecimento e o reconhecimento do pecado. Essa temática é tratada também por católicos e protestantes, em suas liturgias cúlticas. Enquanto nas liturgias de linhas pentecostal e neopentecostal não se percebem em seus cultos esse ato de confissão. Mas, aqui não há espaço para essa questão, pelo perigo de se sair da temática proposta.

Seguindo o pensamento de Armínio acerca de um ponto tão importante da teologia, que é o ato de confissão, este ato provoca na pessoa cristã um duplo medo de punição: uma punição corpórea e temporal, da espiritual na terra e da eterna; o temor de Deus, pelo qual as pessoas entram em juízo de um ser bom e justo, a quem ofenderam com as práticas de seus pecados<sup>96</sup>.

Qual é a consequência desse ato de penitência refletido pelo ser humano em seu estado de pecado? Essa consequência tem um desdobramento muito intenso e rico. É o desejo por libertação da parte do ser humano, isto é, a libertação da condenação do pecado, sobre a qual a Bíblia faz referência. Não somente da condenação, mas também da dominação do pecado. Na própria existência humana, o pecado como um terrível dominador, conduzindo a pessoa para a transgressão da Lei de Deus, implica já em desequilíbrio entre nas relações humanas, produzindo toda sorte de maledicências. Daí o desejo ardente por libertação.

A causa desse arrependimento é Deus. Ele opera através de sua Palavra e do seu Santo Espírito em Cristo<sup>97</sup>. É um arrependimento que não conduz o ser humano para o desespero, mas para a salvação. E, em Cristo, a pessoa pode ter essa libertação. O Espírito de Deus é o Espírito de Cristo, uma vez que ele é o mediador, que faz a pessoa ser incitado pela Palavra de Deus, mostrando-lhe a graça do Evangelho. Assim, toda a autossegurança do ser humano cai por terra, uma vez que ele depender exclusivamente da graça de Deus<sup>98</sup>.

---

<sup>96</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 99.

<sup>97</sup> Loc. cit.

<sup>98</sup> RODRIGUES, Zwinglio. *Graça resistível*. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 17. “A graça de Deus é um conceito peculiar claramente demonstrado pelas palavras bíblicas *hesed*, *hen* e *charis*. Seus sentidos mostram que a existência de um Deus gracioso é própria da fé judaico-cristã e passa de largo de outras tradições religiosas. Nenhuma religião carrega em si a ideia de um Deus detentor de uma graça que se manifesta no desejo de

A importância da fé no contexto da salvação tem o seu lugar de destaque, porque sem ela há o impedimento do ser humano não se realizar como humano; ele não poderá desfrutar da promessa de Deus. Assim, segundo Armínio “a fé é a concordância com a verdade, e a fé divina é aquela que é dedicada à verdade divinamente revelada”<sup>99</sup>. Segundo Armínio a fundação na qual se baseia a fé divina é dupla:

[...] Uma externa, que está fora ou além da mente – e outra interna, e na mente. (1.) A fundação externa da fé é a própria veracidade de Deus, que faz a declaração, e que não pode declarar nada que seja falso. (2.) A fundação interna da fé é dupla – tanto a Igreja geral, pela qual sabemos que Deus é verdadeiro – como o conhecimento pelo qual sabemos que é a palavra de Deus. A fé também é dupla, segundo o modo de revelação, sendo, ao mesmo tempo, legal e evangélica, e delas é a última que vem à nossa consideração agora, e tende a Deus e a Cristo.<sup>100</sup>

O que Armínio quer dizer é que a fé evangélica é uma concordância da mente. Essa concordância é produzida pelo Espírito Santo, que tem o Evangelho como meio, agindo no mais profundo do ser humano. E, somente deste modo é que pode haver o arrependimento. Os pecadores são persuadidos pelo Santo Espírito de que Jesus Cristo foi constituído por Deus como autor da salvação. Essa concordância não é adquirida pelo raciocínio ou meditação com base no princípio da natureza. É uma concordância infundida, acima da ordem natural e confirmada por atos devocionais diários: orações, mortificação da carne e pela prática das boas obras. Este processo não se prende a entendimentos teóricos, mas a sentimentos que são práticos. Daí a dinâmica da vida cristã desfruta de uma legitimidade, que ultrapassa a qualquer existência que se denomine religiosa.

### 3.8 A UNIÃO DOS CRENTES EM CRISTO E SEUS RESULTADOS (DEBATES: XLV-XLIX)

Neste ponto a reflexão se dirige para o que é mais divinamente relacional, que é a união dos fiéis em Cristo e com ricos resultados de uma existência feliz<sup>101</sup>.

Este tema tem a ver com a autêntica existência cristã. Portanto, é um tópico que é subjacente a toda a Soteriologia. Assim, precisa-se entender que enquanto Cristo permanecer

---

abençoar, no convite para que se renda ao Seu amor, para que desfrute de Seu favor imerecido e experimente redenção”.

<sup>99</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 100-101.

<sup>100</sup> Ibid. p. 100.

<sup>101</sup> Ibid. p. 102-106. Este trabalho poderia abarcar os demais pontos da teologia de Armínio, nos aspectos soteriológicos com dimensões profundas de uma existência cristã cheia de detalhes de vida abençoada e abençoadora. Porém, outros trabalhos podem ser realizados para que os cristãos tenham o conhecimento do pensamento de Jacó Armínio.

fora de nós, e nós estivermos separados dele, tudo o que ele sofreu e fez pela salvação da raça humana permanece inútil e sem valor para nós... Tudo o que Cristo possui é nada para nós até que crescamos num só corpo com ele.

A relação entre a união com Cristo e a ação do Espírito Santo na salvação é uma realidade insofismável. Somente através do Espírito Santo podemos nos tornar um com Cristo e pode Cristo viver em nossos corações.

Sobre os ensinamentos sobre a união dos crentes com Cristo, o Novo Testamento descreve esta surpreendente verdade – que nos tornamos um com Cristo – de duas maneiras: 1. Os crentes estão em Cristo – Aqui, vem à mente o conhecido texto sobre ser nova criatura: “E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2 Co 5.17). Cf. também: João 15.4,5,7; 1 Coríntios 15.22; 2 Coríntios 12.2; Gálatas 3.28; Efésios 1.4, 2.10; Filipenses 3.9; 1 Tessalonicenses 4.16; e 1 João 4.13.

2. Cristo está em nós – Em Gálatas 2.20, por exemplo, Paulo diz: “Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim [...]” Noutro lugar Paulo celebra o fato de que “Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória desse mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória” (Cl 1.27). Esse pensamento é encontrado também em Romanos 8.10; 2 Coríntios 13.5; e em Efésios 3.17.

Há pelo menos três passagens, todas nos escritos de João, nas quais esses dois conceitos são combinados: João 6.56; 15.4; 1 João 4.13. Parece que esses dois tipos de expressão são intercambiáveis. Quando estamos em Cristo, Cristo também está em nós. Nossa vida nele e sua vida em nós são inseparáveis.

Essa união é entendida por todo o caminho, de eternidade a eternidade. União com Cristo começa com a decisão pré-temporal de Deus de salvar seu povo em e através de Jesus Cristo. Essa união, além disso, é baseada na obra redentora historicamente operada por Cristo em favor do seu povo. É uma união que é estabelecida depois do nascimento do povo de Deus, continuando através de sua vida e tendo como alvo a glorificação da vida que há de vir. A união com Cristo tem suas raízes na ação divina, sua base na obra redentora de Cristo, e seu estabelecimento real com seu povo dentro do tempo.

A união de Cristo com os fiéis é o primeiro e imediato efeito da fé pela qual as pessoas creem em Cristo como o único salvador. Esses crentes em Cristo são chamados de Igreja. E, entre os fiéis que são a Igreja, Cristo é distinguido na relação em ação pelos seguintes nomes: cabeça, esposo, fundação, videira e outros similares<sup>102</sup>. Cristo deu a sua vida pelos crentes.

---

<sup>102</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 102 ss.

Essa relação foi adquirida pela expiação de Cristo<sup>103</sup>, como prova de profundo e abrangente amor pelos crentes. Ainda mais, os fiéis são chamados de a esposa de Cristo, pedras vivas edificadas sobre Cristo, e, também, renovos ou varas. Estes nomes, tanto referidos a Cristo, bem como aos seus fiéis, demonstram união, em uma relação peculiar.

Segundo Armínio, ao demonstrar que a união dos crentes com Cristo é tão especial, ele faz questão de afirmar que a fé é descrita como uma união espiritual e muito estrita, e, portanto, “misticamente essencial”. Isso quer dizer que os fiéis são conectados, por Deus Pai e por Jesus Cristo. Essa conexão, fruto da operosidade do Espírito de Cristo e de Deus, forma uma unidade, participando de todas as bênçãos para a própria salvação.

Armínio enumera as partes dessa união com Cristo: “(1.) Cristo, a quem Deus Pai constituiu como cabeça, esposo, a fundação, a videira [...] e a quem Ele deu toda a perfeição, como poder pleno e comando para transmiti-la; (2.) E o homem pecador, e, portanto, destituído da glória de Deus, mas, ainda assim, um fiel, ao reconhecer a Cristo como seu Salvador”<sup>104</sup>.

Com base neste pensamento, Armínio, de forma sistemática, articula que a causa da religião tem sua característica singular que é a sua fundação por Cristo, o qual é herdeiro de todas as coisas, não precisando de nada. Mas, quem necessita de todas as coisas é o fiel, e o fim remoto é a salvação externa dos fiéis, e a glória de Deus.

Segundo a epístola aos Efésios 1.1-14 as raízes da união com Cristo são descritas nas seguintes palavras:

Paulo, apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, aos santos que vivem em Éfeso e fiéis em Cristo Jesus, graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado, no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça, que Deus derramou abundantemente sobre nós em toda a sabedoria e prudência, desvendando-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra; nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade, a fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que de antemão esperamos em Cristo; em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele

<sup>103</sup> Remeto o leitor à obra de: VAILATTI, Carlos Augusto. *Expição Ilimitada: Arminianismo*. São Paulo: Reflexão, 2015. p. 17-27. O autor trabalha com o conceito de expiação nos dois Testamentos, incluindo também a Septuaginta.

<sup>104</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 102.

também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa; o qual é o penhor da nossa herança, até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória.

Uma das maneiras pelas quais a doutrina da união com Cristo é útil está em habilitar-nos a preservar um equilíbrio apropriado entre dois aspectos maiores da obra de Cristo: o que podemos chamar de aspectos legal e vital.

O ramo ocidental da igreja cristã, representada por teólogos como Tertuliano e Anselmo, tendeu a enfatizar o lado “legal” da obra de Cristo. O aspecto do pecado que esses teólogos se inclinavam a enfatizar era a culpa, a qual Cristo retirou de sobre nós pagando nosso débito; a suprema bênção pela qual ele satisfaz a justiça de Deus por nós pagando nosso débito; a suprema bênção soteriológica foi vista como justificação; e o mais importante dia do calendário eclesiástico foi tido como a Sexta-Feira Santa.

A ala oriental da igreja, representada por Teólogos como Irineu e Atanásio, foi mais inclinada a enfatizar o lado “vital” ou de “compartilhamento de vida” da obra de Cristo. O aspecto que esses teólogos enfatizam foi a poluição, a qual Cristo debelou juntando-nos e ale pela encarnação; o ponto alto da soteriologia era a santificação; e o dia festivo mais importante da igreja era a Páscoa.

Para a igreja ocidental, o cerne da vida cristã era tido como o perdão, enquanto para a igreja oriental, era a vida eterna. A igreja ocidental tendeu a acentuar o Cristo “para nós”; a igreja oriental, por outro lado, celebrou o Cristo “em nós”.

Precisamos manter juntos esses dois aspectos da obra de Cristo: o legal e o vital, Cristo por nós e Cristo em nós. A doutrina da união com Cristo nos auxilia a manter o equilíbrio apropriado entre essas duas facetas. Cristo veio a terra não só para pagar o preço pela nossa salvação, como alguém que paga um débito atrasado, mas também veio para trazer-nos para dentro e manter-nos dentro da vida em união consigo mesmo<sup>105</sup>.

Através da união com Cristo, recebemos toda bênção espiritual. Cristo não só morreu por nós na cruz do Calvário há muitos anos; ele também vive em nossos corações para sempre.

A união dos fiéis com Cristo conduz a um aspecto muito importante da vida cristã que é o aspecto da comunhão com ele<sup>106</sup>. O significado dessa comunhão dos fiéis com Cristo é aquilo que os identifica com ele. Assim, uma observação que se faz na atualidade é a impressão dessa ausência em uma maioria de cristãos, a identificação com a sua pessoa e obra. Ser cristão nos dias atuais é ter as bênçãos materiais que ele permite ter, mas sem uma identificação com as suas atitudes. A identificação da Igreja com Cristo não deve ser desfeita,

<sup>105</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 103.

<sup>106</sup> Ibid. p. 103 ss.

pois, como afirma Armínio: “é preservada a distinção existente entre a cabeça e os membros, entre aquele que transmite e os que são os participantes; entre aquele que santifica e os que são santificados”<sup>107</sup>.

A maneira pela qual Armínio indica a natureza da identificação dos crentes com Cristo, em uma comunhão legítima, tem a ver com a identificação tanto na sua vida, como na sua morte, bem como também na sua glorificação<sup>108</sup>. Assim, o “homem velho” tem de ser sepultado. Cristo foi sepultado, e como resultado de sua expiação, o crente pode participar de todas as bênçãos que decorrem da expiação de Cristo.

Armínio com mais propriedade assim expressa o seu pensamento acerca desse assunto:

Este plantar juntos é a crucificação, a morte e o sepultamento do nosso “homem velho”, ou, o “corpo do pecado”, no e com o corpo da carne de Cristo. Esses são os graus pelos quais o corpo da carne de Cristo é abolido, para que possa também, pela sua própria medida, ser chamado “o corpo do pecado”, na medida em que Deus fez com que Cristo fosse pecado por nós, e o deu para levar nossos pecados, no seu próprio corpo, no madeiro.<sup>109</sup>

Mediante a riqueza da vida e obra de Cristo, dom supremo do Deus Pai e na operosidade do Santo Espírito, os crentes podem gozar de uma união com Cristo e uma comunhão que fazem a diferença profícua na existência humana.

É muito interessante o fato de que Armínio não dá proeminência somente à morte de Cristo como base da salvação, mas enfatiza a sua vida concreta; a vida de Cristo é aquela pela qual os crentes estão inseridos nele, por uma conformidade com a sua vida, fazendo que a vida humana seja partícipe de todo o poder da sua vida e de dos benefícios que dela provém. E, essa vida, de conformidade com a vida de Cristo, tem projeção para a vida futura. Assim, a vida atual é uma elevação para uma nova vida. Isto quer dizer, biblicamente, que já os crentes participam das realidades celestiais, em Cristo.

Essa nova vida em Cristo tem a ver com uma vida integral, no aqui e no agora. Envolve a pessoa toda. Tudo isso é um ato gracioso de Deus para com homens e mulheres, fazendo que Cristo se tornasse pecado por eles, e justiça, concomitantemente, a fim de que os crentes possam ser justiça de Deus nele e, também, porque colocou a comunhão com Cristo na fé do Evangelho. Com isso, Cristo se tornou a propiciação da fé dos que creram, creem e crerão.

---

<sup>107</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 104.

<sup>108</sup> Loc. cit.

<sup>109</sup> Loc. cit.

#### 4 O SIGNIFICADO E OS PODERES DO LIVRE-ARBÍTRIO PARA AS DIMENSÕES BÁSICAS DE UMA CRISTANDADE LIVRE E RESPONSÁVEL

“Livre-Arbítrio”, assunto marcante na história da teologia e da filosofia, é uma temática atraente e cheia de tensões ao longo da existência humana. E, hoje, mais do que nunca tem sido o fundamento para muitas discussões, debates e construções de muitos trabalhos científicos.

Perguntas foram levantadas acerca do tema em questão, nos debates entre Lutero e Erasmo, como por exemplo: “Onde a relevância do assunto, a ponto de ser levado a sério por Erasmo e Lutero?” “Que teria levado o comedido humanista a desafiar tão combativo teólogo?” “E por que Lutero aceitou o desafio de Erasmo?”<sup>110</sup>.

Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra vós, de que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe pois a vida, para que vivas, tu e a tua descendência, amando ao SENHOR teu Deus, dando ouvidos à sua voz, e achegando-te a ele; pois ele é a tua vida, e o prolongamento dos teus dias; para que fiques na terra que o SENHOR jurou a teus pais, a Abraão, a Isaque, e a Jacó, que lhes havia de dar.<sup>111</sup>

Pode-se perceber no texto veterotestamentário em epígrafe que Deus propôs ao seu povo a liberdade, para dar ou não ouvidos à sua voz, escolher a bênção ou a maldição. Deus deu a possibilidade de escolher o que é melhor para a vida do povo: a bênção. Mas a maioria do povo quis escolher o caminho da idolatria e da desobediência. Referindo-se aos cristãos, Lutero se expressou sobre a liberdade cristã da seguinte forma:

1. Para conhecermos a fundo o que seja um cristão e sabermos em que consiste a liberdade que Cristo lhe adquiriu e ofertou, de que São Paulo tanto escreve, quero frisar duas frases: Um cristão é senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém. Um cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos. Estas duas frases se encontram claramente em São Paulo, 1 Coríntios 9.19: “Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos [...]” e adiante em Romanos 13.8: “A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameís uns aos outros”. O amor é, pois, serviçal e submete aquele em que está posto. Em Gálatas se diz de Cristo o mesmo: “Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gálatas 4.4).<sup>112</sup>

<sup>110</sup> WEITT, Osmar L.; ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.). *Irreverência, compromisso e liberdade: o testemunho ecumênico do pastor Breno Arno Schumann (1939-1973)*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2004. p. 57.

<sup>111</sup> A BÍBLIA. Português. A Bíblia Sagrada. 2. ed. Barueri: Sociedade de Bíblica do Brasil, 1996. É utilizada esta tradução em todo o corpo do trabalho. Exceto quando necessário se indicará outra referência de tradução. Deuteronomio 30.19,20.

<sup>112</sup> LUTERO, Martim. *Da Liberdade Cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 1979. p. 9.



Lutero publicou “Da Liberdade Cristã” em novembro de 1520, que é um dos livros básicos da reforma luterana.

Retornando aos debatedores da temática em questão, que não foi entre católicos e protestantes, porém entre protestantes, entre Erasmo e Lutero, e, com mais intensidade entre Zwinglio e Melanchthon, amigos e admiradores de Erasmo<sup>113</sup>, cabe aqui aprofundar o tema.

No ano de 1524, nos primeiros dias do mês de setembro, foi editada a obra “De libero arbitrio diatribe sive collati”, em Basileia, Antuérpia e Colônia. Esta obra fizera inaugurar as disputas entre Lutero e Erasmo, tornando-se um divisor de águas entre humanismo e Reforma do século XVI<sup>114</sup>. Assim, os pontos mais decisivos entre os dois foram marcados pela tranquilidade de Erasmo e o temperamento agressivo de Lutero. Não se pode esquecer que, esses debates na linha de pensamento de um e na linha de outro, encontra suas raízes em Agostinho e Pelágio. Lutero expressa concepções de Agostinho, enquanto Erasmo expressa as de Pelágio. O livre-arbítrio pressupõe que o ser humano tem uma parte melhor. Para Lutero, o ser humano segundo o pensamento de Erasmo, essa “parte melhor do ser humano” o tornaria um “um deus de todos os deuses, senhor de todos os senhores”. O livre-arbítrio viria a negar não somente a Deus, mas ao próprio ser humano<sup>115</sup>. Assim, enquanto Erasmo enfatiza a bondade e a misericórdia de Deus, bem como a liberdade de escolha que o ser humano possui em sua natureza, Lutero tem por base a ação soberana de Deus, que por meio de seu Espírito Santo, fará melhorar a vida dos eleitos. E, somente os eleitos podem acreditar nessa ação sobrenatural, sendo esta uma argumentação radicalmente predestinacionista.

É interessante a ideia de que os seres humanos, ainda que formados dentro de uma perspectiva, de um etos sócio-político-religioso, não seguem as mesmas ideias fundamentais e, também, as ideias formadoras de opinião. Isso quer dizer que, tanto Lutero como Erasmo foram formados dentro dos mesmos princípios de sua época. Lutero e Erasmo foram formados por valores de uma síntese bem conhecida, que é a harmonização entre o idealismo grego e fé cristã.<sup>116</sup> Lutero achava que o pensamento de Erasmo era pouco cristocêntrico. Para Lutero, o ser humano é justificado somente pela fé e não por sua razão.

O período da Idade Média foi marcado por muitas tensões nas diversas áreas: políticas e sociais, catástrofes climáticas, adversidades intensas na agricultura, doenças sem se saber as suas causas, principalmente a peste negra que devastou um terço da população da Europa. A

---

<sup>113</sup> WEITT, Osmar L.; ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.). *Irreverência, compromisso e liberdade: o testemunho ecumênico do pastor Breno Arno Schumann (1939-1973)*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2004. p. 57.

<sup>114</sup> Loc. cit.

<sup>115</sup> Ibid. p. 62.

<sup>116</sup> Ibid. p. 63.

ideia que se tinha era a de um juízo final iminente, ocasião em que as pessoas estavam com medo da morte e assombradas com os fenômenos. A Igreja seria o único meio de remediar as ansiedades, porém, ela passava por corrupção moral, econômica e religiosa<sup>117</sup>. Sendo assim, nesse período, havia uma busca intensa de reestruturação de valores. O surgimento de dois grandes movimentos da Idade Média europeia, o Humanismo Renascentista e a Reforma Protestante, serviu como uma tentativa de colocar no prumo o ambiente social. Dentre os principais pensadores, destacam-se Erasmo (1466/1469-1536) e Lutero (1483-1546). Como já foi mencionado, Erasmo defendia que o ser humano possui livre-arbítrio, enquanto Lutero era contrário à ideia em questão.

Outro pensador foi Calvino (1509-1564). Calvino afirmava que o ser humano foi criado sem mancha ou falha. E Deus não é culpado pelo pecado<sup>118</sup>. Dentre as obras da criação, o ser humano é a expressão mais nobre e sumamente admirável da justiça de Deus, de sua sabedoria, bondade. No seu estado original, o ser humano possuía todos os atributos humanos instilados pelo Criador. A partir da Queda, Adão passou ao estado de corrupção e deformidade. Se Erasmo defendia que o ser humano criado por Deus possui livre-arbítrio, e Lutero<sup>119</sup> afirma o contrário, que o ser humano não possui livre-arbítrio, por outro lado Calvino afirma que o ser humano em seu estado de pureza possuía o livre-arbítrio<sup>120</sup>. É interessante atentar para as suas próprias palavras:

Ora, está fora de propósito introduzir aqui a questão da secreta predestinação de Deus, uma vez que se não está a tratar do que haja ou não podido acontecer, mas, ao contrário, da qual haja sido a natureza do homem. Portanto, Adão manter-se, se [o] quisesse, pois que [não] caiu senão de [sua] própria vontade. Já que, entretanto, flexível lhe era a vontade para uma e outra direção, nem [lhe] fora dada constância para perseverar, por isso, veio tão facilmente a cair, Contudo, livre [lhe] foi a escolha do bem e do mal. Nem apenas isto, mas ainda suma retidão [lhe havia] na mente e na vontade e todas as partes orgânicas [lhe estavam] adequadamente ajustadas a obediência, até que, perdendo-se [a si] próprio, corrompeu [todo] o bem que nele havia.<sup>121</sup>

Uma vez demonstradas as raízes das posturas sobre o Livre-Arbítrio, passa-se a partir do próximo tópico ao pensamento de Armínio com mais acuidade.

<sup>117</sup> CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 219-243.

<sup>118</sup> CALVINO, João. *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. Vol. 1. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. p. 199 ss.

<sup>119</sup> COMISSÃO INTERLUTERANA DE LITERATURA. *Martinho Lutero: obras selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal/Porto Alegre: Concórdia, 1993. p. 11-216.

<sup>120</sup> CALVINO, João. *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. Vol. 1. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. p. 211 ss.

<sup>121</sup> *Ibid.* p. 211. Manteve-se a tradução das Institutas, feita por Waldyr Carvalho Luz, direta do latim.

#### 4.1 SOBRE A CRIAÇÃO DO SER HUMANO À IMAGEM DE DEUS

Uma verdade prática é que o livre-arbítrio é a condição outorgada por Deus ao ser humano, de poder decidir, obedecer ou não obedecer. Mas foi perdido por causa do pecado, podendo ser recuperado em Jesus Cristo. “Eis aqui, o que tão-somente achei: que Deus fez ao homem reto, porém eles buscaram muitas astúcias” (Ec 7.29).

Esta é a verdade que, de início, a Bíblia afirma: “No princípio criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). Deus criou todo o Universo e tudo o que nele se contém. Quanto à terra, segue a mesma afirmação de fé. Tudo o que nela se contém foi estabelecido pelo Criador.

Depois de ter criado todas as coisas, Deus criou o ser humano: homem e mulher. Deus criou o ser humano e lhe concedeu o livre-arbítrio. Isto é, o ser humano sendo um ser inteligente, foi dotado de liberdade de escolha, e, inclusive, com a liberdade de obedecer ou não.

É inegável para Armínio o fato de que Deus tem o direito de exigir uma religião dos seres humanos<sup>122</sup>. Essa exigência divina se dá pelo aspecto de que Deus é o Criador e Cristo o salvador. O ser humano é objeto do amor de Deus, mesmo no estado de pecado, não perdeu seu direito, que obtém pela criação. Isso quer dizer que Deus não perdeu seu afeto pelos seres humanos, em virtude do pecado original, ainda que todos eles sejam pecadores, infelizes e miseráveis. Por isso é Deus o objeto da religião cristã, não apenas pela benesse de ser ele o criador de todas as coisas, mas também por ser Cristo o objeto da Nova Criação. Essa “Nova Criação” é a redenção da humanidade. Armínio afirma que Deus em Cristo é o “Novo Criador”<sup>123</sup>.

O cenário terreno e cósmico tem como autor o próprio Deus. “A criação é um ato externo de Deus, pelo qual Ele produziu todas as coisas, a partir do nada, por si mesmo, pela sua Palavra e pelo seu Espírito”<sup>124</sup>. Tudo o que Deus criou é o resultado da sua bondade, sendo assim, a criação é bem outorgada pelo Criador. Sendo deste modo, nada há que justifique qualquer parte da criação que não esteja fora da ação e da providência de Deus. Sobre a matéria da qual Deus criou todas as coisas, Armínio estabeleceu a seguinte ordem:

- (1.) A primeira delas é aquela de que todas as coisas, de modo geral, foram produzidas, na qual também podem recair e ser reduzidas; é o próprio nada, que a nossa mente, pela remoção de todas as entidades, considera como primeira matéria; pois somente isso é capaz da primeira comunicação de Deus *ad extra*; porque Deus

<sup>122</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 53.

<sup>123</sup> Loc. cit.

<sup>124</sup> Loc. cit.

não teria o direito de introduzir a sua própria forma na matéria contemporânea [consigo mesmo], nem poderia agir uma vez que a matéria fosse, então, eterna e, portanto, impossível de modificar. (2.) A segunda matéria é aquela da qual todas as coisas corpóreas agora são distinguidas, suas próprias formas separadas; e este é o rude caos e a massa indigesta, criada no princípio. (3.) A terceira consiste tanto desses elementos simples e secretos como de certos corpos compostos, dos quais todo o resto foi produzido, como as águas produziram criaturas rastejantes e voadoras, e peixes – e a terra produziu todas as outras coisas vivas, árvores, ervas e arbustos – e a costela de Adão, produziu a mulher, e as sementes, a perpetuação das espécies.<sup>125</sup>

Todos os atos criadores de Deus já existiam previamente, a partir do nada, na mente de Deus. Sendo assim, nenhum outro ser poderia falsificar o que estava na mente eterna do Criador. Tudo o que existe foi plasmado, não por uma obrigação de Deus ter que criar, mas por sua livre ação gratuita. Assim, tudo é obra da graça divina.

Quanto à criação do ser humano, este é criatura e não criador primário<sup>126</sup>. O ser humano é criatura de Deus, composto de corpo e alma racional<sup>127</sup>, bom, e criado à imagem de Deus. A sua corporeidade tem sua origem de material pré-existente. Ele é da terra. Quanto à sua alma foi criada do nada.

Armínio defende que o ser humano é composto de um corpo e uma alma racional, mas existem outras concepções sobre a constituição do ser humano: o tricotomismo – Ensina que o homem é composto de três elementos: o corpo físico; a alma, que é o elemento psicológico, das relações sociais; o espírito, que permite aos homens perceberem questões espirituais e reagirem a estímulos espirituais. O tricotomismo tornou-se particularmente difundido entre os pais alexandrinos<sup>128</sup> dos primeiros séculos da Igreja. O dicotomismo – Os homens são compostos de dois elementos: um aspecto material, o corpo; um componente imaterial, a alma ou espírito. Para este ensino, alma e espírito é a mesma coisa. O monismo – Em contraste com os ensinamentos anteriores, ensina que o homem é indivisível. É uma unidade radical. A Bíblia não vê o homem um ser dividido, mas simplesmente como pessoa. Na concepção veterotestamentária o ser humano é uma unidade psicofísica, carne vivificada pela alma. A ideia hebraica de personalidade é um corpo vivente, e não uma alma encarnada<sup>129</sup>.

Quanto ao corpo do ser humano, este é composto de vários excelentes órgãos; ele teria sido incorruptível, caso não tivesse praticado o pecado, e obtendo, concomitantemente, a

<sup>125</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 53-54.

<sup>126</sup> Cf. *Ibid.* p. 60 ss.

<sup>127</sup> Sobre este ponto de vista de Armínio, a maior parte do Pentecostalismo acredita numa tricotomia: corpo, alma e espírito.

<sup>128</sup> Pais alexandrinos defensores: Clemente de Alexandria, Orígenes e Gregório de Nissa.

<sup>129</sup> ROBINSON, Wheeler H. Hebrew psychology. In: ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1992. p. 230.

necessidade da morte<sup>130</sup>. Já em relação à alma, esta é de uma natureza inteiramente admirável<sup>131</sup>. A alma foi criada do nada, inteiramente nova, isto é “criada pela infusão, e infundida pela criação, e um corpo sendo devidamente preparado para recebê-la, para que possa dotar a matéria de forma e, estando unida ao corpo por um vínculo nativo [...]”<sup>132</sup>. Essa parte que compõe o ser humano e o faz ser uma pessoa, possui duas faculdades: o entendimento e a vontade. A primeira apreende a eternidade e a verdade; a segunda é a inclinação para o bem universal, e para o que é bem principal e para todos os tipos de bem. Em suma, se o ser humano com esses dotes outorgados por Deus, tivesse se mantido íntegro, teria transmitido essas características à sua posteridade.

Armínio afirma que a imagem de Deus no ser humano foi exibida de modo extremamente maravilhoso. Daí a semelhança com o Criador, isto é, ser parecido com Deus, não no aspecto físico, mas segundo o modo de sua capacidade em usar as faculdades e hábitos para o supremo bem. Assim, o ser humano nunca teria morrido, sabendo-se que ele foi criado para que pudesse conhecer e adorar o Criador e viver com ele para sempre. Esse viver com Deus seria um estado de bem-aventurança.

#### 4.2 O SIGNIFICADO DE LIVRE-ARBÍTRIO

Segundo Jacó Armínio a palavra no latim *arbitrium*, “escolha” ou “livre-arbítrio”, significa tanto a faculdade mental ou o entendimento pelo qual a mente pode julgar sobre qualquer coisa a ela proposta, quanto ao julgamento propriamente dito, formado pela mente de acordo com aquela faculdade<sup>133</sup>. Assim, certamente, Deus não criou o ser humano na condição de marionete. O ser humano em seu estado inicial, sem pecado, era um ser de decisão e de resposta positiva ou não a Deus, na boa terra, considerada como jardim<sup>134</sup>.

Teologicamente o jardim do Éden é mais terra promissora e trabalhada do que um espaço cego e primitivo. Nela se abre uma antítese: o conhecimento do bem e do mal. O homem não é Deus, e enquanto ele se passa por Deus, suas decisões e seus atos, malgrado que

---

<sup>130</sup> É importante perceber que Jacó Armínio nada tem a ver com Pelágio, em relação à criação do ser humano por Deus. Interessante mais ainda é que tanto Calvino como Armínio pensaram de igual forma sobre a criação do ser humano e, mais particularmente acerca da constituição e natureza do ser humano. Eles concordam que, se o ser humano não tivesse escolhido pecar, poderia alcançar a vida eterna. Cf. ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 60 e CALVINO, João. *Institutas ou Tratado da Religião Cristã*, Vol. 1. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. p. 211.

<sup>131</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 60 ss.

<sup>132</sup> Loc. cit.

<sup>133</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 471.

<sup>134</sup> Cf. ROCHA, Nelson Célio de M. *Teologia e Biodiversidade: desconstruções de dualismos na mentalidade ocidental*. Petrópolis: Bem Cultural, 2017. p. 73-94.

ele elabora, retornam contra si mesmo. Quanto ao acabamento da criação do homem pela criação da mulher, faz que o homem ocupe no coração da criação um lugar central, e numa certa medida, real. Assim, o homem pode legitimamente criar (a nomenclatura da criação); mas o homem não é criador primeiro e último, ele é unicamente criador em situação de resposta. Sobre o lado retirado de Adão, simboliza a falta aberta justamente na carne, assim, o homem é chamado a uma realidade com suas origens para entrar numa história a dois, em comunidade e não sozinho<sup>135</sup>.

A terra é criação de Deus e não segundo o modelo de uma filosofia gnóstica de herança mais ou menos grega (concepção que nega a materialidade)<sup>136</sup>. Os primeiros capítulos do livro de Gênesis articulam certo modo de refletir o ser humano, o mundo e Deus. Os textos designam uma verdade sobre a criação e o seu Criador. O horizonte textual é configurado sob elementos históricos.

#### 4.3 OS PODERES DO SER HUMANO E SEU LIVRE-ARBÍTRIO

Sobre os poderes do livre-arbítrio, significa o que o ser humano tinha antes do pecado<sup>137</sup>. O ser humano foi criado sem pecado, isto é, ele foi criado por num estado de integridade. A humanidade, literalmente é o centro da criação, e esta tem de ser recebida como dom de Deus. O ser humano é administrador e não o criador. Ele vem ocupar um espaço em que ele tem de ir além, pois é chamado a desenvolver uma obra no coração do mundo. Assim, o ser humano é único nessa finalidade, nesse espaço diferenciado. Ele mesmo é diferenciado, homem e mulher, porém único, na administração da criação. Sua unicidade se sustenta através da unidade de uma obra finita, por sua vez. Isso tem a ver com a natureza da própria criação, que foi estabelecida mediante alteridade. O significado disso é que foi instituído em seu centro um sujeito que responde.

Os poderes do livre-arbítrio estão no tocante a compreender, desejar e fazer o bem. Em sua vida espiritual, significa estar num relacionamento íntimo com Deus, sendo ele destinado a viver com a piedade. Isto pode ser investigado nas Escrituras, quais poderes o ser humano possuiu, enquanto entendia, desejava e realizava a sua missão sob a bênção de Deus.

No estado de inocência primitiva, o ser humano possuía uma mente dotada de um claro entendimento da luz divina e da verdade sobre Deus e suas obras e seus desejos, tanto

---

<sup>135</sup> Cf. ROCHA, Nelson Célio de M. *Teologia e Biodiversidade: desconstruções de dualismos na mentalidade ocidental*. Petrópolis: Bem Cultural, 2017. p. 73-94.

<sup>136</sup> Loc. cit.

<sup>137</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 471-477.

quanto fosse necessário para a salvação de si e a glória de Deus. Ele possuía um coração imbuído de verdadeira justiça e santidade e com o um amor verdadeiro e salvífico pelo bem<sup>138</sup>.

Quanto ao estado do ser humano depois do pecado, este não foi confirmado em seu estado de inocência, a ponto de se tornar incapaz de ser movido pela representação que lhe foi apresentada de algum bem extraordinário e ilegal. Nessa condição, o livre-arbítrio do homem para o que é bom está ferido, aleijado, enfermo, distorcido e enfraquecido. É um estado de prisão, de destruição e de perdição. E quanto aos seus poderes? Não estão somente debilitados

O ser humano foi criado para relacionar-se com Deus, para participar de seus propósitos, e finalmente, para compartilhar da sua natureza divina (2 Pedro 1.4), tal como originalmente foi criado por Deus. Desenvolve-se unicamente prevendo o que a Bíblia diz a respeito dele e da relação em que ele está e deve estar com Deus. Mas o próprio ser humano desfigurou essa imagem, e a redenção tem por finalidade restaurá-la por meio do “homem espiritual”, uma realização das dimensões espirituais. Isso tem de acontecer em função do problema do sentido do ser humano que é mais escaldante hoje do que nunca. De fato, de onde provêm tantas profanações à própria vida, tantas agressões à vida do próximo, tantas injustiças, violências, vícios, maldades, senão do fato de ter o ser humano perdido atualmente o sentido de sua própria existência? A pessoa cristã sabe, graças à Palavra de Deus, com segurança o sentido do homem. Mas será possível também para quem não tem fé em Cristo – em outras palavras, será possível apenas com os recursos da razão humana – obter conhecimentos seguros sobre o sentido do ser humano?

Sem os poderes da graça divina o ser humano jamais poderá sair do seu estado. Ele tem uma mente escura, destituída do conhecimento de Deus, incapaz de alcançar as coisas espirituais; as coisas do Espírito de Deus. É o que o apóstolo Paulo chama de “homem natural” (1 Co 2.14). Armínio afirma que a alma do homem, *anima*, é a parte mais nobre, porém fortemente entenebrecida por nuvens de ignorância. Sendo assim, vive de maneira insensata, por causa se sua mente obscurecida, são chamados de loucos ou tolos (Rm 1.21, 22; Ef 4.17, 18; Tt 3.3; Ef 5.8)<sup>139</sup>.

A mente humana preparada para receber a verdade do Criador, passou a julgar as próprias coisas de Deus como loucura. A sabedoria de Deus passou a ser considerada como algo desprovido de noção (1 Co 1.18, 24). Armínio afirma que a mente do ser humano, em seu estado de separação de Deus, é uma mente escurecida, com base no texto paulino. Esse

<sup>138</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 473.

<sup>139</sup> Ibid. p. 475.

escurecimento faz suceder a perversidade das afeições e do coração<sup>140</sup>. Assim, o coração do ser humano distanciado de Deus é voltado para o que é mau. Ele é inimigo de Deus, segundo o apóstolo Paulo (Rm 8. 7, 8). É um coração de pedra (Jr 13.10; 17.9; Ez 36.26). No evangelho segundo Mateus (15.19), o que o Senhor afirma que é justamente do coração procedem “os maus pensamentos, mortes, adultérios, fornicação, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias”. E Armínio, assim como Calvino concorda com as palavras de Jesus, que disse: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer” (Jo 6.44). De fato, o ser humano está encerrado no pecado e, sendo assim, não pode executar o que manda a lei.

Diante dessa situação da separação do ser humano do seu Criador, e havendo toda sorte de maledicências, e nada podendo fazer por si mesmo, em prol de sua salvação, são necessários os benefícios de Cristo, conferidos à mente e à vontade humanas pelo precioso Espírito Santo. Essa operação acontece de modo integral, pois “onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (2 Co 3.17).

Neste texto bíblico de 2 Co 3.17<sup>141</sup>, o apóstolo Paulo enfatiza uma liberdade que não tem nada a ver com o que a Lei de Moisés determina: terror aos que estão diante dela. O povo de Israel recebeu dela o espírito de escravidão para temor. O véu que cobria o rosto de Moisés era um sinal da futura cegueira do povo de Israel. A lei era obscura ao povo cego em pecado e somente através de Cristo seria capaz de ter verdadeiro discernimento. Essa cegueira impedia o povo de tirar proveito do ensino da lei.

Quando o apóstolo Paulo afirma que há *liberdade* é porque não há mais escravidão, pois a Lei em si mesma é plena de luz, porém só apreciamos sua claridade quando nos é revelado Cristo nela. Paulo quer objetivar o ofício libertador de Cristo, que veio a este mundo para trazer nele mesmo a libertação total e integral do ser humano. Espiritualmente, o ser humano está morto, mas quando é este tocado pela graça divina, é reanimado definitivamente.

A presença do Espírito é vivificadora. Cristo é o Espírito, porque ele vivifica com o poder gerador de vida do Seu Espírito que foi enviado. Recebe-se o benefício dessa presença: há liberdade. Assim, o ser humano, por natureza, é escravo do pecado e liberto através da graça da regeneração. Esta é uma ação eficaz, dinâmica, que produz a verdadeira liberdade; Deus faz sua glória brilhar paulatinamente.

O Senhor é o Espírito que origina a dinâmica da vida inteiramente liberta. O apóstolo Paulo mantém a unidade trinitária, pois somente pode haver dinâmica, mediante a ação do

---

<sup>140</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 471.

<sup>141</sup> Cf. *Comentário de 2 Coríntios, 3.12-18*. São Paulo: Paráclitos, 1995. Esse comentário teve por base no pensamento de Calvino, por haver inteira concordância com o pensamento de Armínio.



Deus Trinitário. Cristo Jesus é a vida da Lei. O povo de Israel deveria acolher o Dom de Deus em Cristo. É uma dinâmica que aperfeiçoa a vida cristã a cada dia (2 Co 3.18).

Sobre o lugar onde o Espírito do Senhor está o entendimento é que o Espírito Santo habita no cristão (Jo 14.17)<sup>142</sup>. O Espírito Santo é quem santifica a vida redimida por Cristo, dinamizando-a e lhe dando o verdadeiro sentido da existência. O benefício é a verdadeira liberdade, que é concedida pela graça de Deus; pelo seu amor que é sem medida. Há a liberdade dos efeitos terríveis da morte. Paulo trata de lei relacionada à morte. A liberdade da condenação. Também Paulo trata de lei relacionada à condenação. A lei aponta o erro e condena, mas não salva. A liberdade da ignorância espiritual. Os amantes da lei tinham um véu de Moisés sobre mentes e corações. A liberdade do legalismo, ou dos extremismos, que faz com que a vida não tenha sentido.

#### 4.4 SOBRE O CONCERTO EM QUE DEUS ENTROU COM OS NOSSOS PRIMEIROS PATRIARCAS

O drama adâmico – o mal – é tomado mediante o desenvolvimento do pensamento agostiniano. Esse desenvolvimento é constituído de estado de integridade, perda e restauração. Existe um contraste que se dá no pensamento propriamente tipológico, entre Adão-Novo Adão. Deixa-se, portanto, perceber sistematicamente o tema do mediador no sentido de se aplicar a Cristo, positivamente.

O tema referente ao drama adâmico é terreno da reflexão por Pais da Igreja, bem como teólogos do passado, tais como Tomás de Aquino, Lutero, Calvino e Armínio. Não há nenhuma surpresa, no sentido de que se efetua uma problemática relativa à salvação, que é o inverso de um pecado ou de uma desgraça. Segundo Calvino, a reflexão aparece mais particularmente inscrita numa perspectiva onde ela é centralmente questão do ser humano, de sua existência e, também, de seu destino. Teologicamente, isto significa: de sua vocação humana, o que permite, provavelmente, situar de entrada o eixo mais importante da cristologia calvinista. Esse eixo mais importante constitui a temática do acabamento, da realização. Essa temática refere-se ao estado do Mediador, que não é redutível a uma questão de salvação ou da reparação do pecado. É uma temática que ultrapassa essa questão. De modo concreto, é uma mediação de Cristo que aparece em efeito, desde já inscrita antes do pecado, na boa criação de Deus, diante de todos os bens concedidos, sem cessar, por Deus.

---

<sup>142</sup> Cf. CALVINO, João. *Comentário de 2 Coríntios, 3.12-18*. São Paulo: Paráclitos, 1995.

O pecado é considerado como orgulho ou presunção. Esta característica está relacionada à famosa frase “Como Deus, sereis” (Gn 3.5). É estabelecido um contraste entre orgulho e obediência. Assim, compreende-se o pecado em Adão segundo a problemática do orgulho, na linha reformadora. Portanto, a linha da Reforma procura buscar o primado de Deus e a finitude humana. Essa finitude humana somente pode ser vista como positiva, na seguinte ordem: na criação, com seu regime de instituição, que comporta um feito de mediação na história, pela dimensão da aliança e Escritura, subdeterminados por Cristo, imagem de Deus.

Calvino sempre interpreta o pecado em correspondência com uma renovação cristológico-pneumatológica. A figura de Cristo significa que Deus labora no coração da humanidade. Os fiéis que recebem a Cristo não o fazem por sua própria vontade, mas somente pela vontade divina; pela ação do Santo Espírito (João 1. 12-13; 1 Coríntios 12. 3). O ser humano em seu autofechamento perdeu a sua liberdade. O estado de Adão em sua integridade ficou profundamente pervertido, ao ponto que a imagem de Deus nele tornou-se obscurecida. Assim, o ser humano não é mais o mesmo humano.

A restauração do humano, reciprocamente, a sua natureza e vontade, que são profundamente humanas, somente se encontrarão renovadas em Cristo, o mediador dessa ação. Calvino escreveu de maneira clara a esse respeito:

Logo, se, quando Deus nos converte ao zelo do [que é] reto, uma pedra se transforma em carne, está eliminado tudo quanto é de nossa própria vontade: [o] que lhe toma o lugar procede todo de Deus. Digo que a vontade é supressa não até onde é vontade, pois que na conversão do homem permanece íntegro [o] que é primeira natureza; digo, ademais, ser criada nova, não que a vontade comece a existir, porém, que de má em boa se muda.<sup>143</sup>

Observando ainda a cristologia, segundo a visão calvinista, percebe-se uma distinção clara entre “coisas terrenas” e “cousas (sic) celestes”, numa perspectiva que tem seu paralelo na função teológica, que se apresenta no contexto que se relaciona com a distinção luterana entre Lei e Evangelho. Assim escreveu Calvino:

Chamo “cousas terrenas” (sic) [aquelas] que não dizem respeito a Deus e Seu reino, à verdadeira justiça, à bem-aventurança da vida futura, mas, ao contrário, têm significado e nexos em relação à presente vida, e, de certo modo, se lhe contém dentro dos limites. “Cousas celestes” (sic) [chamo] o puro conhecimento de Deus, o sentido da verdadeira justiça e os mistérios do Reino Celeste. Na primeira classe estão a ciência política, a economia doméstica, todas as artes mecânicas e as

---

<sup>143</sup> CALVINO, João. *Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. Vol. 1. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. p. 6.

disciplinas liberais; na segunda, o conhecimento de Deus e da divina vontade e a norma de plasmar a vida em conformidade com essa [vontade].<sup>144</sup>

Observa-se que, ao tratar dessas coisas ditas “celestes”, Calvino quer dizer que são abolidas pelo pecado, enquanto que as primeiras se acham corrompidas. Assim, o ser humano não faz o que é bom e dirige a sua atenção para a realidade de maneira egoísta. É uma situação que precisa ser olhada com precisão teológica bem voltada para o presente.

A percepção que se tem de uma carga de miséria é, pois, num sentido, retrospectivo. Tem seu começo na desobediência do ser humano, no ato de querer ser “como Deus”. Calvino denomina de “orgulho”, como já foi enfocado. O ser humano não pode de alguma maneira fazer sentir essa sua miséria fora de Cristo. Ele não pode designar claramente a visão concreta ou os traços específicos de sua existência, sem uma verdadeira percepção de sua realidade. Ele não pode perceber com clareza essa situação. Fora de Cristo tudo se transforma em confusão.

Calvino sublinha a força do pecado original e, também, a força da redenção de forma precisa. Essa força tem seu fundamento no Deus que se mostra redentor em Jesus Cristo, parâmetro que distingue verdadeiramente a situação do ser humano, e o recoloca na sua verdadeira posição na história. Um Deus que é claramente sujeito e que não cessa de ser. Um Deus que estabeleceu todas as coisas e que é amor, pode redimir o ser humano e a criação.

O recurso marcante da figura de Cristo significa, por sua vez, uma pertença e uma representação. Significa a imagem de um “chefe”, assegurando concretamente uma mediação. Em Cristo repousa o temor de Deus. Nele existe uma plenitude, de levar avante a natureza de mediador. Há uma noção de dependência na relação entre a pessoa redimida e Cristo, conforme João 15, tomada em sentido tipológico. Ela corresponde, em todo caso, ao que é preciso afirmar sobre o estado do ser humano em Adão. Ele não se move, com efeito, senão no sentido de causalidade exterior e não mais de imitação moral na condição em Adão. Calvino recorre decisivamente ao Cristo, numa correspondência estritamente instrutiva, segundo escreveu:

Logo, outra cousa (sic) não fruimos da justiça de Cristo, senão que nos é um exemplo proposto para imitação? Quem atura tão grande sacrilégio? Pois que, se está fora de controvérsia que, mediante comunicação, é nossa a justiça de Cristo, e desta [a decorrer] a vida, segue-se, ao mesmo tempo, que foram ambas assim perdidas em Adão como em Cristo se recuperam. De igual modo, assim se hão

---

<sup>144</sup> CALVINO, João. *Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. Vol. 2. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. p. 12.

infiltrado o pecado e a morte através de Adão como são abolidos por meio de Cristo.<sup>145</sup>

Em relação à aliança estabelecida aos antigos pais, Calvino faz uma releitura dessa aliança, sobretudo através da temática da Promessa e da eleição. Ele se refere ao apóstolo Paulo, através de suas epístolas aos Gálatas 3 e Romanos 10, no sentido de dizer sobre o fim e a recapitulação de tudo em Cristo, cujo ofício é o de recolher do estado de dissipação. Isso acentua o fato de que Deus nunca se mostrou propício ao povo antigo, nem jamais lhe conferiu a esperança da graça, sem o Mediador. Esse Mediador é o que consuma a redenção, de modo que somente em Cristo se cumpriu essa consumação. Assim, o estado de bem-aventurança e de felicidade da Igreja somente pode ser encontrado na pessoa de Jesus Cristo.

Prosseguindo a reflexão, agora, não mais uma reflexão calviniana<sup>146</sup>, o que em muito tem a ver com o pensamento de Jacó Armínio, passa-se ao pensamento do mesmo, referente ao concerto em que Deus entrou com os primeiros patriarcas da humanidade<sup>147</sup>.

Armínio trata da “Providência de Deus”<sup>148</sup> antes de refletir sobre o referido concerto de Deus com os primeiros pais da humanidade. Providência tem como significado a poderosa e contínua inspeção e supervisão de Deus, segundo a qual ele exerce um cuidado geral por todo o mundo. Isso envolve todos os elementos criados, quer na Terra e, também, em todo o Universo. Essa ação de Deus muitas vezes executada pelas próprias criaturas, conseqüentemente pode ser imediata e mediata. Segundo Armínio, o Criador pode agir diretamente, mas sempre faz uso de suas criaturas para executar a sua providência. Este pensamento vai de encontro a certo pensamento que ainda vigora em profundidade, que é o fato de Deus agir sem alguma mediação. Pode-se deduzir que não existem mágicas. Mas, é importante observar que Deus é livre, e pode agir como lhe apraz. Assim: “Os atos, portanto, que são realizados segundo certo curso da natureza são chamados de ordinários; os que são chamados de extraordinários, sendo, contudo, sempre concluídos de maneira adequada [...]”<sup>149</sup>.

Dentro da Providência do Criador está o concerto estabelecido com os primeiros patriarcas da humanidade. Esse concerto, segundo Armínio, não teve igualdade entre as partes, caso fosse o contrário, o ser humano seria igual ao Criador. Isto é, o ser humano seria

<sup>145</sup> CALVINO, João. *Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. Vol. 2. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. p. 12.

<sup>146</sup> A preferência pelo termo se dá pelo fato de ser uma reflexão sem mediações, isto é, uma reflexão diretamente a partir do pensamento de Calvino.

<sup>147</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 67 ss.

<sup>148</sup> *Ibid.* p. 65-67.

<sup>149</sup> *Ibid.* p. 66.

igual a Deus. O Criador desejou que o ser humano exercesse a obediência de modo livre em todas as coisas; obediência voluntária dentro dos poderes adequados da graça divina, com todas as condições de vida.

Armínio entende que a Lei de Deus é muito frequentemente chamada de “concerto”<sup>150</sup>. Consiste de duas partes importantes na relação entre Criador e criatura: uma obra ordenada e uma recompensa prometida. Também foi acrescentada uma punição, justamente para indicar o poder que o Criador tem sobre a criatura, bem como para incitar o ser humano a agir de modo correto, em obediência voluntária. É uma obediência que, na criação do ser humano, foi instilada no mais profundo de sua alma, em um dever natural, que é o dever do amor, com temor, honra e profunda adoração. Essa adoração tem a ver com o respeito a um ser superior, a uma transcendência, que jamais deveria ser transgredida, pois quando os seres humanos negam qualquer transcendência em relação ao Criador, tudo se confunde e surgem as transgressões de todos os tipos. Quando não há o respeito para com o transcendente, tudo que imanente passa a ser desordem.

O amor é a primeira causa para que os seres humanos vivam em sociedade<sup>151</sup>. Esse amor deveria ser regulado da maneira correta, mas por causa da desobediência dos primeiros pais da humanidade, a Lei do Amor contida na ordem divina contrariou a virtude suprema do vínculo mais importante nas relações: amar a Deus implica em amar o próximo.

No concerto estabelecido por Deus, estava contido o que Armínio denomina, de “Lei simbólica”<sup>152</sup>. Uma lei assim, é uma lei que prescreve ou inclui a proibição de algum ato, em que o mesmo não é agradável, nem desagradável a Deus. Mas é preciso observar que Deus sempre quis que o ser humano lhe obedecesse não por imposição, mas por gratidão voluntária.

Foi agradável aos olhos do ser humano transgredir a Lei de Deus. A transgressão está impressa no coração do homem e da mulher, basta se verificar na história da humanidade o número incontável de transgressões e de transgressores. Ainda que custem bem caro os resultados, a transgressão possui uma atração tão forte, que foi explícita nas palavras “boa para se comer e agradável aos olhos” (Gn 3.6). Estas palavras, apesar de tantos ensinamentos e advertências, ainda são atraentes e praticadas por homens e mulheres de todo o Planeta Terra.

A obediência traz consequências positivas, mas é difícil de ser praticada. A verdadeira obediência é, em si mesma, agradável a Deus; e a pessoa que a realiza, vive verdadeiramente

---

<sup>150</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 68.

<sup>151</sup> Loc. cit.

<sup>152</sup> Loc. cit.

a vida, em santidade, o que Armínio denomina de “profissão externa”<sup>153</sup>. Isto tem de ser executado de modo voluntário e de bom grado. É o reconhecimento da sujeição a Deus, e cuja ação somente produz bons resultados. Armínio ilustra com a seguinte relação: “Exatamente da mesma maneira, um vassalo presta obediência ao seu senhor, por ter combatido seus inimigos; obediência que confessa prestar alegremente a ele, presenteando-o, anualmente, com algo de pequeno no valor”<sup>154</sup>.

Toda essa obediência de modo voluntário teria recompensa, que é a vida eterna, simbolizada pela árvore da vida, fazendo que o ser humano ficasse satisfeito, isto é, obtendo uma completa satisfação da vontade e do desejo. Inserido neste contexto, em um jardim repleto de toda sorte de árvores com seus frutos deliciosos, onde teria o livre aproveitamento, caso fosse exercitada a obediência ao Criador. E toda a posteridade dos primeiros pais gozaria das benesses da providência divina.

Mas para que a humanidade não ficasse desprovida de vida, Deus por sua graça, tocado pelo amor, vai em direção a um pecador miserável, entrega o seu próprio Filho, “para que todo aquele que nele crê... tenha a vida eterna” (Jo 3.16). E, como se não fosse o suficiente, concede o Santo Espírito, com a sua ajuda permanente, agindo para o bem do ser humano, este que já foi renovado.

#### 4.5 OS BENEFÍCIOS DE JESUS CRISTO PARA RESGATE DO SER HUMANO

O Deus de Israel revela-se como salvador, propõe ao ser humano o caminho de saída, interpelando-o, dando-lhe ao mesmo tempo a capacidade concreta de segui-lo, encaminhando-o, assim, para a situação positiva de salvação. E tudo isto gratuitamente. Logo, o ser humano é chamado a se decidir e a responder afirmativamente. Por isso, ele é, antes de tudo, um ser de decisão e de resposta. A decisão e a resposta positivas do ser humano consistem, em síntese, na aceitação e na obediência à vontade de Deus, atitudes que devem comportar sempre o compromisso ético pela justiça e pelo amor efetivo, bem como a realização adequada do culto a Deus<sup>155</sup>.

Assim, o mesmo Deus que intervém em certos acontecimentos da história de indivíduos e do povo de Israel para manifestar o seu desígnio salvífico, cria o mundo e o ser humano. Para a tradição hermenêutica “proclamativa”, é no contexto desta proposta salvífica

---

<sup>153</sup> Ibid. p. 69.

<sup>154</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 69.

<sup>155</sup> Cf. RUBIO, Alfonso García. *Unidade na Pluralidade*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 117-178.

de Deus e da necessidade de decisão-resposta do ser humano que se pode descobrir o significado da criação. A criação constitui o início das intervenções salvíficas de Deus. O ser humano é uma criatura (que recebe) responsável (que responde).

Mas chama-se a atenção para o fato de que o ser humano pode também tentar esquivar-se a dar uma resposta. Pode não assumir a sua primeira e mais fundamental vocação: ser humano; e assim omite-se em relação à própria responsabilidade sobre o mundo e sobre a história humana, de tal forma que na sua arrogância, iludido pela vontade ilimitada de poder, não aceita os próprios limites e desfigura o sentido do mundo, dominando os outros, levando o seu semelhante a viver uma vida miserável, infra-humana, no nível quase animal, de perdição, numa situação de não salvação.

Mais uma vez ressalta-se que a resposta, positiva ou negativa, é dada pelo ser humano em cada detalhe de sua vida, nas decisões tomadas no hoje da sua existência e não na fuga para um mundo e tempo meta-histórico, ou seja, além ou fora da sua própria trajetória de vida.

A essas considerações podem ser adicionados ainda os testemunhos das Escrituras, onde são descritos os benefícios de Cristo, conferidos pelo seu precioso Espírito à mente e à vontade humanas, no ser humano como um todo (7. os benefícios nos seguintes textos: 1 Co 5.9-11; Gl 5.19-25; Ef 2.2-7; Ef 4.17-20; Tt 3.3-7). Todos esses benefícios visam o resgate do ser humano, pois é ele o alvo do amor de Deus. Assim, em Cristo o ser humano é plenamente recuperado.

Em sua condição primitiva, vindo das mãos do Criador, o ser humano foi dotado com uma porção de conhecimento, santidade e poder, para entender todas as coisas, estimar, considerar, desejar e fazer o bem, de acordo com o que lhe foi dado como missão<sup>156</sup>. Mas, foi por causa do pecado, em seu estado de descuido, o homem não é mais capaz de agir corretamente, a não ser que ele seja renovado pela ação de Deus em Jesus Cristo, no poder do Espírito Santo.

Nesse aspecto de uma renovação do ser humano, somente a graça divina, com o seu auxílio eficaz, é capaz de fazer o ser humano pensar e querer realizar o que é bom. É necessário que o ser humano seja regenerado e renovado, segundo Armínio, com base nas Escrituras Sagradas, por Deus, em Cristo, por intermédio do Espírito Santo. Toda essa ação tem por finalidade levar o ser humano a fazer o bem. Mas, lembra Armínio, que a operação da graça é contínua, a fim de seja uma constante na vida do ser humano regenerado.

O que Armínio quis dizer com “Graça Divina” observa-se nas suas próprias palavras:

---

<sup>156</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 231.

(1.) É uma *afeição gratuita* pela qual Deus, tocado pelo amor, vai em direção a um pecador miserável e, em primeiro lugar, dá o seu Filho, “para o que todo aquele que nele crê... tenha a vida eterna”, e, depois, Ele o justifica em Cristo Jesus e por causa dEle, o adota, concedendo-lhe direito dos filhos, para a salvação. (2.) É uma infusão (tanto no entendimento como na vontade e afeições humanas) de todos os dons do Espírito Santo que pertencem à regeneração e à renovação da fé, da esperança, da caridade, etc. de tal homem, pois esses dons graciosos o homem não é suficiente ou capaz de pensar, ter vontades, ou fazer qualquer coisa que seja boa. (3.) A *assistência permanente* e a ajuda contínua do Espírito Santo, segundo a qual Ele age e inclina para o bem do homem que já foi renovado, infundindo nele cogitações salutareis, inspirando-lhes com bons desejos, levam-no, assim, a desejar tudo o que é bom; e de acordo com o que Deus pode desejar e trabalhar em conjunto com o homem, que o homem possa fazer o que ele quiser.<sup>157</sup>

É interessante que Armínio tem um parecer contrário à “Graça Irresistível” dos calvinistas, quando afirma que a “Graça de Deus é uma certa força que pode ser resistida ou não<sup>158</sup>. Ele afirma que este pensamento está de acordo com as Escrituras Sagradas, pois houve ocasiões em que muitas pessoas resistiram ao Espírito Santo e rejeitaram a graça que lhes foi oferecida.

Uma vez que todos os benefícios de Cristo foram evidenciados para que o ser humano fosse resgatado para a vida plena, aqui na terra e, também, no porvir, este não poderá por sua própria conta, autocentrado em sua existência, fazer fruir a sua vida sem o auxílio de Cristo. Este auxílio se dá por meio do Espírito Santo. Auxílio em todas as tentações que os crentes enfrentam neste mundo; socorro em tempos de tormentas e tentações, que podem fazer cair o crente. Segundo Armínio, Cristo não deixa o crente cair, desde que tenha se preparado para a batalha, implorando a ajuda do alto, uma vez que, por conta própria o crente não pode ser vencedor. Se assim for uma realidade, nem mesmo Satanás poderá arrancar o crente das mãos de Cristo<sup>159</sup>.

Diante dos benefícios de Cristo e pela operosidade do Espírito Santo nos crentes, e esta operosidade é de modo contínuo, com uma participação daquele que crê, a certeza da salvação é possível uma vez que aquele que crê em Cristo possa ter a certeza e esteja convencido, caso o seu coração não o condenar, de que os crentes gozam da garantia da salvação. Essa garantia ou certeza é a de que um filho de Deus estando na graça de Jesus Cristo tem a sua certeza na mente, como fruto da atuação constante do Espírito Santo de Deus<sup>160</sup>.

<sup>157</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 231.

<sup>158</sup> Pode-se encontrar essa reflexão em: RODRIGUES, Zwinglio. *Graça Resistível*. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 25 ss.

<sup>159</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 232.

<sup>160</sup> Cf. *Ibid.* p. 233.



Os pontos seguintes tratam de como o agir humano regenerado, torna evidente a obediência aos mandamentos de Deus em amor e temor. E como se pode ter hoje uma cristandade livre, mas responsável, uma vez que foi alvo do amor e da misericórdia de Deus em Cristo, e na ação do Espírito Santo.

#### 4.6 UM AGIR HUMANO OBEDIENTE AOS MANDAMENTOS EM AMOR E TEMOR

Iniciar esta parte do trabalho com uma citação de Jacó Armínio sobre o agir humano obediente tem uma grande importância, pois assim ele escreveu:

A obediência, que é o objeto formal de todos os preceitos divinos, e que está prescrita em todos eles, é estabelecida, apropriada e adequadamente, para a vontade, que se conduz segundo o modo da liberdade, isto é, por ser livre e gratuita, para que possa regular a vontade que se conduz de acordo com o modo da natureza, isto é, para que possa regular a inclinação, segundo a obediência ditada.<sup>161</sup>

Por “objeto formal” é entendido por Armínio aquilo que é comum em todos os preceitos divinos, e que deve ser aprendido. O exemplo maior para ilustrar este tema é o de Cristo, de acordo com o que escreveu o apóstolo Paulo em Filipenses 2.8: “[...] a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.” Na epístola aos Hebreus está também escrito no capítulo 5.8: “[...] embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu.” Assim, o agir humano obediente tem como base o conteúdo de todos os preceitos divinos, e isto deve ser praticado em amor e temor.

Para ilustrar mais ainda sobre o verdadeiro uso de como o ser humano precisa agir, de modo que a sua liberdade, regulada pelos preceitos divinos, alcance seu objetivo primário está contido em Lucas 10.25-37. O relato neotestamentário aborda com muita propriedade a condição humana do ser humano, onde se define que este ser é um ser independente e dependente, ele é livre. Deus o criou livre. Livre para amar, para raciocinar, para servir e para relacionar-se. Ser livre é bom. Liberdade é algo maravilhoso. Porém, há uma realidade latente no ser humano que é uma realidade voltada para o mal. Quando as pessoas decidem fazer o mal elas causam escravidão, tornando vidas de pessoas mais debilitadas.

O entendimento do texto expõe que o intérprete da lei está preocupado em utilizar sua liberdade, a qual está condicionada apenas à prática de decorar alguns mandamentos da lei. A liberdade naquele momento era para pôr Jesus à prova. Decorar a lei é muito fácil, mas viver

---

<sup>161</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 151.

o espírito da Palavra é mais difícil. É muito mais ação do que teoria. Jesus disse que sua liberdade não era apenas decorar a lei, mas sim observar a própria dinâmica da lei. O intérprete da lei faz outra pergunta a Jesus: “Quem é o meu próximo?” A seguir Jesus conta uma parábola, com a finalidade de corrigir a pergunta do doutor da lei. E, Jesus fala acerca das três formas de se utilizar a liberdade, que tem a ver como “objeto formal”<sup>162</sup> do qual Armínio trata.

A primeira forma de se utilizar a liberdade é contra os outros semelhantes. Os salteadores utilizaram a sua liberdade contra o homem, deixando-o semimorto, à beira do caminho. Quando se utiliza a liberdade que Deus concede contra os outros, torna-se um modo de agredir o próprio Deus, o próximo e à criação. O ser humano possui uma tendência para fazer o mal. Quando o ser humano age com atos de desumanidade, suas palavras e seus atos se voltam contra si mesmo. Este primeiro uso da liberdade é detestável segundo o ensino das Sagradas Escrituras. A verdadeira religião é a religião do amor, deve-se pregar a paz e não a violência. Há pessoas e grupos que querem converter outros através da violência, mas a verdadeira conversão é pelo amor, pela Palavra de Deus. O cristianismo tem que ser profético e não agressivo. Ser cristão é ser seguidor de Cristo, é servir a Deus Pai, Filho e Espírito Santo; é ele quem dá a vida; Deus não é violento. Quando Jesus de Nazaré se entregou à morte, o Pai decretou um “não” a ela. Deus o ressuscitou pelo poder do seu Espírito. Portanto, Deus é contra a violência; a sua Palavra diz que ele é amor. Este ponto termina quando se faz a advertência sobre a necessidade de utilizar a liberdade. Citando o mau exemplo dos salteadores, devem-se ter atitudes contrárias à deles. Deve-se ter cuidado para não utilizar a liberdade contra os outros.

O segundo ponto: o uso da liberdade em causa própria. O texto nos mostra as atitudes do sacerdote e do levita. Essas pessoas foram colocadas por Deus em seus cargos para cuidar do próximo, mas eles resolveram fazer o contrário, e “passaram de largo”, fugindo assim da sua obrigação. Deve-se ter o cuidado, para não ocupar um cargo em algum lugar público ou privado apenas para possuir status. Não existe ninguém maior, ou melhor, que os outros. Se existe alguém exercendo um cargo importante é para que esta pessoa sirva a Deus e aos outros e não se servir. Deve-se o ter cuidado com as expressões “eu posso”, “eu faço”, ou qualquer ato ou posição que esteja na primeira pessoa do singular. Quando se “perde o temor de Deus, usam-se dons e talentos em causa própria”. Deus concede os dons para que haja um mundo melhor; famílias melhores; igrejas mais servidoras, para que, assim, haja uma transformação

---

<sup>162</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 151.

do mundo. Os dons não são para que alguém prevaleça diante da sociedade. Quando se serve é aí que alguém se torna grande. Este segundo uso da liberdade em causa própria Deus também não aceita. Jamais se deve perder o temor de Deus, pois quando há uma perda, passa-se a fazer a própria vontade. Na tentativa de querer ser igual a Deus, ser maior que Deus, perde-se o foco da existência autêntica. É o que expressa as próprias palavras de Armínio:

Esta liberdade é a da contradição ou exercícios, ou da contrariedade ou especificação. Segundo a liberdade de exercício, a vontade regula a inclinação para que ela possa realizar algum ato, em lugar de se abster dele, ou o contrário. Segundo a liberdade de especificação, a vontade regula a inclinação, de modo que, por tal ato, ela possa tender a este ou àquele objeto.<sup>163</sup>

O terceiro ponto: o uso da liberdade para fazer o bem. Como Cristo, deve-se fazer o bem que é traduzido por servir. Jesus veio para servir. Exerceu uma vida de serviço. Tal qual Jesus se deve servir, ou seja, utilizar a liberdade em favor do outro. Portanto, deve-se acolher o outro em seu estado de sofrimento. Estar sempre disposto a ouvir o outro, amar o outro. A convivência ajuda a ver a vida como ela precisa ser vivida. Tipificado na pessoa do samaritano, Jesus trata daquele homem ferido. É aquele homem ferido que nos representa. O homem representa o outro em relação ao que se deve ser de verdade. É nesse momento, de mais intensa dor, que Jesus acolhe os deixados à beira do caminho. Jesus é o exemplo para que a sua igreja possa representá-lo na existência humana. Pode-se ver na Sua Palavra que Deus é Deus que acolhe.

O Senhor deixou aqui o exemplo para que se use a liberdade para servir, para ajudar os outros. Onde começa isto? Na família, na Igreja, no trabalho, no condomínio, na Universidade ou em qualquer lugar. Assim, deve-se viver para servir a Deus e aos irmãos.

Segundo Armínio, ser obediente aos mandamentos de Deus não é nada fácil. Para que isto aconteça é necessário humildade<sup>164</sup>. Assim ele define humildade: “[...] é uma qualidade pela qual qualquer pessoa se dispõe a se submeter a outra, a aceitar suas ordens e executá-las. E, neste caso, submeter-se a Deus”.

Armínio entende que a obediência tem duas partes fundamentais: um ato interior e outro que é externo. Esses dois atos operam de modo concomitante, com a finalidade de haver uma obediência completa, verdadeira e sincera. Com mais profundidade e ousadia, Armínio afirma que o exercício do ato exterior sem o exercício do ato interior é hipocrisia. Hipocrisia significa dizer que, aparenta-se ser uma coisa e na realidade é outra. A pessoa é impura por

---

<sup>163</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 151.

<sup>164</sup> *Ibid.* p. 152-153.

dentro, e por fora há uma capa de santidade. A Bíblia diz que todos pecaram (Rm 3.23; 6.23). Quantos se enganam ao procederem em uma avaliação da própria alma no corpo visível.

Alguns seres humanos imaginam-se semideuses. Querem dominar o mundo. Mas quando se olha para Deus percebe-se quão fracos são os seres humanos. Em Deus reside a perfeição, a justiça, a sabedoria, o poder. Não dá para fazer uma comparação entre a vida humana e a realidade divina.

Como é o ser humano diante de Deus? É somente horror e espanto. Quando o ser humano é inclinado a buscar a Deus, percebe a sua indignidade. Pessoas do passado, na Bíblia, que viram a glória de Deus disseram: “Morreremos, pois que nos apareceu o Senhor”. Conferir os textos: Jó 38.1-40.5. Abraão se reconheceu terra e pó desde que mais próximo se achegou a Deus (Gn 18.27). Elias não teve a ousadia de falar com Deus com a face descoberta (1 Rs 19.13). Estas e outras são pessoas que não suportaram a glória de Deus. O ser humano é podridão (Jó 13.28); é verme (Jó 5.7; Sl 22.6).

Segundo Armínio o ser humano precisa da graça e da colaboração especial de Deus, porque são necessárias para a realização da obediência completa, verdadeira e sincera<sup>165</sup>. A graça divina é especial porque ela incentiva, inicia, impele, dá coragem ao exercício da obediência. Ela atinge integralmente o ser humano, e por isso é denominada por Armínio de “graça colaboradora e acompanhadora”<sup>166</sup>, sendo assim, o ser humano regenerado é capaz de realizar um bem maior do que ele realmente realiza. Também pode omitir um mal maior do que omite.

Segundo Louis Berkhof<sup>167</sup> palavra “graça” nem sempre se usa na Escritura com o mesmo sentido, senão com uma variedade de significados. No Antigo Testamento temos a palavra *hen* (adjetivo *hanun*), da raiz *hanan*. O nome pode denotar plenitude de graça ou de beleza, Provérbios 22.11; 31.30; pelo que, em geral, na maior parte significa favor ou boa vontade. O Antigo Testamento fala repetidas vezes de achar o homem favor aos olhos de Deus. A benevolência, assim encontrada, traz consigo a concessão de graças ou bênçãos. Isto significa que a graça não é uma qualidade abstrata, senão bem mais ativa, um princípio operante, que se manifesta em atos de benevolência, Gênesis 6.8; 19.19; 33.15; Êxodo 33.12; 34.9; I Samuel 1.18; 27.5; Ester 2.7. A ideia fundamental é que as bênçãos concedidas por

---

<sup>165</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 153.

<sup>166</sup> Loc. cit.

<sup>167</sup> Cf. BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. México: La Antorcha de Mexico, 1949. p. 507-508.

graça são as que se proporcionam em forma gratuita, e não em consideração a algum direito ou mérito.

A palavra do Novo Testamento *charis*, de *chairein*, “regozijar-se”, denota antes toda uma agradável aparência externa, “amabilidade”, “agrado”, “aceitação”, e esse significado encontra-se em Lucas 4.22; Colossenses 4.6. Não obstante, um significado mais notável da palavra é o de favor ou boa vontade, Lucas 1.30; 2.40, 52; Atos 2.47; 7.46; 24.27; 25.9. Pode denotar a bondade ou benevolência por Deus, II Coríntios 9.8 (referindo-se a bênçãos materiais); I Pedro 5.10. Ademais, a palavra expressa a emoção despertada no coração daquele que recebe um favor tão grande, e desta maneira adquire o significado de “gratidão” ou “agradecimento”, Lucas 4.22; I Coríntios 10.30; 15.57; II Coríntios 2.14; 8.16; I Timóteo 1.12. Não obstante, na maior parte das passagens em que a palavra *charis* é usada no Novo Testamento, significa a operação imerecida de Deus no coração do ser humano, efetuada mediante a ação do Espírito Santo.

Quando algumas vezes falamos de graça como uma qualidade inerente, é na realidade a comunicação ativa das bênçãos divinas mediante o trabalho interno do Espírito Santo procedentes da plenitude dAquele que está “pleno de graça e de verdade”, Romanos 3.24; 5.2, 15, 17, 20; 6.1; I Coríntios 1.4; II Coríntios 6.1; 8.9; Efésios 1.7; 2.5, 8; 3.7; I Pedro 3.7; 5.12.

A “graça” é um atributo de Deus, uma de suas perfeições divinas. É o imerecido favor ou amor de Deus, amor gratuito e soberano para o ser humano em seu estado de pecado e culpa que se manifesta no perdão do pecado e na libertação da pena merecida. Está relacionada com a misericórdia de Deus tal como se distingue de sua justiça. Esta é a graça redentora no sentido mais fundamental da palavra.

No próximo tópico, serão enfocados os fundamentos, segundo Armínio, para a existência atuante de uma cristandade livre, mas com responsabilidade, auxiliada pela graça colaboradora e acompanhadora, levando o ser humano regenerado a fazer um bem maior e evitar um mal maior.

#### 4.7 OS FUNDAMENTOS PARA UMA CRISTANDADE LIVRE E RESPONSÁVEL

Jacó Armínio considera fundamentos para uma cristandade livre e responsável os preceitos da Lei de Deus. Decorrentes da observância da Lei divina seguem-se o amor, o temor e a confiança, que são honras devidas somente a Deus<sup>168</sup>. Acerca do Decálogo ou os

---

<sup>168</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 155-172.

Dez Mandamentos da Lei de Deus, Armínio comenta sobre os cinco primeiros mandamentos. Os mandamentos constam no Livro do Êxodo capítulo 20.1-17:

E Deus falou todas estas palavras:

“Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão”.

“Não terás outros deuses além de mim”.

“Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra, ou nas águas debaixo da terra”.

Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto, porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que castigo os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que me desprezam, mas trato com bondade até mil gerações aos que me amam e guardam os meus mandamentos.

“Não tomarás em vão o nome do Senhor teu Deus, pois o Senhor não deixará impune quem tomar o seu nome em vão”.

“Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo”.

Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teus filhos ou filhas, nem teus servos ou servas, nem teus animais, nem os estrangeiros que morarem em tuas cidades. Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou.<sup>169</sup>

“Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor teu Deus te dá”.

“Não matarás”.

“Não adulterarás”.

“Não furtarás”.

“Não darás falso testemunho contra o teu próximo”.

“Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seus servos ou servas, nem seu boi ou jumento, nem coisa alguma que lhe pertença”.<sup>170</sup>

(Ex 20:1-17)

Sobre os Dez Preceitos do Decálogo, contidos em duas tábuas, são classificados dentro da seguinte ordem metodológica<sup>171</sup>: Os quatro primeiros mandamentos da primeira tábua prescrevem o nosso dever para com Deus, enquanto os da segunda tábua contêm deveres dos seres humanos para com seus semelhantes. Assim, a relação que existe entre as palavras do Decálogo tem a ver com o amor de Deus para com os seres humanos, bem como para toda a criação. Por isso Deus tem a preferência. Logo, Armínio fez comentários somente a cinco mandamentos: quatro da primeira tábua e um da segunda tábua, que é o quinto mandamento, para definir os fundamentos para uma cristandade livre e responsável.

Sobre o “Primeiro mandamento”<sup>172</sup> – “Não terás outros deuses diante de mim”. É um mandamento que tem relação com o prefácio do Decálogo: “Eu sou o Senhor teu Deus”. Esta

<sup>169</sup> Preceitos dos seres humanos em relação aos seus deveres para com Deus.

<sup>170</sup> Preceitos dos seres humanos em relação aos seus semelhantes.

<sup>171</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 155-172.

<sup>172</sup> *Ibid.* p. 159.

expressão indica que Deus não compartilha sua adoração com ninguém e nada neste mundo, da parte do seu povo. Caso exista “outro deus”, não passa de “ídolo”.

Quanto ao “Segundo mandamento”<sup>173</sup> – “Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás.” Isto significa uma proibição de adoração a qualquer imagem esculpida, fundida ou pintada, ou ainda feita de outra maneira. Significa que não seja feito tudo isso para representar Deus. O Senhor não pode ser representado por nada inventado pela mente humana, e que tome seu lugar.

O “Terceiro mandamento”<sup>174</sup> “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão”. Este mandamento tem o significado de não ser contaminado o nome de Deus, pelo mau uso indevido, porque o nome do Senhor é cheio de majestade. Por isso deve-se usá-lo de maneira santa. “Em vão” quer dizer, usar o nome de Deus de maneira hipócrita, com dissimulação e sem justa causa, falsa e inadvertidamente.

Sobre o “Quarto mandamento”<sup>175</sup> – “Lembra-te do dia do sábado, para o santificar”. O ser humano deve trabalhar seis dias e guardar um dia para Deus. O ser humano deve repousar exemplo demonstrado pelo próprio Criador, que descansou de suas obras no sétimo dia. A obra de Deus é magnificada no Sábado<sup>176</sup>, que é marcado como pausa para que o ser humano se lembre do Criador, e tudo quanto foi criado, foi criado para que o ser humano pudesse desenvolver a sua vocação.

Quanto ao “Quinto mandamento”<sup>177</sup> – “Honrarás a teu pai e a tua mãe”. O objetivo deste preceito é para haja ordem entre os seres humanos. Pai e mãe são as primeiras figuras de autoridade e alteridade. “Honra” é a recompensa de excelência, e sua realização é um sinal de reconhecimento. Esta “honra” está relacionada com tudo o que abrange as coisas necessárias para a vida em sua totalidade e integridade. Tudo isso envolve: reverência, obediência, gratidão e as coisas necessárias para a preservação da vida atual.

Sobre o “Sexto mandamento”<sup>178</sup> – “Não matarás”. Este mandamento ordena preservar a vida natural. Faz desejar a segurança dos corpos humanos, que possam ser preservados inviolados.

---

<sup>173</sup> Ibid. p.161 ss.

<sup>174</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 165 ss.

<sup>175</sup> Ibid. p. 166 ss.

<sup>176</sup> ROCHA, Nelson Célio de Mesquita. *Teologia e Biodiversidade: desconstruções de dualismos na mentalidade ocidental*. Petrópolis: Bem Cultural, 2017. p. 112-116.

<sup>177</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 169 ss.

<sup>178</sup> Ibid. p. 171 ss.

Estes foram os mandamentos evidenciados e comentados por Jacó Armínio, ainda que de modo conciso, mas se percebe objetividade em suas palavras. Estranha-se o fato pelo qual Armínio não escreveu comentários acerca dos outros mandamentos. Talvez porque os seis mandamentos comentados estejam entranhados nos outros não comentados.

Seguem os fundamentos para uma cristandade livre e responsável, os quais são considerados importantes com base na Lei de Deus.

O “amor” é o primeiro fundamento. É algo que necessita ser demonstrado, conforme Armínio mesmo escreveu: “O amor a Deus é um ato obediente do homem, pelo qual ele prefere, consciente e voluntariamente, acima de todas as outras coisas, a união de si mesmo com Deus e a obediência à Lei divina, que é acompanhada por um ódio pela separação e desobediência”<sup>179</sup>.

A demonstração do amor<sup>180</sup> é descrita em 1 Coríntios 13, de forma poética, mas com um tom de praticidade, que não envolve apenas sentimento, mas entrega de verdade, em favor do outro. Algumas perguntas são fundamentais sobre o tão veiculado tema do “Amor”. Eis algumas dessas perguntas para uma reflexão em nível eclesial. Que é o amor? Como demonstrar o amor? A quem demonstrar o amor?

A demonstração do amor passa pela verbalização<sup>181</sup>. Jesus demonstrava seu amor verbalmente – João 15.9. O apóstolo Paulo fez isto através de cartas. Nelas manifestou o seu amor por várias pessoas: 1 Tm 1.2; Fm 1.1; Fp 1.7,8; Rm 12.10. As carícias verbais também devem existir dentro da Igreja. Assim, a demonstração verbal de amor quebra barreiras, restaura relacionamentos, cria um ambiente leve, facilita a transparência, cura as emoções, exercita o perdão e gera vida na comunidade.

A demonstração do amor passa pelo toque<sup>182</sup>. Precisa-se hoje, e em todo o tempo, aprender a valorizar a importância de tocar e se deixar tocar pelas pessoas. Jesus Cristo sabia da importância desta forma de demonstração de amor: Mc 6.5-6. Jesus tocava nas pessoas doentes: Mc 7.33; 8.22-23; 9.19; 9.27; 10.16; Jesus se deixava tocar: Mt 26; Mc 14; Jo 12; Mc 5.30; Jo 20.27. Não há razões para que os cristãos tenham medo de tocar um no outro.

A demonstração do amor passa por uma atitude concreta de vida<sup>183</sup>. É a decisão efetiva que tomamos em favor do outro. Assim, todo cristão sabe que o projeto de Deus

<sup>179</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 155.

<sup>180</sup> Este assunto determinante para a vida eclesial se encontra melhor definido na obra de: MENDES, Naamã. *Igreja: lugar de vida*. Betânia: Venda Nova: Betânia, 1992.

<sup>181</sup> Está relacionando ao Verbo, à palavra.

<sup>182</sup> Estender a mão para uma pessoa é algo muito profundo, principalmente quando se pode tocá-la. Geralmente há preconceitos neste sentido, mas é preciso vencê-los.

<sup>183</sup> Atitude concreta de vida é o testemunho da Igreja, tanto no individual, quanto no coletivo.



implica na construção de um novo Céu e de uma nova Terra, onde a fraternidade, a justiça, o amor, a paz, é o conteúdo principal. É preciso observar o exemplo da Igreja de Jerusalém: Atos 2.42-47 (Igreja Primitiva), a fim de que se possa oferecer a vida para ser gasta na construção da Igreja e na promoção do Reino de Deus. Portanto, sugere-se uma acurada reflexão em 1 João 3.16-18, justamente porque o amor a Deus, segundo Armínio, é o resultado do seu amor para com a humanidade.

Sobre a relevância deste assunto, no momento que se chama hoje, as igrejas locais e os concílios, quer no âmbito local e em níveis regional e nacional, devem marcar a história da Igreja com o empenho dinâmico de construir uma nova sociedade, que tenha as bases concretas do Reino de Deus: justiça, paz e amor.

Na oração sacerdotal de Jesus consta a sua intercessão junto ao Pai, pelos seus discípulos, no sentido de que eles não se dissociassem do mundo, pois este é o campo de atuação, da missão que é a própria Igreja. Deus tem o seu propósito de redimir o ser humano e o cosmo, a partir da ação proclamadora da Igreja que, não prega a si mesma como instituição plena e única, mas a mensagem de uma nova ordem para este mundo. Assim, a Igreja de Cristo não deve se constituir uma comunidade hermética, mas abrir-se para exercer a sua missão, cuja natureza é percebida no Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo.

Quando se trata de orientação pastoral, e Armínio era um pastor atuante em seu tempo, significa aquilo que a Palavra de Deus ensina para haver plena conscientização. O enfoque bíblico tende a ser numa perspectiva hermenêutica contextualizada, fugindo-se do fundamentalismo e do liberalismo teológicos, permitindo-se pensar de forma equilibrada, a fim de que todos possam participar na construção de um mundo melhor, pois como seres humanos, e muito mais, como seres transformados por Cristo Jesus, considerando-se que a salvação cristã está inscrita na própria criação de Deus.

Os púlpitos da Igreja e, também, o ensino catequese devem estar em harmonia nesse sentido, para haver a plena conscientização do exercício da plena cidadania. A Bíblia nos ensina que somos cidadãos do Céu, mas também comprometidos com as coisas da terra.

Uma cristandade livre e responsável denuncia as causas da exploração do homem pelo homem. A Igreja é a consciência crítica do Estado, por isso ela caminha em paralelo. Ela é comunidade profética, sendo assim, tem a missão de denunciar as injustiças e todas as causas que fazem execrar a própria vida que é dom de divino.

As tentações que sobrevêm à Igreja para que esta desista de sua missão são as mesmas pelas quais Cristo passou. Jesus enfrentou e venceu o materialismo desenfreado. O consumismo e a febre do capitalismo selvagem, fazendo surgir a descrença e como resultado,

o afastamento do homem de Deus, de si mesmo e do semelhante. Jesus enfrentou e, também, venceu o fanatismo que afirma o que Deus não ordena. O mágico e o imediato como resultado de uma visão maniqueísta, que exclui uns e outros não. O toque de mágica de um mundo de fantasia, fazendo surgir neuróticos espirituais. Por último, Jesus enfrentou e venceu o poder que desestrutura a vida humana. Hoje, há quem tenha bens e dinheiro, constituindo uma realidade de dominação. E sobre o ser não se tem interesse. A valorização do ter em detrimento do ser é quase que um absoluto que circunda as dimensões sociais, envolvendo até o aspecto religioso.

A tradição bíblico-cristã bem entendida vale muito para se reconhecer a forte realidade da criação, de acordo com a sua disposição estabelecida por Deus em Gênesis 1 e 2. Tudo foi criado por Deus e o ser humano, segundo o pensamento de Armínio, deve olhar por esse prisma. A sua missão deve ser resgatada: de cuidar da natureza e do seu semelhante.

É fundamental que a Igreja tenha uma linha cristológica de acordo com a salvação que está inscrita na Criação. Assim, se poderá resgatar o valor do humano, a partir da vida e da obra de Jesus Cristo, que se tornou plenamente humano. Sendo humano, Jesus nos ensinou a valorizar o outro, sem as tentativas de exploração.

Duas janelas devem estar abertas: uma vida no Espírito Santo e uma vida voltada para a realidade. Trabalhando-se o aspecto humano pela via da Palavra de Deus, e principalmente, pela vida e obra de Jesus de Nazaré, olhando para o que está ao redor, quer em níveis individual e coletivo, pode-se chegar a ter já não só um prelúdio de um mundo melhor, mas a encarnação daquilo que Deus planejou e estabeleceu em sua Palavra para ser cumprida na sua Igreja. Assim, separados, descumpriremos e desobedeceremos a Palavra de Deus. Juntos, podemos construir um mundo melhor.

O “temor” é o segundo fundamento para uma cristandade livre e responsável<sup>184</sup>. O temor é um ato de obediência do ser humano regenerado. Tem que se constituir um ato voluntário do ser humano renascido. Ele exerce temor em todas as coisas e evita o desprazer de Deus. O ser sem fé no significado da Bíblia e, particularmente, do Novo Testamento, seria incompreensível. Seria também incompreensível a própria vida cristã. No Antigo Testamento Deus é o único fiel, imutável e sempre leal à sua aliança e promessa. O Novo Testamento reafirma, naturalmente, esta verdade: “Quem fez a promessa é fiel” – *pistós* – (Hb 10.23; Rm 3.3; 1 Ts 5.24; 2 Ts 3.3).

---

<sup>184</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 155 ss.

O Antigo Testamento insiste que o ser humano, de sua parte, seja fiel a Deus, isto é, confiante, obediente, constante, repousando na fidelidade como sobre uma rocha em meio ao turbulento mar (Is 23.3ss), ou como a esposa fiel ao seu marido (Os 2.20).

“O justo viverá pela sua fé” (Hc 2.4) – texto que o apóstolo Paulo traduzirá livremente, para seus próprios propósitos (Rm 1.17; Gl 3.11; Hb 10.38). Este espírito de confiança absoluta nas promessas de Deus encontrado no Antigo Testamento também se verifica frequentemente no Novo Testamento, especialmente em Hebreus, onde a fé é definida como “A certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem” (Hb 11.1).

Os heróis do Antigo Testamento conseguiram realizar feitos poderosos e eficazes porque possuíam este tipo de fé (Hb 11). O próprio Jesus Cristo é exemplo claro desta fidelidade (“O Autor e Consumador da fé” Hb 12.2), pois suportou a cruz e toda a sorte de males e tentações que conhecemos (Hb 4.15; 2.17ss). O apóstolo Paulo prefere chamar de esperança o que Hebreus chama de fé: “Mas se esperamos o que não vemos” (Rm 8.25); contudo, Paulo entende a fé como está descrita no Antigo Testamento (Rm 3.3; 1 Co 1.9; 10.13; Gl 3.9). Em geral, o Novo Testamento e Paulo, em particular, ultrapassam o conceito de fé exarado no Antigo Testamento. Os profetas lamentam constantemente que, embora Deus tenha permanecido fiel à Aliança, Israel se mostre cada vez mais infiel; e não têm esperanças de que Israel pela sua própria capacidade possa recuperar-se. A única esperança está na intervenção de Deus, que pode criar um novo coração e um novo espírito, selando também uma nova aliança, através de uma nova criação (Jr 31.31-34; Ez 14.26.).

Deus deve criar ou recriar a fé que exige. Segundo o Novo Testamento foi exatamente isto o que aconteceu ao ser estabelecida a nova aliança do Senhor Jesus Cristo. Conseqüentemente, na visão neotestamentária, fé significa, antes de tudo, fé em Jesus Cristo, que é ao mesmo tempo o objeto e o doador da fé aos discípulos. Jesus mesmo ensinou aos discípulos a necessidade fundamental da fé. Uma fé que está ligada ao temor a Deus, de modo voluntário e consciente.

“Confiar em Deus” é o terceiro fundamento para uma cristandade livre e responsável<sup>185</sup>. A palavra-chave é “esperança”, que serve para demonstrar que a confiança em Deus é um ato de aguardar todas as coisas que são salutares ou salvadoras para o ser humano. Armínio afirma que nisto, também, está incluída a remoção dos males.

No Antigo Testamento, observando-se a história do povo de Israel, uma grande parte do povo passou a confiar em ídolos, deixando de confiar no Senhor. Sabe-se que idolatria é

---

<sup>185</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 155 ss.

pecado. Desde quando houve a divisão de Israel em duas partes, o Reino do Norte e o Reino do Sul, o povo começou a perder o rumo. Por perder a direção, passou a haver uma redução, um afunilamento da população, a ponto de sobrar apenas um remanescente. Segue um breve relato de uma postura inadequada perante Deus:

Disseram assim a Roboão: “Teu pai tornou pesado o nosso jugo; agora, alivia a dura servidão de teu pai e o jugo pesado que ele nos impôs e nós te serviremos” [...]. O rei Roboão consultou os anciãos que haviam auxiliado seu pai Salomão durante sua vida, e perguntou: “Que me aconselhais a responder a este povo?” Eles lhe responderam: “Se hoje te sujeitares à vontade deste povo, se te submeteres e dirigires boas palavras, então eles serão para sempre teus servidores”. Mas ele rejeitou o conselho que os anciãos lhe deram e consultou os jovens que foram seus companheiros de infância e o assistiam. Perguntou-lhes: “Que aconselhais que se responda a este povo” [...]. Os jovens, seus companheiros de infância, responderam-lhe: ‘Eis o que dirás a este povo [...]; eis o que lhes responderás; “Meu dedo mínimo é mais grosso que os rins de meu pai! Meu pai vos sobrecarregou com um jugo pesado, mas eu aumentarei ainda o vosso jugo; meu pai vos castigou com açoites, e eu vos açoitarei com escorpiões!”’. (1 Rs 12,3-11)

Depois de Israel ter passado pela experiência de uma monarquia forte, principalmente sob Davi e Salomão, desta feita chega à experiência de fragmentação<sup>186</sup>. Toda divisão é política, em face da dificuldade que as pessoas têm em dar continuidade à aceitação do outro como diferente. E, assim também, não foi de outro modo, diferente, com o povo de Israel.

Durante o período monárquico, jamais houve um livramento das tensões. Nem Davi, nem Salomão, com todo o seu brilhantismo, conseguiram resolver seus problemas fundamentais - principalmente o de diminuir a diferença entre a independência tribal e as exigências da autoridade central, bem como entre a antiga tradição e as exigências da nova ordem. Pelo contrário, a política opressiva de Salomão aumentou irremediavelmente a diferença.

Perto do fim do reino salomônico (1 Rs 11.26-40), quase houve uma rebelião, quando um homem de nome Jeroboão, que era certamente chefe de corveia das tribos de José (v. 28), tramou uma rebelião com a ajuda do profeta Aías. A rebelião foi abafada, e Jeroboão foi forçado a procurar refúgio no Egito. Antes da morte de Salomão, as tribos do norte já tinham sido completamente afastadas da casa de Davi.

Segundo o relato bíblico, com a morte de Salomão, em 931 a.C., desabou a unidade do reino. O norte, agora chamado de Israel, separou-se do Estado davídico que permaneceu em Judá. E o reino do norte existiu durante 209 anos, até ser massacrado pelo poderoso Império Assírio, em 722 a.C.

---

<sup>186</sup> BRIGTH, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 281 ss.

Sobre a rebelião<sup>187</sup> que explode e divide Israel, para começar, podemos anotar que o processo de sucessão de Salomão não foi bem visto, especialmente porque o norte tinha consciência da exploração a que era submetido pelo poder central e levantou, então, a bandeira da rebelião.

Proclamado rei em Judá, Roboão (931-914 a.C.), filho de Salomão, foi a Siquém para que o norte o aclamasse senhor também das outras tribos. Em Siquém, os israelitas impuseram-lhe uma condição: aceitariam o seu governo, caso fossem retiradas as pesadas leis impostas ao povo por seu pai Salomão. Roboão não aceitou as condições e foi a gota d'água. Podemos seguir o desenrolar dos acontecimentos a partir do capítulo 12 do primeiro livro dos Reis.

Israel do norte, chamado doravante simplesmente de Israel, Samaria ou ainda Efraim, constituído pelas 10 tribos rebeldes, escolheu para seu rei a Jeroboão, um nobre da tribo de Efraim e inimigo de Salomão, que se encontrava exilado.

Inicialmente nem guerra houve entre os dois países irmãos, pois assim debilitados viram-se ameaçados pelos inimigos externos e deixaram suas rixas para acertar mais tarde. Quando o norte se rebelou, Roboão quis partir para a repressão armada, mas foi desaconselhado.

Jeroboão escolheu a cidade de Siquém para capital do seu reino, onde permaneceu apenas cinco anos. Transferiu-a seguidamente para Penuel e Tirsá. Só mais tarde, sob outro rei, foi construída Samaria, a capital definitiva.

Rejeitando o governo de Jerusalém, os nortistas rejeitaram também o Templo e as peregrinações nas grandes festas. Para substituir o Templo e mesmo para evitar que o povo fosse a Jerusalém e passasse para o lado de lá, Jeroboão construiu dois touros de ouro e colocou-os em antigos santuários: Dan, no extremo norte, e Betel, perto de Jerusalém, no sul. E isto deu o que falar. Para o sul, já era a idolatria que dominava o norte, embora a intenção do rei fosse apenas reavivar o culto naqueles santuários.

Israel caracterizou-se pela instabilidade política. No espaço de 209 anos, teve 19 reis de diferentes dinastias que se sucederam com golpes de Estado, assassinatos e chacinas várias.

A incerteza quanto à localização da capital e ainda o perigo da pressão estrangeira (Fenícia, Síria e Assíria) fizeram do novo país um foco de problemas e de crises sucessivas. E quem saía perdendo, como sempre, era o povo. Os mesmos camponeses e pescadores antes

---

<sup>187</sup> Loc. cit.

explorados pelo sul passaram a sê-lo pelo norte. Assim, diante dessa realidade, hoje, o apelo de Armínio ecoa, a fim de que os cristãos não percam a confiança em Deus.

“Honrar a Deus” é o quarto fundamento para uma vida cristandade livre e responsável. Segundo Armínio: “Honrar a Deus é um ato obediente do homem, pelo qual ele, consciente e voluntariamente, retribui a Deus a recompensa de vida, pelas suas excelentes virtudes e atos”<sup>188</sup>. Esse ser humano inserido no contexto socioeclesial, fazendo parte do todo, é conduzido às excelentes virtudes em atos.

No relato bíblico de Romanos 12.9-21, constam algumas dessas excelentes virtudes e atos. A Igreja é o Corpo de Cristo<sup>189</sup>. É composta de todos os remidos pelo sangue do Cordeiro. Logo, deve a Igreja agir condignamente, através da sua própria razão e natureza, de ser e de existir no mundo, com suas virtudes e práticas, fundamentadas na Palavra de Deus. A Igreja forma o povo de Deus na terra e tem por objetivo edificar a vida das pessoas de todos os lugares e de todos os tempos, sendo instrumento de Deus.

O texto bíblico da Epístola de Paulo aos Romanos apresenta o quadro de uma Igreja que deve desenvolver as virtudes e práticas ensinadas por Deus em sua Palavra. Há qualidades que o povo de Deus deve trazer em seu bojo, obedecendo aos parâmetros da única regra de fé e prática que é a sacrossanta Palavra de Deus, e, portanto, causará, sem dúvidas, impacto profundo na sociedade. O apóstolo Paulo ao registrar a Sabedoria do Espírito Santo, veementemente expõe com precisão “Qualidades do caráter da Igreja”, para que a mesma possa crescer em graça diante de Deus e dos homens. O que é necessário, segundo o ensino bíblico de Romanos 12.9-21, a fim de que a Igreja cresça e se torne um instrumento dinâmico, no Reino de Deus? Seguem alguns pontos fundamentais.

Primeiro, a prática do amor sem hipocrisia (9.10). Deus não quer um amor falso, hipócrita. O amor deve ser praticado em favor do próximo, do contrário Deus não pode aceitar qualquer ato, mesmo que seja em nome do amor.

Segundo, o apego ao bem repudiando o mal (9). É preciso detestar o mal sob quaisquer pretextos. O contrário da prática cotidiana é o apego ao bem, que é Deus e sua Palavra.

Terceiro, o fervor espiritual no serviço do Senhor (11). Nós não devemos ser remissos (relaxados) no serviço do Senhor, pois ele fez tudo para tivéssemos o melhor: a salvação, “Fervor espiritual” é o zelo que temos para como o serviço de Deus.

---

<sup>188</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 156.

<sup>189</sup> Ibid. p. 521-530.

Quarto, a prática da esperança com alegria (12). “Regozijai-vos na esperança” é a ordem da Palavra de Deus. Deus não quer que tenhamos uma esperança em reclamação, duvidando do seu poder.

Quinto, o exercício da paciência na tribulação (12). Às vezes é difícil suportar as tribulações, mas é preciso confiar na graça divina. O Senhor é quem nos dá o escape. As tribulações não são maiores que o nosso Deus.

Sexto, a prática da oração perseverante (12). É preciso orar sempre e nunca esmorecer. Muito pode a oração do justo.

Sétimo, a assistência social e a hospitalidade (13). “Compartilhar a necessidade dos santos” é poder ajudar as pessoas que precisam. A hospitalidade é o acolhimento que os santos dão às pessoas que passam por dificuldades.

Oitavo, a prática de abençoar e não amaldiçoar (14). É muito fácil dizer palavras ruins quando alguém nos perturba. Logo, procuramos xingar ao invés de entrega nas mãos de Deus as nossas palavras.

Nono, a interação e a nossa simpatia com os que sofrem (15). “Alegrar-se com os que se alegram e chorar com os que choram”, faz parte da missão do Filho de Deus, quando esteve entre as pessoas.

Décimo, exercício da humildade. Ser humilde é viver como Jesus viveu. É preciso considerar o valor que os outros têm, reconhecendo as suas virtudes, pois todos são importantes.

Décimo primeiro, viver em paz com todas as pessoas (18). A Paz é um dos grandes temas do Reino de Deus. Faz parte do projeto de Jesus Cristo. “Se possível, quanto depender de vós...” Todo o esforço para a paz.

Décimo segundo, a ausência de vingança (19. 20). Deus é Deus de justiça, por isso nada de vingança. A vingança é a paga do mal pelo mal.

Décimo terceiro, triunfar sobre o mal através do bem (21). O mal não tem mais força que o Sumo Bem que é Deus, o nosso amigo. Onde abundou o pecado, superabundou a graça de Deus.

Deus deve ser amado, temido e honrado, e que lhe seja dedicada confiança, porque assim como fez com Israel, libertando-o da escravidão do Egito, fez também como o seu povo, que é a Igreja<sup>190</sup>.

---

<sup>190</sup> ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 157.

## 5 CONCLUSÃO

Quando da elaboração deste trabalho constatou-se o quanto é necessário conhecer o pensamento de Jacó Armínio, não somente no contexto brasileiro, mas também na América Latina, bem como em outros lugares desta boa Terra de Deus.

Os estudantes brasileiros, por muito tempo, tinham como base para seus estudos obras de teólogos dos Estados Unidos e, também, europeus. E esses teólogos sempre passaram uma imagem de Armínio de forma negativa, deturpada, como se ele fosse o teólogo do desvio da teologia bíblica, bem como da Teologia Sistemática. Para todos eles o problema de Armínio, o maior, tem a ver com o ponto de vista soteriológico. Se os calvinistas acusam Armínio de ser um sinergista, isto é, que o ser humano coopera com sua salvação, eles estão completamente equivocados, pois, como monergistas, os calvinistas pensam que estão cheios de razão e com isso podem crucificar os arminianos. Ser um “arminiano” entre os calvinistas é ser um desviado da verdadeira doutrina. Este é um problema que vem de muito longe, desde os tempos de Pelágio e Agostinho, chegando até Lutero e Erasmo, depois de Calvino, calvinistas e Arminianos.

Armínio teve uma grande importância na igreja da Holanda. Por volta de 1602, ocorreu o falecimento de Francis Junius, professor de Teologia em Leiden, e foi interessante o fato de que os curadores da Universidade colocaram seus olhares sobre Jacó Armínio. Tais olhares não foram em vão, pois foi convidado pelos curadores da Universidade para ocupar a vaga do patenteador professor Francis Junius. Os curadores acharam Armínio a pessoa mais indicada para ocupar aquela cátedra. O convite que foi feito a ele e sua aceitação gerou uma intensa oposição, a qual Armínio teve que enfrentar. Armínio era muito dedicado e se comprometeu a ocupar tão nobre cargo.

Muitos dos teólogos e ministros ultracalvinistas fizeram um intenso protesto, e de modo violento, diante da sua entrada na Universidade de Leiden para ocupar uma cátedra tão nobre. Não foi muito fácil a sua permissão pelo Supremo Tribunal de Haia,<sup>191</sup> porém a sua transferência foi obtida por meio de uma intercessão especial de Uytenbogardt, célebre ministro de Haia, bem como também de N. Cromhoutius, do Supremo Tribunal da Holanda, e do próprio chefe de Estado, Maurício, príncipe de Orange. Em oposição forte, os ultracalvinistas tinha o apoio incondicional de Francis Gomarus, também professor de Leiden,

---

<sup>191</sup> O Tribunal Internacional de Justiça ou Corte Internacional de Justiça é o principal órgão judiciário da Organização das Nações Unidas. Tem sede em Haia, nos Países Baixos. Por isso, também costuma ser denominada como Corte da Haia ou Tribunal da Haia. Sua sede é o Palácio da Paz.



que se mostrou com um espírito restrito e amargo contra Armínio. Assim, as primeiras controvérsias que surgiram do desafio Arminiano na Igreja Calvinista, que duraram de 1609 a 1618, teve como consequência a decisão do Sínodo de Dort, de expulsar os Arminianos e Maurício, bem como seus líderes dos Países Baixos. A partir daí muitas outras controvérsias entre calvinistas e arminianos ocuparam grande parte de tempo, e até hoje, na igreja protestante.

Ao ser desenvolvido o presente trabalho, e para concluí-lo, não se tem a intenção de fazer uma síntese de cada capítulo, uma vez que já consta na introdução. Porém, diante de tantos encontros e muito mais, desencontros, o que se deseja enfatizar como palavras concludentes é algo que todos os pensadores necessitam ter para que haja uma convivência fraterna, uma vez que todos os que professam a fé em Deus, são por ele amados e guardados.

Em primeiro lugar, quaisquer debates de ideias são importantes entre os pensadores. Na história surgiram grandes debatedores e grandes ideias surgiram de intensos debates. Discutir ideias é o que pode mais interessar entre homens e mulheres do tempo que se chama hoje, até mesmo porque há uma carência de expoentes no meio protestante. As discussões hoje no Brasil são líquidas.<sup>192</sup> Uma boa parte do que se prega e ensina tem um fundamento superficial, nada havendo de abrangência e profundidade.

Em segundo lugar é preciso discutir ideias e não agredir pessoas, pois o respeito à pessoa é de fundamental importância para quem pensa e faz Teologia ou qualquer outra ciência. O que se presencia em debates pelos meios de comunicações demonstram uma certa realidade pueril e bestial. Por outro lado, onde existe equilíbrio, sem a perda de identidade, certamente se constitui um ambiente de cultura e de crescimento educativo, com perspectivas para um mundo melhor. O que mais produz enfermidades educacionais são os extremos. Extremos religiosos e sociais, indo até mesmo ao nível científico, gerando dogmas petrificados que dessacralizam a vida e a existência como espaço de vida.

Por último, é importante a existência de uma metodologia correlacional. Ao ser estabelecido um diálogo, por exemplo. Para a discussão de ideias, retirar o que pode produzir sínteses dos opostos. Isto é em virtude de poder sempre existir um ponto de conexão. Até mesmo porque ninguém é dono da verdade. Vive-se num mundo em convulsão, mas sempre

---

<sup>192</sup> Evoca-se aqui o pensamento de Zygmunt Bauman. Desenvolveu uma ideia de que hoje a Sociedade é Líquida. Nascido em uma família de judeus poloneses não praticantes, ele e seus familiares transferiram-se para a União Soviética após a invasão e anexação da Polônia (1939) por forças alemãs e soviéticas (então aliadas nos termos do Tratado Germano-Soviético). Durante a Segunda Guerra Mundial, Bauman serviu ao Primeiro Exército Polonês, controlado pelos soviéticos, atuando como instrutor político. Participou das batalhas de Kolberg (atual Kołobrzeg) e de Berlim. Em maio de 1945, foi condecorado com a Cruz de Valor. Conheceu sua esposa, Janine Bauman, nos acampamentos de refugiados polacos. foi um sociólogo e filósofo polonês, professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.

existiram as convulsões, mas como a população aumentou e, também, a Ciência obteve grande progresso, a convulsão ou convulsões aumentaram. Daí a necessidade urgente de não mais se perceber as pessoas como eleitas e não eleitas, calvinistas e arminianas, mas, sobretudo como pensadores imbuídos de uma metodologia em que haja correlação e comunicação, porque é tempo de pontuar o que é mais importante para se preocupar.

A vida acadêmica segue o seu curso, e muitos trabalhos ainda surgirão acerca do pensamento de Jacó Armínio, com a finalidade de se fazer conhecido e, também, serem promovidos diálogos em que não haja vencidos e vencedores, mas haja pessoas conscientes de que vale a pena lutar a boa peleja.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. Português. A Bíblia Sagrada Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade de Bíblica do Brasil, 1996.

ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

\_\_\_\_\_. *As obras de Armínio*. Vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

\_\_\_\_\_. *As obras de Armínio*. Vol. 3. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

BRAKEMEIR, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal/São Paulo: Paulus, 2002.

BRIGTH, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 2003.

BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. México: La Antorcha de Mexico, 1949.

\_\_\_\_\_. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CALVINO, João. *Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. Vol. 1. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.

\_\_\_\_\_. *Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. Vol. 2. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.

\_\_\_\_\_. *Comentário de 2 Coríntios, 3.12-18*. São Paulo: Paráclitos, 1995.

CARVALHO, César Moisés. *Pentecostalismo e Pós-Modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à Teologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

COMISSÃO INTERLUTERANA DE LITERATURA. *Martinho Lutero*. Obras selecionadas. São Leopoldo: Sinodal/Porto Alegre: Concórdia, 1993.

COSTA, Gesiel Silva. *A Teologia Armínio-Wesleyana*. São Paulo: Reflexão, 2016.

COUTO, Vinicius. *Introdução à Teologia Armínio-Wesleyana*. São Paulo: Reflexão, 2014.

ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1992.

GUNTER, W. Stephen. *Armínio e suas declarações de sentimentos*. São Paulo: Reflexão, 2017.

- HAMMES, Érico João. *Orientações para trabalhos científicos*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013.
- LEITE, Eduardo Silva. *O Sínodo de Dort: uma história das controvérsias entre a teologia arminiana e calvinista*. São Paulo: Reflexão, 2016.
- LUTERO, Martim. *Da Liberdade Cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 1979.
- MENDES, Naamã. *Igreja: lugar de vida*. Venda Nova: Betânia, 1992.
- MAGGIONI, B. *O Evangelho de João: da obra de Os Evangelhos (II)*. São Paulo: Loyola, 1992.
- MAIA, Carlos Kleber. *Depravação Total: Arminianismo*. São Paulo: Reflexão, 2015.
- MARIANO, Wellington. *O que é Teologia Arminiana?* São Paulo: Reflexão, 2015.
- NOBBS, Douglas. *Teocracia e Tolerância: um estudo das controvérsias no calvinismo holandês de 1600 a 1650*. São Caetano do Sul: Bvbooks, 2017.
- OLIVEIRA, Ivan Maia de. *Pelagianismo-Semipelagianismo: Arminianismo*. São Paulo: Reflexão, 2016.
- OLSON, Roger E. *Teologia Arminiana: Mitos e Realidade*. Reflexão: São Paulo, 2013.
- ROCHA, Nelson Célio de M. *Teologia e Biodiversidade: Desconstruções de dualismos na mentalidade ocidental*. Petrópolis: Bem Cultural, 2017.
- RODRIGUES, Zwinglio. *Graça Resistível: Arminianismo*. Reflexão: São Paulo, 2016.
- RUBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na Pluralidade*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- STANGLIN, Keith D.; McCALL, Thomas H. *Jacó Armínio: Teólogo da Graça*. São Paulo: Reflexão, 2016.
- TITILO, Thiago. *Eleição Condicional: Arminianismo*. São Paulo: Reflexão, 2015.
- VAILATTI, Carlos Augusto. *Expição Ilimitada: Arminianismo*. São Paulo: Reflexão, 2015.
- WALKER, W. *História da Igreja Cristã*. 3. ed. São Paulo: Aste, 2006.
- WEITT, Osmar L.; ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.). *Irreverência, compromisso e liberdade: o testemunho ecumênico do pastor Breno Arno Schumann (1939-1973)*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2004.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria Acadêmica  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [proacad@pucrs.br](mailto:proacad@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br/proacad](http://www.pucrs.br/proacad)